REVISTA DA SEMANA

N. 14 3-4-54 Cr$ 5,00 em todo

GRATIS



ERVA DO BRASIL PARA ESTERILISAR MILHÕES DE JUDEUS

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexigá, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilena»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radicativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

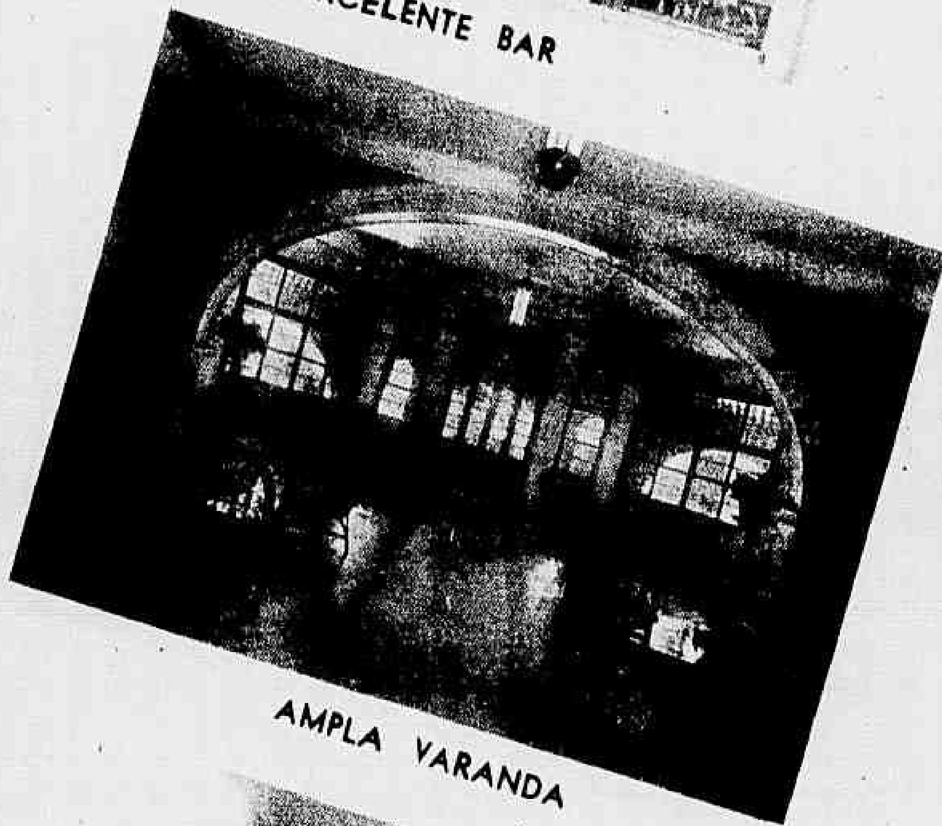
★

RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20. Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela. AGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.



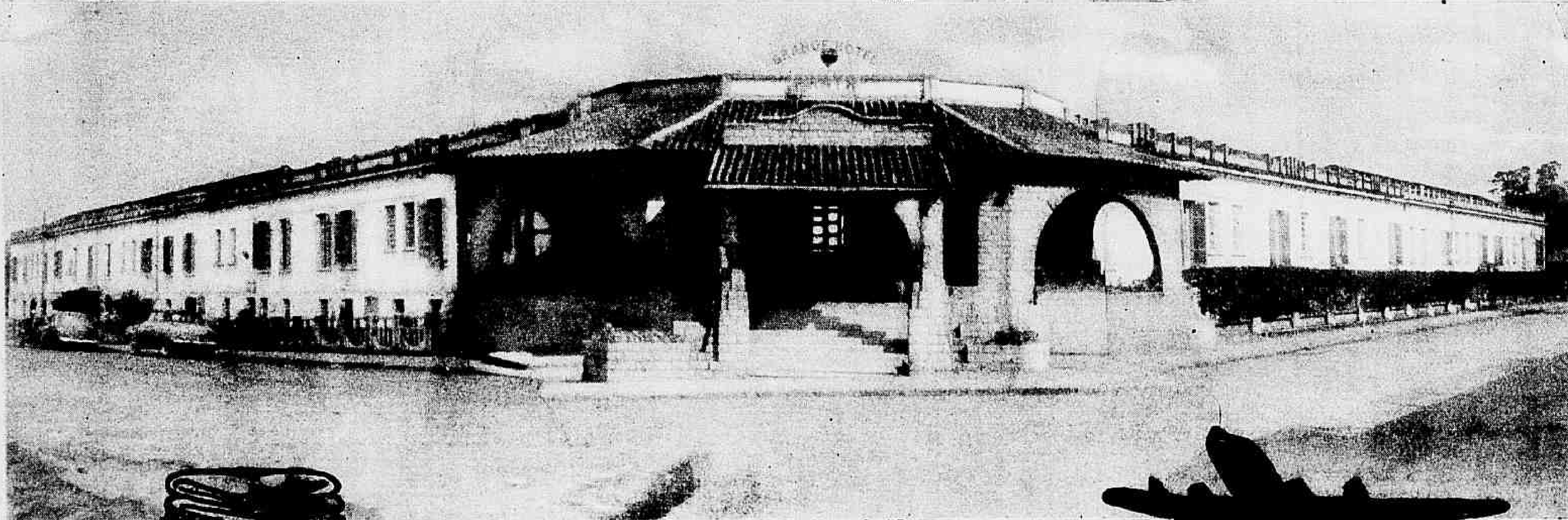
EXCELENTE BAR

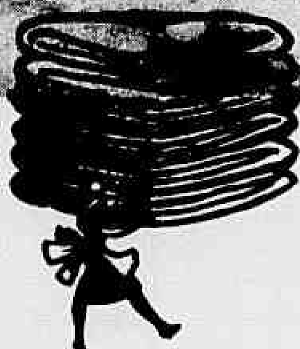


AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES

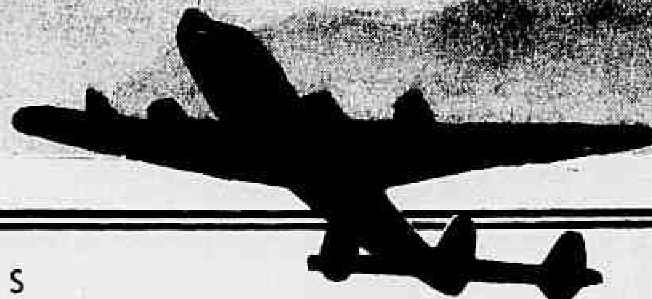




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Calda — via São Paulo
★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte
(do aeroporto a Águas da Prata
30 minutos de automóvel)

REVISTA DA SEMANA

ANO LI — Nº 14 — 3-4-1954

SUMÁRIO

Jardim Botânico 4/8
No hay oposicion! 10/13
400 milhões de fiéis rezam pela vida de Pio XII 14/18
Um homem na vida de um hospital 20/21
Rio, capital mundial do contraste 28/31
Os pernambucanos federais ... 40/43
Brasil 4x1 .... 50/57
A Feia 19
Por êsse mundo de Deus 22/23
Semana Literária 24/25
Deslumbramentos e desordens.. 26/27
Primavera em Nova York 32/33
Week-ende na cozinha 34/35
Conversa de mulher 36/37
Último flash 58

Capa:
LISABETH TAYLOR
(Kodachrome M.G.M.)

- Redator-Chefe: **Joel Silveira**
- Assistentes: **Hélio Abreu** e **Leon Aliachar**
- Paginação: **Victor Tapajós**
- Desenhos: **Alberto Lima**
- Publicidade: **J. M. Costa Júnior, S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna** e **A. Nóbrega**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da **CIA. EDITÔRA AMERICANA.**

- Diretor: **Gratuliano Brito**
- Assistente: **Renato de Alencar**

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SAO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569
Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Tel.: 33-4811.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

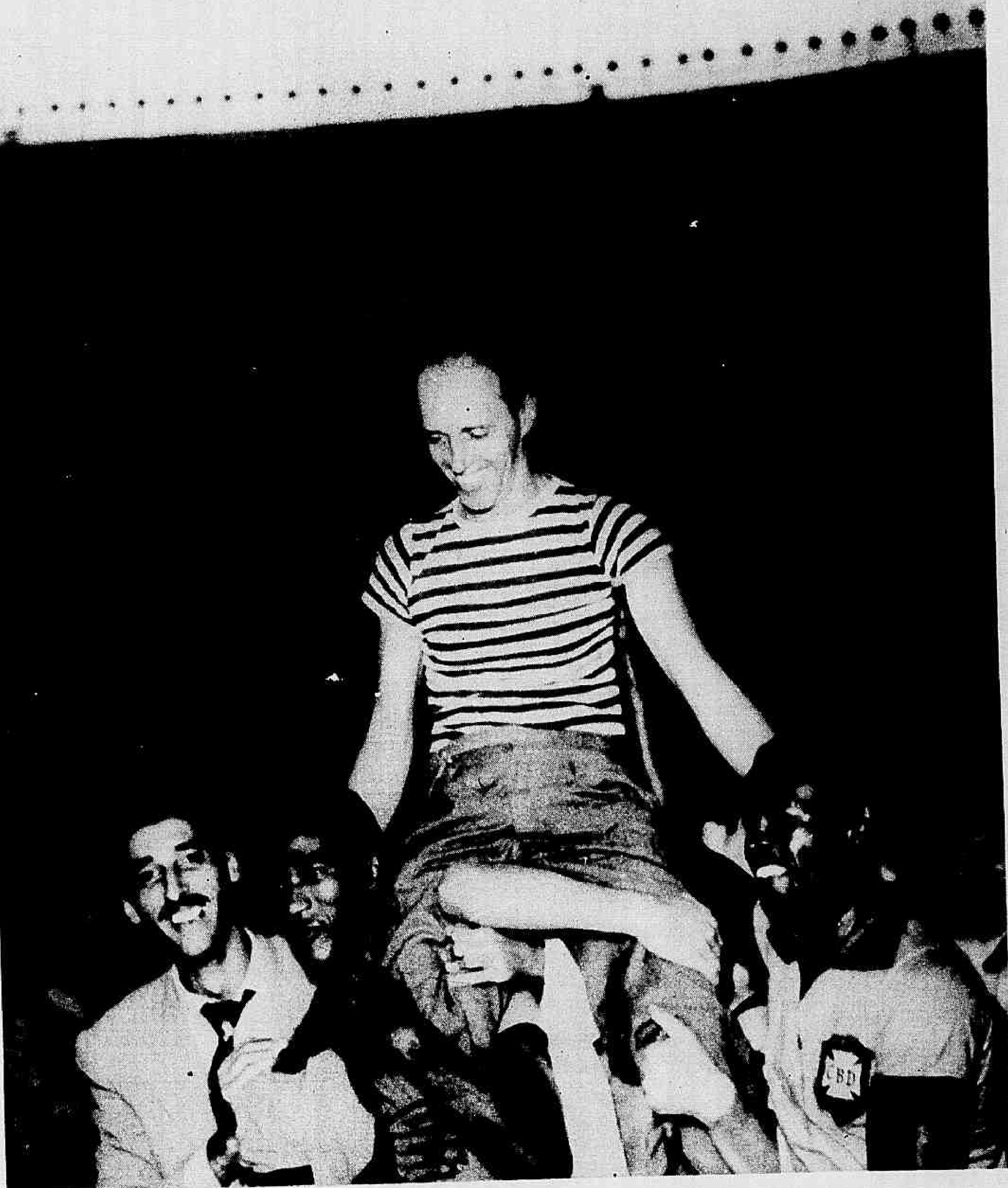
ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

ZEZÉ MOREIRA viu as coisas pretas, no primeiro tempo; mas, na segunda fase do emocionante jôgo, o pesadelo se desfez como nuvem levada pelo vento. E o mêdo acabou numa consagração gritada por 180 mil pessoas.



GANHAMOS NOVAMENTE A GUERRA COM O PARAGUAI

BRASIL 4 X 1

Ampla reportagem nas páginas 50-57



ESTERILIZAÇAO DE MILHOES DE JUDEUSCO

HIMMLER QUASE GRITOU, EMPOLGADO: «APROVO O PLANO. HEIL HITLER!»



Na mansa e doméstica «dieffenbachia seguine» do Brasil (foto maior) o furor homicida dos nazistas descobriu uma ignóbil arma de aniquilamento. Mas o sinistro plano de Himmler, que vemos na foto menor horas após o seu suicídio por envenenamento, não chegou a ser realizado: é que o povo obrigara o govêrno de Vargas a entrar na guerra ao lado das democracias.

UMA HISTÓRIA MEDONHA QUE COMEÇOU EM 1942, QUE FOI REVELADA AO MUNDO, PELA PRIMEIRA VEZ, EM 1945, MAS QUE SÒMENTE AGORA (COM A DESCOBERTA DE DOCUMENTOS SECRETOS) PODE SER CONTADA DO PRINCÍPIO AO FIM.

Rèportagem de JOEL SILVEIRA

ENTRE os colaboracionistas aprisionados pelos aliados, quando, já no fim da guerra, êstes libertaram a Tchecoslováquia, encontrava-se um homenzinho franzino, nervoso, óculos de lentes grossas e fala metálica. Era o botânico Carl Taubak. Taubak, cientista competente, entendido em plantas tropicais, fôra obrigado a trabalhar para os nazistas. Foi êle quem contou pela primeira vez, quando interrogado pelo G-2 norte-americano, que Hitler e Himmler planejaram, no comêço de 1942, esterilizar perto de 6 milhões de judeus, utilizando para isso o suco de um vegetal brasileiro — o «caladium senguinum». Indagado sôbre se a terrível experiência havia sido ultimada, Taubak não deu maiores informações — não sabia ao certo.

A notícia correu o mundo. Em fins de abril de 1945 (a guerra estava vivendo os seus últimos instantes) os jornais brasileiros a estamparam — mas sem maior destaque. É que outros acontecimentos, mais sensacionais, atraíam a atenção do público: Hitler encurralado entre as ruínas da sua Chancelaria; a captura de Berlim, que estava por horas; o fuzilamento de Mussolini nas margens do Como, etc. As manchetes se sucediam, cada qual mais dramática: e não havia nelas lugar para a estranha revelação do botânico Carl Taubak. O assunto foi esquecido. Apenas um outro telegrama, dias depois, transmitia uma emenda ao primeiro despacho: a planta brasileira não era o «caladium senguinum», mas uma outra espécie — a «dieffenbachia seguine».

É uma história velha de quase dez anos, mas que sòmente agora, com a exumação de documentos até então desconhecidos, surge completa e tremendamente hedionda na sua realidade. Sim — tudo fôra planejado; um pequeno médico passara a idéia monstruosa a Himmler, o mais graduado carrasco do nazismo; Himmler levara-a ao Fuehrer — e Hitler exultara: Aprovado!

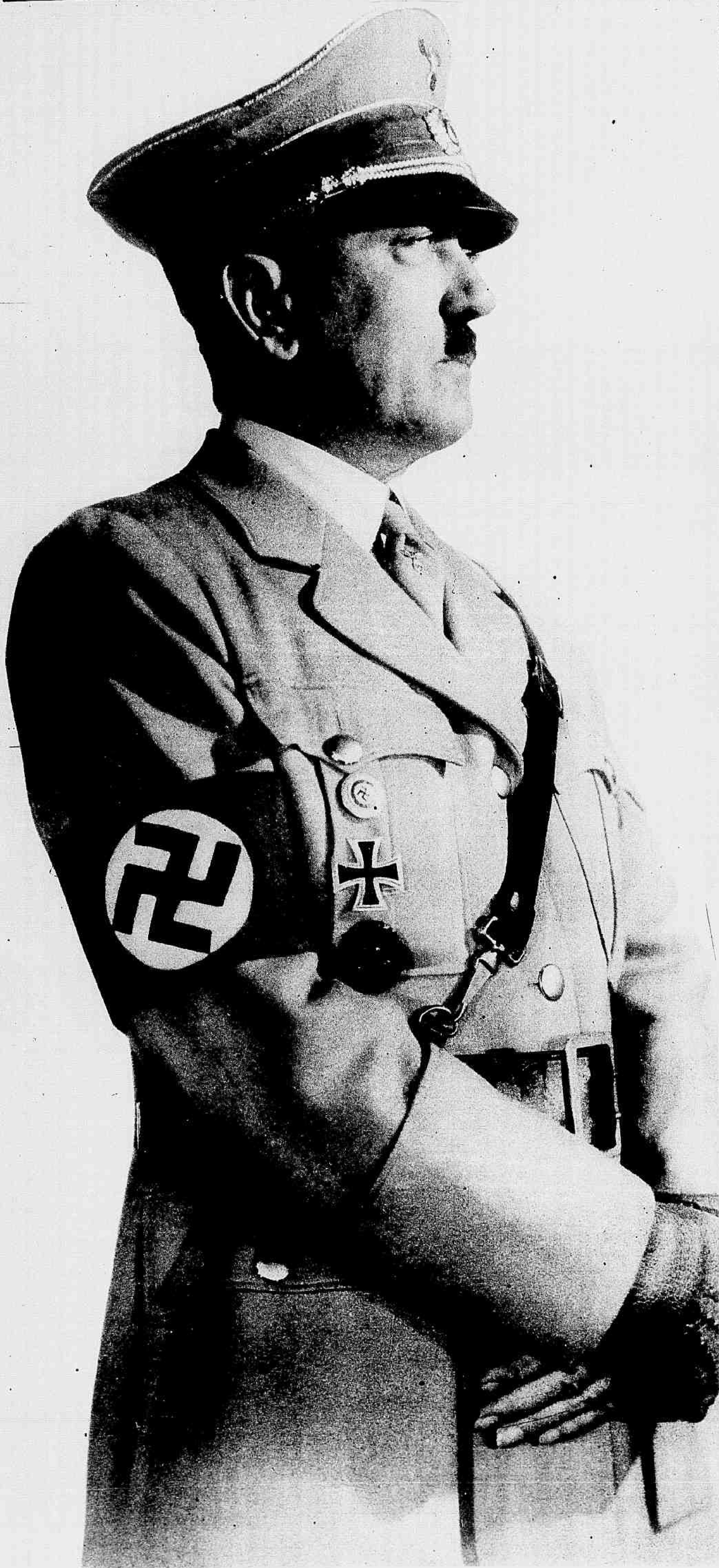
Leon Poliakov, um judeu francês, passou anos inteiros caçando documentos, fatos, confissões, depoimentos, etc., que lhe permitissem escrever um livro sôbre a guerra de Hitler contra os judeus — desde os primeiros «pogroms» populares de 1933 até as exterminações metódicas e científicas que redundaram nos horrorosos massacres de 1943 e 1944. Os documentos foram completados, confissões e depoimentos foram recolhidos — e o livro pôde ser escrito. E é nela — no «Breviaire de la Haine», de Leon Poliakov — que encontramos a história exata daquilo a que poderemos chamar «O caso da herva brasileira».

AUTO-RETRATO DE HIMMLER

Mas por quê esterilizar os judeus, e não exterminá-los completamente, como era do programa nazista? Himmler, num relatório aos seus subordinados mais imediatos (entre os quais Heydrich) justifica a mudança de tática. Estamos nos começos de 1942; começa a fazer-se sentir a falta de mão-de-obra na Alemanha, porque poucas classes ainda não foram convocadas. A solução é apelar para os judeus e arregimentá-los, em massa, para o «trabalho escravo». As próprias condições do trabalho, aliadas à quase nenhuma alimentação e à falta absoluta de medicamentos, se encarregariam de acabar paulatinamente com os judeus — mas enquanto definhavam, à espera de uma morte certa, poderiam êles perfeitamente pôr o seu último alento a serviço da máquina de guerra alemã. Em dezembro de 1941, discursando numa reunião dos SS, o próprio Himmler assim resumiu e justificou o seu plano: «A sorte de um russo ou de um tcheco não me interessa de maneira alguma. Para mim é indiferente saber que essas nações vivem prósperas ou entregues à fome. Só me interessa saber apenas até que medida

EUS COM O SUCO DA PLANTA DO BRASIL

ESTERILIZAÇÃO DE MILHÕES DE JUDEUS...





essas nações podem servir, como escravas, à cultura alemã. Que 10 mil mulheres russas morram de esgotamento, ao cavarem fossos antitanques, isso me é inteiramente indiferente, contanto que o fosso seja cavado».

Essa oração, de eloqüência tão fria e sinistra, chegou até Nuremberg. Mas Himmler não pôde ouvi-la repetida pelos juízes que teria de enfrentar: matou-se antes, após vãs tentativas de conseguir, por intermédio do Conde Bernadotte, chegar às boas com os aliados. Porque êle, Heinrich Himmler, tentou trair Hitler vinte e dois dias antes do fim da guerra. Apenas não achou a quem vender a sua alma, que já era do diabo.

O PLANO DE BRACK ERA MUITO CARO

O plano de esterilizar milhões de judeus através a injeção do suco da «dieffenbachia seguine», a planta cujas sementes seriam importadas do Brasil, data de 1942. Mas, antes dêle, um outro estêve igualmente em cogitações. Objetivo: ainda a esterilização. Processo: aplicação de um tratamento de Raios-X às pessoas que deviam ser esterilizadas.

O autor do plano é um jovem médico de nome Victor Brack, amigo pessoal de Himmler. Em janeiro de 1941, atendendo a uma consulta de Himmler, Brack expõe numa carta, a maneira pela qual milhões de judeus poderiam ser submetidos ao seu «tratamento» e, por

conseguint
Nuremberg
citadas du
«document
minação v
diz: «Na
meter as
de convo
preencham
— em sum
três minut
disfarçado
mava ain
dois tubo
de 200 a
dêsses di
assim a
resumo,
a técnica
mente, n
sucesso
entanto,
mento se
a consta
meio dos
Experiê
chegaran



s, à cultura
de esgota-
me é inteira-
ja cavado».
stra, chegou
uvi-la repe-
: matou-se
r intermédio
os aliados.
Hitler vinte
s não achou
do diabo.

s através a
», a planta
sil, data de
igualmente
ização. Pro-
Raios-X às

nome Victor
eiro de 1941,
Brack expõe
es de judeus
ento» e, por

conseguinte, esterilizados. Quando do julgamento de Nuremberg, a carta de Brack, que foi várias vêzes citadas durante o enorme processo, recebeu o nome de «documento do guichet». A explicação para tal denominação vem num trecho da carta de Brack, onde êle diz: «Na prática, apresenta-se um meio fácil de submeter as pessoas à aplicação do Raio-X: será êle o de convocá-las a um «guichet», pedindo-lhes que preencham um formulário ou crivando-as de perguntas — em suma, entretendo-as o tempo necessário (dois ou três minutos) para que o aparelho de Raios-X, disposto disfarçadamente por detrás, opere com sucesso». Informava ainda Brack que «um dispositivo comportando dois tubos, aplicado ao aparelho, poderia esterilizar de 200 a 300 pessoas por dia, e com uma vintena dêsses dispositivos, de 3.000 a 4.000». E Brack conclui assim a sua carta ao amigo Heinrich Himmler: «Em resumo, posso dizer que graças a êsse processo, a técnica e o estudo dos Raios-X permitem perfeitamente, na hora atual, empreender-se com absoluto sucesso uma esterilização em massa. Parece, no entanto, impossível submeter as pessoas a êsse tratamento sem que mais cedo ou mais tarde elas venham a constatar que foram esterilizadas ou castradas por meio dos Raios-X».

Experiências de esterilização por meio de Raios-X chegaram a ser ordenadas por Himmler — mas em casos esporádicos. A esterilização maciça sugerida por Brack nunca chegou a ser efetivada. O projeto foi abandonado (talvez pelo seu custo elevado), e em começos de 1942 temos Himmler todo atento a um novo plano: o plano da esterilização em massa através a inoculação do suco de uma planta que é uma das constantes mais variadas da flora brasileira. Surge, então, no pavoroso cenário da brutal inquisição nazista o nome da «dieffenbachia seguine».

A MORTE ESCONDIDA NUM VEGETAL APARENTEMENTE MANSO

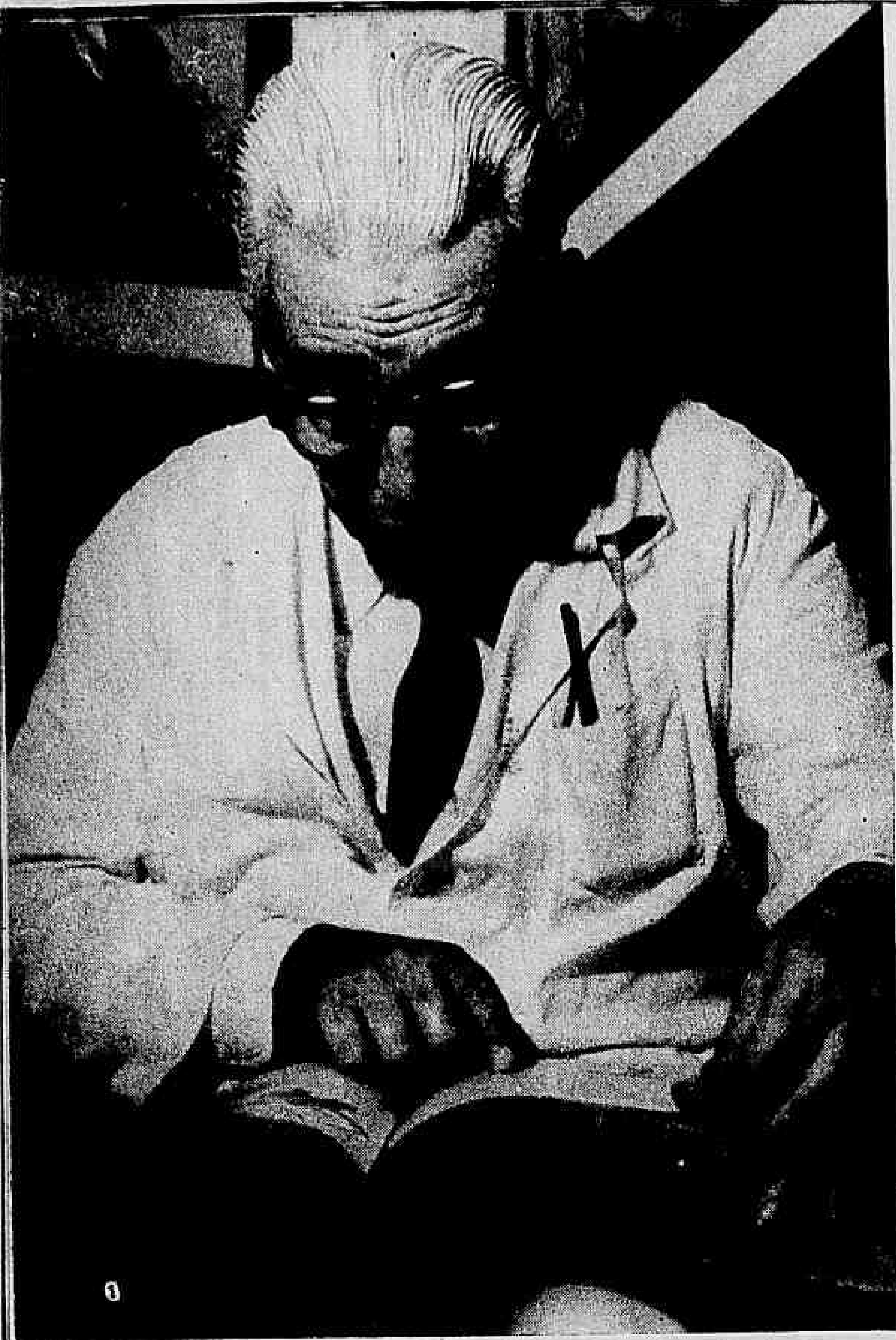
No norte do Brasil (no Amazonas, no Pará e no Maranhão, principalmente) ela não tem êsse nome complicadamente erudito: conhece-a, a gente local, por nomes mais vulgares, como «Aninga-Pará» ou «canamarona». É uma planta ornamental, comuníssima em qualquer casa de flores aqui do Rio. No Jardim Botânico, onde estivemos em busca de tôdas estas informações, há diversas variedades dela. O professor Paulo Campos Pôrto, diretor do Jardim, nos traçou tôdas as suas características botânicas: a «dieffenbachia seguine» pertence à família das aráceas, têm fôlhas verdes salpicadas de máculas brancas. As fôlhas são ovais e oblongas ou, então, cordata ou sub-acuta. Não se trata de uma planta de origem brasileira, mas colombiana; hoje, no entanto, nasce e cresce no Brasil inteiro. No Brasil, a «dieffenbachia seguine» prolifera em 8 variedades: a «nobilis-liturata», a «irrorata», a «ebúrnea», a «latimaculata» (a mais comum), etc.

A «dieffenbachia seguine» encerra um suco acre, oleoginoso, corrosivo, sumamente tóxico. O professor Walter B. Mors, chefe da Seção de Química Vegetal do Instituto de Química Agrícola do Ministério da Agricultura, com quem também conversamos, declarou-nos: «Poucas gôtas do suco da «dieffenbachia» colocadas na bôca de uma pessoa, provocam que êsse órgão inche a enormes proporções, ficando a vítima a se retorcer de dôres e impossibilitada de falar».

O professor Paulo Campos Pôrto levou-nos ao local, no Jardim Botânico, onde crescem as variedades da «dieffenbachia seguine». A planta era uma nossa velha conhecida: vimo-la não sei quantas vêzes em jarros domésticos, com as suas fôlhas largas e pintalgadas de branco, prosaica e mansa como um «croton» ou uma begônia caseira.

HIMMLER: «PLANTEM JARDINS BRASILEIROS»

Mas o doutor Pokorny, um engenhoso médico militar dos SS, sabia que por detrás da singeleza pacata da «dieffenbachia seguine» brasileira escondia-se a morte — e a pior espécie de morte, aquela que



O professor Paulo Campos Pôrto, diretor do [illegible] Botânico, mostra ao repórter, num tra[illegible] de Botanica, as várias modalidades da «dieffenbachia seguine». Êle também soube, em 1945, do tenebroso plano de Himmler e são velhas conhecidas suas as propriedades esterilizantes da aparentemente pacata [illegible] que é encontrada no Brasil inteiro.

ESTERILIZAÇÃO DE MILHÕES DE JUDEUS...

produz, não cadáveres, mas mortos-vivos, estéreis e incapazes; mulambos de homem. Um dia, em seu laboratório de campanha, êle mostrou aos seus assistentes um líquido turvo, esverdeado e quase oleoso, que guardava numa ampola. Explicou que aquilo era o suco estraído de uma planta brasileira; e que o mesmo, após passar por um processo químico, injetado numa pessoa, fá-la-ia estéril. O doutor Pokorny era um ambicioso: num relatório palavroso e excessivamente erudito êle faz aquela comunicação a Himmler. Himmler inflama-se novamente. E já em começos de 1942, o doutor Pokorny recebe ordens de orientar o cultivo intensivo da «dieffenbachia» em solo alemão. Sacos de sementes e variedades de «mudas» são mandados buscar no Brasil; armam-se (na Austria, de clima mais ameno) estufas onde reina uma temperatura tropical; logo se espalham no chão austríaco pequenos jardins tìpicamente brasileiros, cobertos e cercados de vidro. Dois batalhões inteiros dos SS são postos à disposição do doutor Pokorny, para o cultivo e o tratamento da planta importada.

Num outro relatório — escrito quando já começam a medrar os primeiros «jardins» — o doutor Pokorny sugere ao Reichsfuhrer Heinrich Himmler administrar o suco da «dieffenbachia seguine» não sòmente ao restante dos judeus enjaulados nos campos de concentração ou acorrentados ao trabalho forçado, mas também a três milhões de prisioneiros de guerra. A paranóia nazista vai, então, num crescendo: Himmler não quer apenas impossibilitar a procriação judia, mas aquela de tôdas as demais «raças inferiores». O próprio Pokorny, no seu relatório, lembra que «a queda total da proliferação das raças inferiores faz parte das tarefas mais urgentes da política racial alemã».

A MAQUINA PRONTA PARA FUNCIONAR

Em julho de 1942, as experiências com o plantio da arácea brasileira se coroam do mais absoluto sucesso: aconchegadas em suas estufas de vidro, as plantas crescem, viçosas, se espalmam em fôlhas ovóides, se salpicam de pequenos círculos brancos como leite. Agora é tratar do seu cultivo em grande escala. Mais «mudas» e mais sementes deverão ser importadas do Brasil; ultimam-se os preparativos; as autoridades consulares alemães no território brasileiro recebem instruções para a aquisição e embarque imediato, para a Alemanha, aos cuidados do Reichsfuhrer Heinrich Himmler, da planta fatal. Tudo está pronto. A máquina diabólica não tardará a funcionar: nos campos de concentração, nas fábricas, nos estaleiros, nos guetos abarrotados, milhões de desgraçados esperam a hora em que serão transformados, com a ajuda da até então inocente planta brasileira, em mulambos humanos, em caricaturas de homem.

Mas é exatamente nesse instante — no último minuto da derradeira hora — que aconteceu o imprevisto.

O IMPREVISTO

O imprevisto aconteceu na foz do Rio Real, entre Sergipe e a Bahia, naquele agôsto de 1942: cinco navios brasileiros são afundados, ali, em menos de uma semana, por submarinos alemães. Há centenas de mortos: mulheres, crianças, velhos, gente inocente e desarmada. O país se inflama. No Rio, milhares de pessoas formam um grosso exército improvisado e espontâneo, marcham pela Avenida Rio Branco, vão até o Palácio do Catete exigir de Vargas, que ainda namora o nazi-fascismo, a pronta declaração de guerra. A multidão está rouca e carrancuda: é perigoso enfrentá-la ou contrariá-la. A guerra é declarada logo no dia seguinte.

O Reichsfuhrer Heinrich Himmler não terá mais as suas preciosas sementes, não poderá multiplicar os seus jardins fatais — e a «dieffenbachia seguine» do Brasil, arrumadas caprichosamente nas suas estufas mornas, serão apenas a lembrança verde e pouco salpicada de branco de um plano ambicioso e sinistro que não pôde ser levado avante.



Quando a guerra chegava ao fim, e já não era mais possível alimentar os escravos judeus do trabalho forçado, Hitler e Himmler ordenaram a exterminação em massa da raça condenada. Só em Belsen (foto acima) milhares dêles foram fuzilados ou assassinados nas câmaras de gás.

P. D. F. — MONTEPIO DOS EMPREGADOS MUNICIPAIS

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1953 — RESUMO

ATIVO

DISPONÍVEL			
Caixa			
Em moeda corrente		4.487.965,70	
Depósitos em Bancos:			
— Banco da P.D.F. S/A	4.277.494,40		
— Banco do Brasil S/A	566.572,80	4.844.067,20	
Em poder da P.D.F.			
— Saldo de consignações		3.936.194,80	13.268.227,70
REALIZAVEL			
Emprést. a Servidores Municipais			
Classes diversas	594.277.210,40		
Hipotecários	148.264.139,60		
Financiamento imobiliário	15.636.229,90	758.177.579,90	
Débitos Diversos			
Prefeitura do D. Federal	21.145.936,10		
Dep. Estradas Rodagem—P.D.F.	424.896,10		
Diversas Contas	6.856.600,40	28.427.432,60	
Imóveis			
Terrenos e edifícios destinados a venda		8.625.000,00	
Títulos e Valores Mobiliários			
Apólices da dívida pública em poder do Tesoureiro do MEM	63.600,00		
Ações do Banco da P.D.F. S/A.	9.000.000,00	9.063.600,00	804.293.612,50
IMOBILIZADO			
Edifício sede do MEM	18.000.000,00		
Veículos, móveis e utensílios	2.130.317,60		20.130.317,60
RESULTADOS PENDENTES			
Consignações em Suspenso			
— Dec. nº 9048, de 2-12-47	5.097.836,00		
— Port. nº 427, de 11-12-47	108.719,40		
Diversas Contas	381.801,20		
CONTAS DE COMPENSAÇAO			
Imóveis hipotecados	156.669.063,00		
Obras financiadas	25.089.764,90		
Seguro fidelidade	190.000,00		181.948.827,90
			1.025.229.342,30

PASSIVO

NAO EXIGÍVEL			
Patrimônio		20.130.317,60	644.107.515,40
Reservas Técnicas		623.977.197,80	644.107.515,40
EXIGÍVEL			
Responsabilidades Contratuais			
Banco da P.D.F. S/A — (c/Empréstimos)	26.779.273,90		
Banco do Brasil S/A — (c/Empréstimos)	6.415.354,90		
Dep. Estradas de Rodagem — P.D.F. — (c/Especial)	20.000.000,00	53.194.628,80	
Depósitos de Terceiros			
Restos a Pagar	961.687,90		
Depósitos Imobiliários — Plano «C»	9.527.100,60		
Entidades Consignatárias	11.230.310,60		
Diversos Créditos	4.534.158,20	26.253.257,30	
Créditos Diversos			
Prefeitura do Distrito Federal:			
— Adiantam. Lei 427, de 30-11-49	42.000.000,00		
— Adiantam. Lei 672, de 7-12-51	42.000.000,00		
— Adiantam. Lei 752, de 5-12-52	35.000.000,00		
— Dec. nº 9048, de 2-12-47	107.342,30		
Diversas Contas	617.770,60	119.725.112,90	199.172.999,00
CONTAS DE COMPENSAÇAO			
Contratos de hipoteca	156.669.063,00		
Contratos de financiamento imobiliário	25.089.764,90		
Contratos de seguro	190.000,00		181.948.827,90
			1.025.229.342,30

EUCLYDES MAZZONI
Contador — Reg. 6.528 — C.R.C.

CONFERE
SEBASTIAO PEIXOTO ROCHA
Chefe — MEM — Mat. 143

VISTO
SÉRGIO NUNES DE MAGALHÃES JR.
Diretor

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA «RESULTADO DO EXERCÍCIO» — EXERCÍCIO DE 1953 — RESUMO

DÉBITO

EXECUÇAO ORÇAMENTARIA			
Despesa ordinária			
Pessoal, material, encargos diversos, etc.		37.370.325,30	
Despesa extraordinária			
Gratificações, etc		2.637.007,80	40.007.333,10
BENEFÍCIOS (Ordinários)			
Pensões, abonos, auxílios, etc.		39.333.302,20	
Menos:			
Parte debitada à P.D.F., de acôrdo com a Lei nº 444, de 12-12-49		6.786.402,10	32.546.900,10
BENEFÍCIOS (FUNDO DE MELHORIA)			
Aumento de pensão, abonos Natal, medicamentos gratuitos e serviços assistenciais			28.158.232,10
LUCROS & PERDAS			
Saldo desta conta transferido			1.130.701,50
Resultado transferido:			
FUNDO PARA MELHORIA DE BENEFÍCIOS	470.259,80		
FUNDO DE RESGATE	12.805.290,00		
RESERVAS TÉCNICAS	123.293.242,00		136.568.791,80
RESULTADO A REALIZAR			6.786.402,10
			245.198.360,70

CRÉDITO

de **EXECUÇAO ORÇAMENTARIA**			
Receita de contribuições, etc.		138.077.694,90	
Receita de juros diversos (líquidos)		71.935.085,20	210.012.780,10
de **FUNDO PARA MELHORIA DE BENEFÍCIOS**			
Benefícios concedidos neste exercício por conta dêste fundo			28.158.232,10
de **RESULTADO A REALIZAR**			
Importância dos aumentos de pensão pagos em 1951 ressarcida neste exercício face ao recolhimento feito pela Prefeitura do D. Federal			7.027.348,50
			245.198.360,70

EUCLYDES MAZZONI
Contador — Reg. 6.528 — C.R.C.

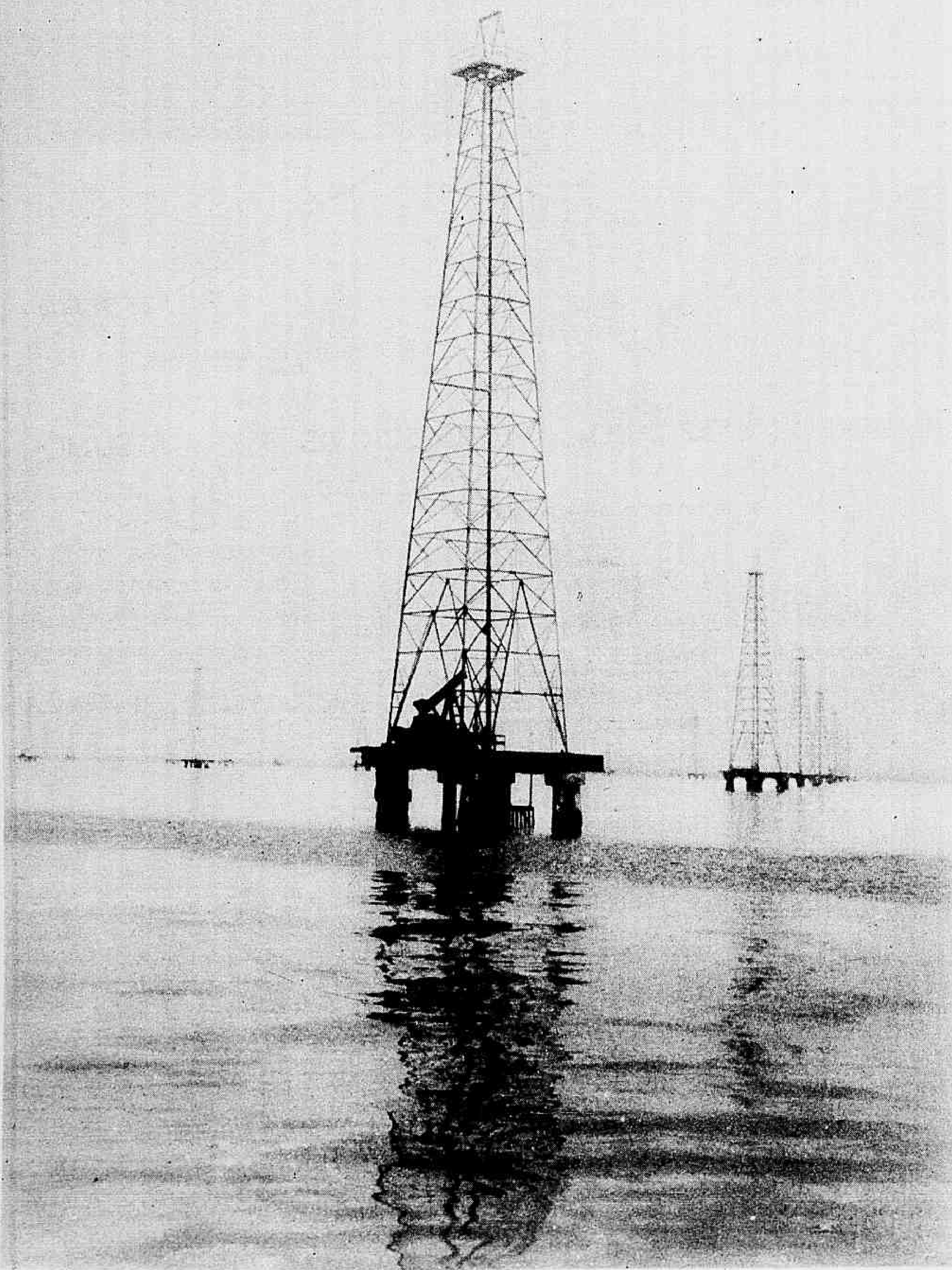
CONFERE
SEBASTIAO PEIXOTO ROCHA
Chefe — MEM — Mat. 143

VISTO
SÉRGIO NUNES DE MAGALHAES JR.
Diretor

Na Venezuela, palco da X Conferência Interamericana:

NO HAY OPOSICION!

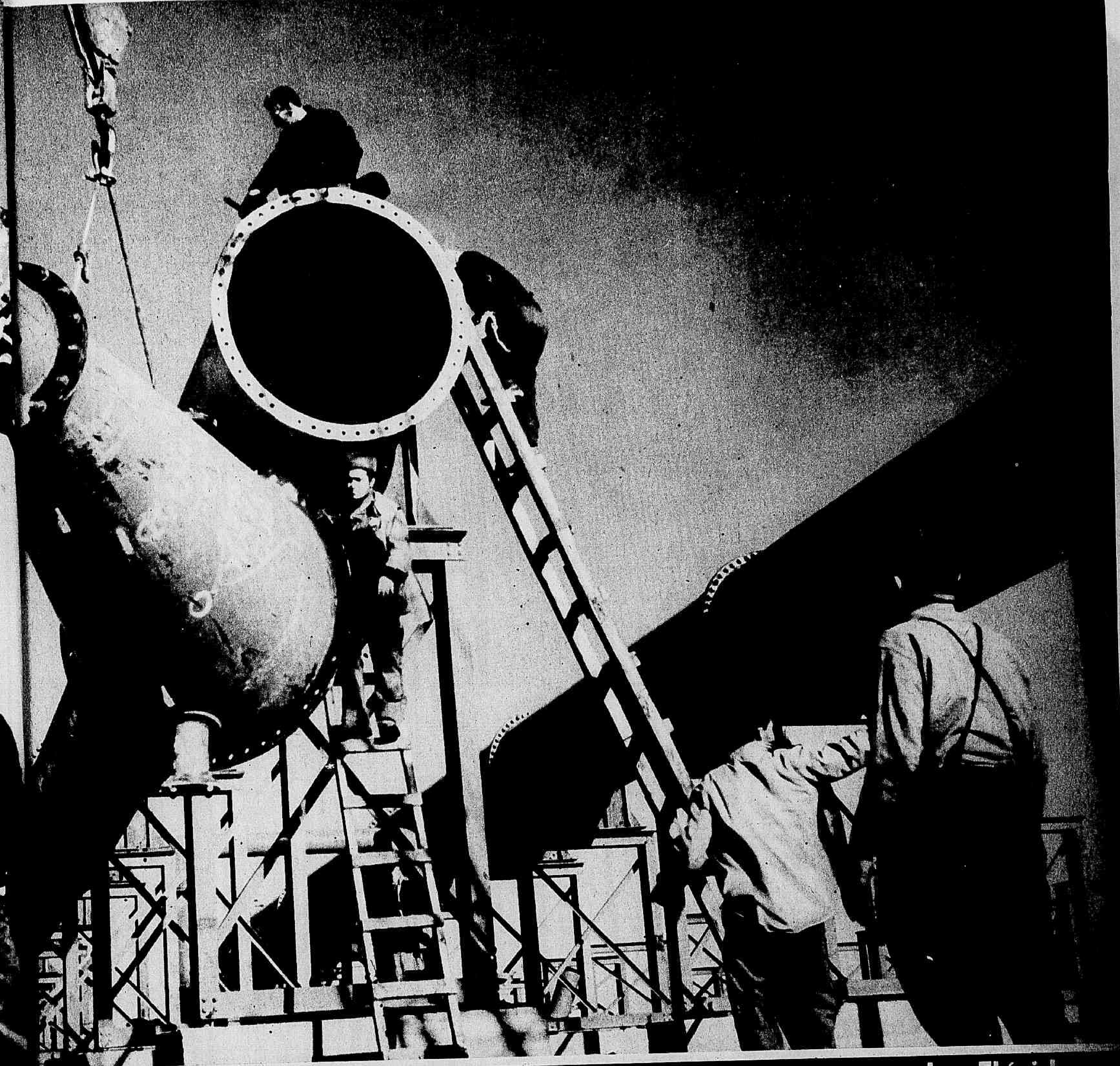
Reportagem de **LUÍS PAULISTANO** (Exclusiva para REVISTA DA SEMANA)





Venezuela: Tudo é

O repórter deixa o luxo funcional de Caracas, onde se reuniu o plenário panamericano, e põe-se a visitar os bastidores (políticos e econômicos) do país ★ Resultado: uma série de revelações atordoantes e imprevistas.



é

petróleo. A carne vem de Chicago. A alface vem da Flórida

É sempre possível que o motorista de táxi ignore o caminho que terá de seguir para transportar seu passageiro de um ponto a outro de Caracas e se torna difícil encontrar, mesmo entre os policiais que servem como inspetores de trânsito, algum que possa prestar um esclarecimento conveniente. Da mesma forma, o caraquenho fala com rapidez (e muito, como todos os venezuelanos), mas, ao fim da palestra de muitas palavras, não forneceu medida exata de suas reações diante da revolução econômico-financeira que o envolve: Isto acontece apenas porque se está construindo um novo sistema de vida, o dinheiro se derrama por milhões de bolívares sôbre a cidade e tôda gente ainda parece atônita, deslumbrada de assistir a êsse espetáculo formidável que lhe oferece a técnica ditatorial do govêrno, sob o patrocínio das emprêsas de petróleo.

FABRICAÇAO DA CIDADE

Em nenhum lugar do mundo, nos últimos seis anos, se tem realizado um volume de obras públicas tão amplo, faustoso e improvisado como na capital da Venezuela. Abrem-se ruas pavimentadas a cimento e se constroem bairros inteiros, antes que as fábricas de placas tenham tempo de entregá-las para designação dos novos logradouros. Anúncios luminosos por tôda parte fazem das ruas uma festa noturna cotidiana e, nas autopistas cimentadas, brilham centenas de filas duplas de lâmpadas de mercúrio. A sra. Vicente Ráo, depois de estar alguns dias em Caracas, seguiu para Nova York e de lá escreveu ao marido que estranhara apenas a escuridão das ruas, inclusive a Broadway. Nas festas oficiais rolam champanhe e uísque tanto como se também isso brotasse do solo. Christian Dior montou uma filial aqui e Jacques Balmain está expondo, agora mesmo, suas coleções. O incêndio de três casas comerciais sem maior projeção resultou num prejuízo de um milhão de bolívares (Cr$ 17.500.000,00). Em uma autopista o govêrno empregou 200 milhões de dólares. Ergue-se a cidade universitária para saber-se apenas ao fim da construção qual foi o seu custo exato. Há um automóvel para cada 10 habitantes (população de 700 mil pessoas, 70 mil carros) e em cada casa, inclusive os barracões nos morros, há pelo menos um aparelho de televisão, captando transmissões de três emissoras concorrentes. No carnaval, 350 «carrozas» desfilaram uma riqueza que custou mais de um milhão de bolívares, recorrendo-se a aviões especiais para trazer dos Estados Unidos caramelos, enfeites, confetes e outros complementos com que cêrca de duas mil lindas caraquenhas brindavam o povo. Artistas do cinema americano já não provocam a curiosidade popular, de tão freqüentes as suas visitas para temporadas, a pêso de ouro, divertindo os hóspedes do caríssimo Hotel Tamanaco. E tudo isso acontece num prazo tão escasso que o povo ainda não teve tempo de perceber claramente a base real em que assenta semelhante revolução.

DEPENDÊNCIA DO PETRÓLEO

Uma parte dos venezuelanos olha o surgimento da nova Caracas opondo-lhe uma compassiva censura, através da comparação das liberalidades do govêrno com as de um novo rico. Os mais pessimistas procuram, no futuro, a punição do pecado que se estaria cometendo no gasto indiscriminado atual, sem prever que dentro de algum tempo os campos de petróleo estarão esgotados e a cidade será, no país, como um painel de cartolinas. Os mais otimistas acreditam que o govêrno está agindo corretamente, pois inverte em valores imobiliários a fortuna que o petróleo lhe dá. Entretanto, o sr. Siro Vasquez, gerente de produção da Creole (Standard), falando em março de 1953 na IX Assembléia da Federação Venezuelana de Caracas e Associações de Comércio e Produção, assinalava: «A correlação direta entre as atividades da indústria petrolífera e o curso geral dos negócios na Venezuela pôs-se em destaque nos anos de 1949 e 1950, quando a produção de petróleo sofreu uma pequena baixa. O descesso coincidiu com a terminação de algumas das maiores inversões de capital feitas pela indústria durante o período de após-guerra, de modo que os gastos totais tiveram de reduzir-se. O impacto dessa redução refletiu-se de imediato na economia nacional e esta nação, pela primeira vez na história contemporânea, apresentou um «deficit» em sua balança de pagamentos».

E o sr. Guillermo Zuloaga, membro da Junta diretora da Creole, falando na Conferência Interamericana de Comércio e Indústria, em Houston (EE. UU.), em 1952, reconhecia: «Nós, que estamos diretamente vinculados à indústria petroleira, somos os primeiros a atentar para a necessidade urgente, que há, de tornar a Venezuela tão independente do petróleo quanto possível, através do desenvolvimento de outras indústrias. Na minha



Os dirigentes da «Standard Oil», na Venezuela, levaram os delegados brasileiros à X Conferência Interamericana para uma visita às suas fabulosas instalações nas proximidades do largo Maracaibo. A foto acima é um flagrante dessa visita.

companhia, por exemplo, temos um grupo de especialistas cujo único trabalho é estudar as possibilidades de implantar novas indústrias, que possam ser exploradas por venezuelanos».

O PAÍS É CARACAS

Para o povo, entretanto, a prosperidade alucinante do momento não faz senão aturdir e qualquer um, que tenha passado sôbre o problema apenas como jornalista curioso (e nosso principal interêsse, em um mês de estadia, eram os trabalhos da Conferência Interamericana) arriscaria muito se opinasse a respeito dêsse problema, por conta própria. Há, porém, algumas informações que permitirão a qualquer um fazer um juízo do que ocorre atualmente com a população caraquenha e não iremos além disso.

Em primeiro lugar, é certo que, fora das zonas petroleiras, a Venezuela é Caracas. Além da capital, sòmente se tem notado melhoria evidente para a parte da população que trabalha na indústria do petróleo (45 mil pessoas) e nos centros onde se implanta a exploração das jazidas de ferro, riqueza que ainda não compete como fonte principal na economia nacional.

O efeito, porém, mais permanente, da arrancada petroleira dêste após-guerra, está na formação de uma classe média, antes inexistente e que poderá produzir a elite capaz de assumir, sem convulsão interna, a direção do país num sentido menos artificial do que o vigente.

O DESEQUILÍBRIO DE SALARIOS

Um dos pressupostos correntes, no Brasil, é o de que a vida do povo anda pelas raias da miséria, enquanto um pequeno número de milionários dispõe de tudo. Isto é falso. O incremento da produção de petróleo exigiu a formação de muitas indústrias e o desenvolvimento de outras, ao mesmo tempo que a folga orçamentária levou o govêrno a empreender inúmeras obras e multiplicar os cargos do funcionalismo. Essas atividades, que há dez anos empregavam cêrca de 70 mil pessoas, hoje ocupam mais ou menos um milhão, com salários razoáveis. A valorização da moeda, que causa impressão tamanha nos demais povos sul-americanos, aqui não produziu efeitos iguais, pois uma grande parte do povo teve os seus vencimentos paralelamente acrescidos e encontrou novas oportunidades de trabalho. O fato de que um grande número de habitantes de Caracas ainda é obrigado a se transladar para habitações nos morros tem interpretação diferente da que pode ocorrer ante observações face ao exemplo carioca. A diferença está em que, para os caraquenhos, não deve ter sido a mudança mais do que uma alteração de altitude, pois a cidade era pobre e sem recursos e agora, pelo menos, êles ainda guardam esperanças de que chegue a sua vez de melhorar e compensam o seu desconfôrto com essa espectativa.

O APROVEITAMENTO POLÍTICO

Existe uma oposição numerosa ao govêrno, mas, nos têrmos em que se pode fazer oposição aos ditadores: a sua medida justa só aparece quando ela se encontra bastante forte para provocar uma rebelião e alijar os governantes do poder. No caso venezuelano, sem dúvida a ditadura Jimenez encontra um apoio sólido não só nas emprêsas estrangeiras (Standard, Shell, Mene Grande, United Steel e Bthlem Steel à frente) como no aproveitamento político da súbita erupção do dinheiro nos cofres do Tesouro. Com uma fabulosa arrecadação (500 milhões de dólares só do petróleo, em 1953), o govêrno se institui no super-milionário necessitado de gastar, para evitar o total desequilíbrio econômico. Então, destina as melhores verbas para a ereção de monumentos formidáveis, que de imediato lhe dão o lucro de patentear ao povo as excelências de sua administração, numa aventura demagógica sem precedentes, com a base de ferro e cimento. Caracas é êsse monumento, de que a administração tira vários efeitos: 1º — vê-se livre dos excessos de ouro que o petróleo canaliza para o Tesouro; 2º — aumenta o número de empregos e acresce os salários; 3º — estimula o comércio e a indústria nacionais; 4º — impressiona o povo com a obra esplêndida do govêrno e satisfaz a vaidade pessoal do ditador, ligando seu nome a uma obra imperecível.

O «X» DO PROBLEMA

Os apologistas da presente ordem de coisas expõem, com orgulho, as provas de que o govêrno tem gasto mais em obras públicas do que nos outros empreendimentos. Tenho à mão uma estatística do período 1950/51, na qual se registra para as obras públicas um montante superior a 800 milhões de bolívares, seguindo-se despesas com o interior, cêrca de 350 milhões, passando à defesa, com 200 milhões e, em seguida, o Fomento, a Fazenda, a Saúde, a Educação, as Comunicações, a Agricultura, a Justiça, as Relações Exteriores, o Trabalho e as Minas em escala fortemente descendente. Entretanto, resta o argumento de que se em lugar das verbas de obras públicas se concentrarem tanto na Capital, haveria bases mais sólidas para a economia venezuelana, com o estímulo à produção, fábricas de fertilizantes, radicação de uma indústria pesada, grandes campanhas de saneamento e outras iniciativas no interior, preparando para os tempos em que o petróleo já não seja farto, ou que a energia atômica o substitua no mundo.

O TEMPO QUE RESTA

Técnicos da produção petroleira afirmaram-nos que a produção na Venezuela, se seguir o ritmo atual, poderá manter-se ainda por um período de 50 a 100 anos. Tomando pelo maior, nem assim a estabilidade econômica do país poderá fundar-se na sua abundância, porque o Oriente Médio tem tomado conta de muitos mercados (principalmente os países europeus, que fogem de comprar na área do dólar, por dificuldades de divisas) e o Canadá caminha para se tornar auto-suficiente. Uma produção petrolífera em grande escala no Brasil viria agravar ainda mais o problema venezuelano, porque hoje o Brasil é o maior comprador estrangeiro de seu petróleo. Ora, tôda a vida nacional dependendo dessas variações, torna-se mais espantoso ainda que o govêrno se aplique tanto em colocar planícies de cimento em todos os aspaços de Caracas onde até há pouco se erguiam colinas de considrável altura. O Morro de Sto. Antônio seria, para os venezuelanos, um problema de seis meses e aqui não há «subway» porque ainda não precisam dêle. Apesar disso, o caraquenho é um povo triste e talvez o seja não só pelo hábito de viver sob caudilhos como também porque teme, instintivamente, que o fim do espetáculo chegue tão abrutamente como chegou o princípio.

O IDEAL DE LIBERDADE

A impressão de que a indecisão diante da sua realidade é o traço predominante neste povo leva-nos a crer, sem receio de exagêro, que mesmo as considerações sôbre a recuperação de sua liberdade política (nas classes que disso cogitam) é falta de objetividade. O contato com alguns universitários ferrenhos adversários da ordem política reinante levou-nos à conclusão de que, diante da ascenção de Jimenez ao poder, êles reagem como um jogador do «5 y 6» (forma popular de apostas nas corridas, que movimenta um capital de mais de 2 milhões de bolívares por domingo). Nesse caso, o perdedor mantém intacto o seu «cuadro», durante alguns instantes, antes que o rasgue para tentar nova «chance» no domingo seguinte. A falta de liderança, com a desorganização total dos partidos políticos de oposição impede outras formas de combate. Essa liderança foi impiedosamente arrazada nos cinco anos de ditadura que já passaram.

Entretanto, o govêrno procura apresentar o seguinte esquema para promover o conformismo da população: desde que assumimos o poder, as finanças do país estão em ótimo estado, as oportunidades de emprêgo se multiplicaram, os salários subiram, construímos uma cidade ótima, criamos colônias agrícolas, estamos exportando ferro, fazemos casas populares para os traba-





Nos últimos 6 anos, uma febre de reconstrução apoderou-se de Caracas. A cidade velha foi posta abaixo, uma nova, resplandescente e funcio-

lhadores (a cem bolívares por mês); portanto, tudo aconselha o povo a nos conservar no poder.

Contra êsse argumento, opõem os descontentes: tudo isso foi feito com o dinheiro do petróleo, sem se consultar o povo se êsse destino para o dinheiro do Estado foi o melhor; um govêrno democrático teria dado melhor aplicação a essa riqueza, sem sacrificar a nossa liberdade.

OS PARTIDOS DE DIREITA

Neste momento, o partido comunista se empenha em conseguir uma frente comum com os partidos de direita, que não fazem oposição por falta de coragem. Os comunistas atribuem aos partidos de direita a culpa de se terem deixado empolgar fàcilmente pela ditadura, hesitando em se afirmar como partidos. Essas tentativas, no entanto, dificilmente produzirão resultados, porque Jimenez tem o apoio do Exército, cuja ala moça inquestionàvelmente lidera desde que por seu intermédio se restabeleceu a oligarquia militar no domínio do país.

ASCENÇAO DE JIMENEZ

A gestação do poder político de Jimenez começou quando um golpe político derrubou o govêrno de Medina Angarita, que ameaçava comprometer a predominância absoluta dos militares, solidificada por Gomez. Formou-se, então, uma Junta Revolucionária do Govêrno, tendo à frente Romulo Betancour, o tenente-coronel Carlos Delgado Chalbaud, mais os srs. Raul Leoni, tenente-coronel Mario R. Vargas, Gonçalo Barrios, Luiz B. Prieto e Edmundo Fernandez. Marcos Perez Jimenez era o chefe do Estado Maior. A Junta Revolucionária decepcionou o grupo militar radical encaminhando várias conquistas democráticas, máxime através de uma lei eleitoral que permitia o voto direto e secreto para todos os maiores de dezoito anos (inclusive cegos e analfabetos) e promovendo a eleição livre de uma Constituinte que aprovou a mais liberal das 22 constituições que a Venezuela já teve. Em 1947 realizaram-se as eleições para a presidência da República, vencidas pelo escritor Romul Gallegos. Em 1948, porém, alegando má administração e atentado contra a integridade do Exército, êste depôs Gallegos e, em seu lugar, colocou uma Junta Militar de Govêrno, composta de Carlos Delgado Chalbaud, Marcos Perez e Jimenez e Luiz Felipe Llovera. Em setembro de 1949 Chalbaud foi assassinado e, em seu lugar, entrou o títere German Suarez Flaverich. O govêrno fêz uma campanha de julgou capacitado para reafirmar sua denominação, compressão contra os partidos políticos e, quando se anunciou eleições, sendo Jimenez candidato à presidência.

SOLUÇAO PELA FÔRÇA

Aconteceu, então, o imprevisto: a votação encerrou-se às 18 horas; iniciaram-se, às 19 horas, os trabalhos de apuração; às 20 horas, a Junta Eleitoral proclamou os primeiros resultados, dando vantagem larga para o candidato de oposição. Em seguida, o Estado Maior assumiu o poder, o presidente da Junta Eleitoral foi prêso e as notícias de apuração se suspenderam por três dias, ao fim dos quais se proclamou o resultado, favorável a Jimenez, logo declarado pelo Exército como investido na presidência provisória da República. Reuniu-se nova Constituinte, sem oposição, que elaborou outra Constituição, e proclamou Jimenez presidente constituicional até 1956.

O AMAVEL CORONEL

Marcos Perez Jimenez é um homem de pequena estatura, gordo, calvo, jovial, que vimos em duas oportunidades prestando deveres civis. A primeira, na sessão inaugural da Conferência, quando entrou marcialmente escoltado por uma equipe de oficiais, entre precauções que nosso hábito brasileiro classifica de exageradas (inclusive a presença de dois soldados armados de metralhadoras, ostensivamente, no recinto da Aula Magna onde se reuniam todos os chanceleres americanos). O grupo subiu ao palco em passo de marcha e, numa perfeita manobra, deslocou-se para a retaguarda quando Jimenez fêz esquerda volver e se encaminhou para sua cadeira na presidência dos trabalhos. Faltava, porém, um detalhe: o coronel levava o quépi entre o braço e as costelas e, ao sentar-se, não sabia onde colocá-lo. Desajeitado, num gesto aborrecido, jogou-o sôbre a mesa e um dos oficiais da sua comitiva correu a recolhê-lo. Sentou-se e, na mesma cadência, começou a ler o seu discurso. Ao terminar, o Secretário Geral da Conferência solicitou a todos os presentes (os chanceleres inclusive) que se conservassem sentados até que o coronel saísse da Aula Magna. Então, correram à frente os dois soldados de metralhadoras e, no mesmo ritmo marcial, saiu o grupo. Estava instalada a Conferência para assegurar na América a liberdade, a defesa da democracia, a solidariedade continental, mas, principalmente, o direito de auto-determinação.

A segunda vez aconteceu quando o coronel ofereceu uma recepção, no luxuosíssimo Circulo de las Fuerzas Armadas, aos delegados à Conferência. A recepção estava marcada para as 18,30, até as 20,30 horas. À hora exata o coronel e sua espôsa puseram-se de pé, no «hall», atendendo aos convidados, que, chegando, entravam na fila dos cumprimentos e um por um, disciplinadamente, desfilavam apertando as mãos do presidente, do ministro do Exterior e das senhoras. Durante as duas horas assinaladas no convite, o coronel permaneceu impávido, apertando mãos e fazendo curvaturas, com um modo particular de sorrir inclinando-se um pouco para a esquerda a cada um dos cumprimentos que o percorreram.

Seria, no entanto, avançar demasiado admitir que aquêle seu ar um tanto constrangido — assim na procura do cabide como no sofrimento da recepção — seja devido à sua formação de militar afeito ùnicamente a assuntos profissionais.

O HOMEM SIMPATICO

Essa aparente timidez concorre para que, à primeira vista, o ditador pareça simpático. Não obstante, a certeza de que se trata de um homem duro decorre de cada conversa de rua, da observação do temor com que o povo olha a Seguridad Nacional, polícia muito eficiente para assuntos políticos. Em nosso primeiro dia, quando nos aproximamos (um grupo de jornalistas brasileiros) e pedimos, por experiência, um exemplar do jornal de oposição, o vendedor de jornais olhou-nos entre pasmo e divertido. E, diante de nossa insistência, percebendo que se tratava de estrangeiros, explicou:

— No hay oposicion!

De um modo geral, no entanto, é razoável acreditar que, enquanto o dinheiro do petróleo constituir uma fonte de renda bastante para o govêrno executar o seu programa de submissão através da euforia, ou da esperança de euforia econômica, estará seguro. Os jornais continuarão a encher-se de noticiário internacional e notas sociais (La Esfera dedica nada menos de 4 páginas diárias à sociedade), os hábitos americanos vão diluindo aos poucos a tradição colonial da família caraquenha em coca-cola, ppsi-cola e outras lucrativas indústrias de água.

A jovem classe média se sentirá bem, porque se compra um automóvel à prestação de 200 bolívares mensais e uma televisão até 65 bolívares mensais. Os meninos de rua prosseguirão se deliciando com as suas horas nas «peladas» de beisebol, enquanto ainda haja um terreno baldio. Os produtores do petróleo se sentirão felizes, fiéis à tese de que é mais fácil tratar com um ditador do que com uma nação. Os industriais norte-americanos viverão radiantes dispondo de um mercado excelente para os seus produtos, com que levam para os Estados Unidos uma boa parte dos 50% que o petróleo deixa na Venezuela. E se continuará falando, escrevendo e ouvindo mil vêzes por dia, o nome de Bolivar, el Libertador, que é dinheiro, monumentos, ruas, praças, prefixo obrigatório de cada programa de TV, discursos; é tudo, desde que não se queira invocá-lo, também, para um público pronunciamento contra a oligarquia dominante, mesmo porque prevalece, aí, o sentimento de classe — e Bolivar também foi um militar.



Outro flagrante da visita dos delegados brasileiros às instalações da «Standard Oil»: no primeiro plano, descendo a escada que leva a um dos grandes reservatórios, vê-se o marechal Mascarenhas de Morais. Ao fundo, entre outros, o ex-deputado Hermes Lima.





nal, nasceu do ouro fácil do petróleo — uma cidade rica, sem problemas e cujos altos salários podem enfrentar a vida mais cara do mundo.

Continua acesa a janela do terceiro andar, no Vaticano

400 MILHÕES DE FIÉIS REZAM PELA VIDA DE PIO XII



O apartamento de S. Santidade Pio XII fica no terceiro andar do Vaticano, à direita de quem, vindo pela «Via della Conciliazione», penetra na Praça S. Pedro. Na segunda semana de fevereiro, milhares de olhos, em Roma, não se desprenderam da pequena janela, onde uma luz diuturna enfrentava a morte.

A HISTÓRIA DE EUGENIO PACELLI, O JOVEM PADRE EM QUEM LEÃO XIII DESCOBRIU O ARCABOUÇO DE UM ESTADISTA, É TÔDA ELA UMA LONGA E DIFÍCIL BATALHA A SERVIÇO DA IGREJA CATÓLICA E DOS SEUS DESÍGNIOS ★ UMA SEMANA (A SEGUNDA DE FEVEREIRO) QUE ABALOU O MUNDO

Reportagem de **FRANCISCO RIBEIRO**

FOI no último mês da guerra. Eu visitava a fabulosa pinacoteca do Vaticano quando, num dos corredores, soube que o Papa ia receber em audiência especial um grupo de combatentes católicos da India. O guia me revelava isso e apontava para o pequeno batalhão barbudo que esperava na sala vizinha. Perguntei a mim mesmo se iria perder aquela oportunidade de ver de perto o Chefe da Igreja Católica, o Pontífice Máximo. Não, não iria. Cruzei a porta da sala, misturei-me com os indus, e no meio dêles a minha farda brasileira, de um verde diferente, não era menos pitoresca do que os seus turbantes amarelos e suas barbas negras e fartas.

Um homem de preto nos guiou por corredores infindáveis, deixou-nos numa sala ampla, onde um outro dignatário daquela pequena e poderosa Côrte nos introduziu no gabinete de S. Santidade. Por detrás de uma mesa, comprido e elástico, de olhos escondidos por detrás de lentes grossas que reluziam, o hábito branco caindo-lhe até quase os pés; o cinto largo apertando uma citura de atléta moço, Pio XII esperava. Após o beija mão do ritual, o Papa pôs-se a falar num inglês escandido e claro que até eu chegava a entender. Perguntava coisas sôbre a India longínqua e misteriosa, fêz qualquer referência a Gandhi, e congratulou-se com aquêles rústicos soldados, que haviam vindo de tão longe, pelo próximo fim da guerra. Despediu-se depois de todos com uma bênção coletiva.

Quando voltei ao hotel, na Via Sistina, informei aos correspondentes de guerra, meus colegas, reunidos no bar, de que eu havia partissipado de uma audiência com o Papa. Ninguém acreditou.



A BASILICA DE S. PEDRO no dia (12 de março de 1939) da entronização de Pio XII na Cadeira de S. Pedro.

O FUTURO PAPA PODERÁ SER BRASILEIRO



● A crise por que acaba de passar Pio XII levou o mundo inteiro a especular sôbre qual viria a ser o seu sucessor. Numa escala descendente, os cardeais mais cotados para ocupar o Trono Papal são os cardeais Montini e Tardini, o primeiro Secretário de Estado do Vaticano e o segundo um dos auxiliares mais imediatos de S. Santidade. Também o cardeal de Bolonha, que se tornou famoso pela sua luta contra os comunistas, é um candidato forte. Mas o Brasil, a maior nação católica do mundo, poderia igualmente ver um filho seu (na pessoa de um dos seus três cardeais, d. Jaime Câmara, d. Carmelo Costa e d. Alvaro Augusto da Silva) na chefia universal da Igreja Católica.

ENTRE os dias 5 e 15 de fevereiro último, o mundo católico (400 milhões de crentes espalhados pela terra inteira) ficou de coração opresso diante da notícia triste: o Papa, em Castel Gandolfo, adoecera, e o seu estado piorava de dia para dia. A princípio fôra apenas a manifestação de soluços nervosos, intermitentes e constantes, os quais procuravam os médicos debelar aconselhando à S. Santidade o mais absoluto repouso possível. Mas já no início da segunda semana, a saúde de Pio XII se alterava profundamente: aos soluços, que continuava, havia-se acrescentado uma espécie de gastrite virulenta; o fígado, por seu lado, se mostrava inflamado e semi-inerte; e S. Santidade não conseguia, há vários dias já, ingerir a menor porção de alimento sólido.

PIO XII INTERROMPERA AS FÉRIAS E VOLTARA A ROMA

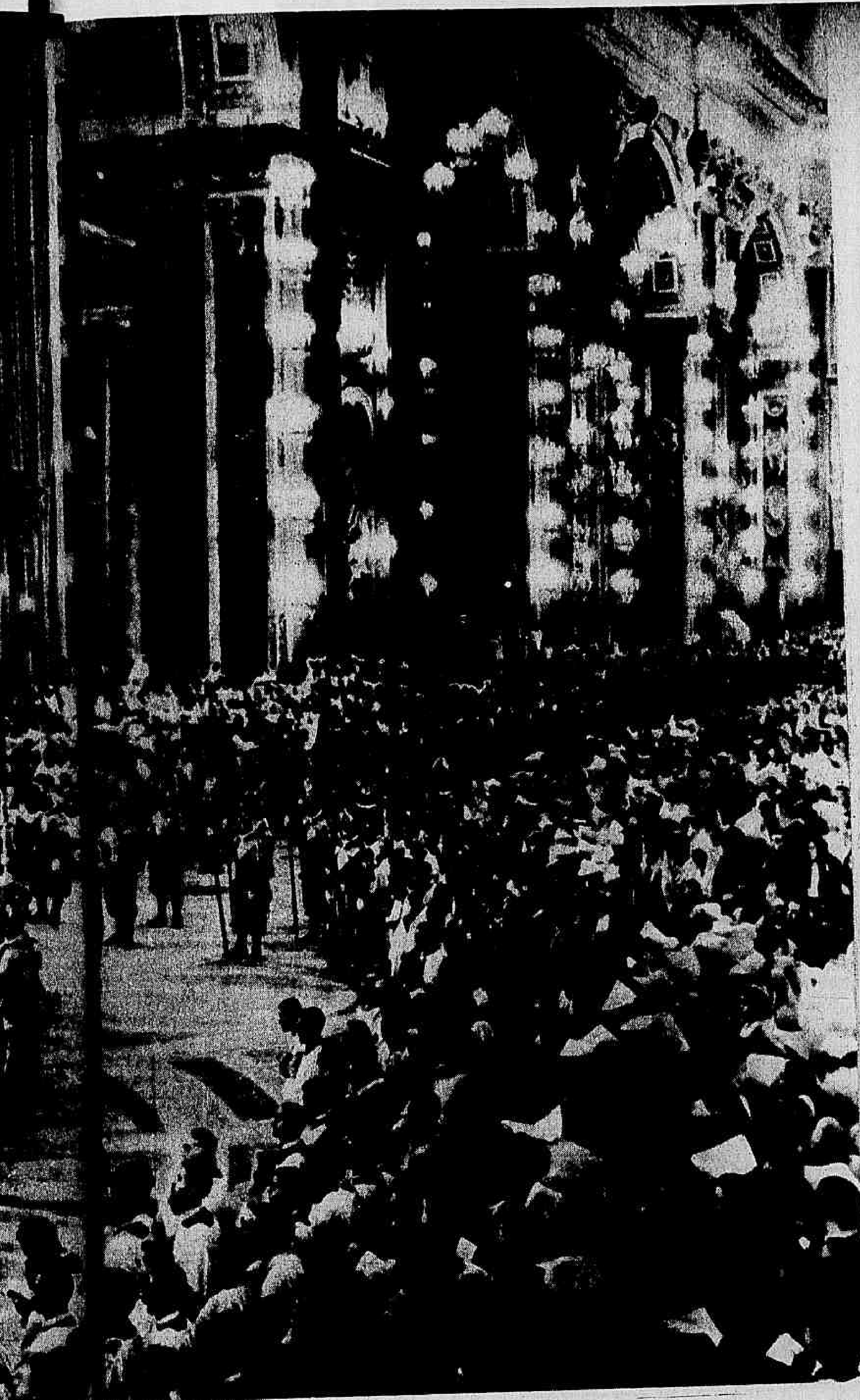
Os 400 milhões de católicos acompanhavam, aflitivamente, a marcha da doença do Pontífice: e milhões de preces, partidas de corações cheios de fé, se endereçaram ao Senhor dos Céus, a pedir a Deus o pronto restabelecimento do seu representante na Terra e entre os homens.

A QUEDA DE MADRE PASQUALINA

Horas ainda mais angustiosas foram aquelas que viveu Roma no dia 11 de fevereiro. Uma notícia, no fim da tarde, correra a cidade: S. Santidade piorava consideràvelmente; era quase certo o seu fim.

O boato se originara do fato de vários automóveis e uma ambulância terem chegado ao Vaticano, pela praça S. Pedro, na noite anterior, numa inusitada sucessão de visitantes que logo foi notada. Dizia-se que, já inconsciente, Pio XII fôra trasladado para uma clínica cirúrgica da cidade; e que tôda a sua família, avisada do desenlace próximo, correra à Santa Sé, para assistir aos últimos instantes do «Tio Nosso Senhor».

Felizmente, contudo, o boato se desfazia, no dia seguinte, diante de uma outra história, esta verdadeira. Realmente haviam estado no apartamento papal, no terceiro andar do Palácio apostólico, os sobrinhos de Sua Santidade: os príncipes Carlo, Giulio e Marcantonio Pacelli, mas não atraído pelo agravamento do estado do Papa, e sim a convite do próprio Pio XII, que pretendia tranquilizá-los a respeito de suas condições físicas. Quanto à ambulância, fôra ela chamada para socorrer «madre» Pasqualina Lehnert, a veneranda freira que serve como doméstica a Pio XII há mais de quarenta anos — exatamente desde que, em 1913, no convento de Einsiedeln, na Baviera, o jovem padre Eugênio Pacelli, então «minutante» da Secretaria de Estado do Vaticano, adoecera e pela madre Pasqualina fôra socorrido. Naquela noite do



400 MILHÕES DE FIÉIS REZAM



A foto acima foi tirada antes da 1ª Guerra Mundial. Vê-se, nela, o então Monsenhor Eugenio Pacelli quando visitava prisioneiros italianos na Alemanha. — (Foto U.P.)



Março de 1939: com as palavras: «Anuncio-vos uma grande alegria: Temos um Papa!», Eugenio Pacelli tornou-se chefe da Igreja Católica Romana, aos 63 anos de idade. — (Foto U.P.)

dia 11 de fevereiro, ao precipitar-se, nervosamente, a um chamado do Papa enfêrmo, madre Pasqualina escorregara e fraturara um pé. A ambulância especial fôra buscá-la.

O SUCESSOR TERÁ QUE SER O MELHOR ENTRE OS MELHORES

Quinze dias após o último sintoma mais sério (amortecimento do fígado), a saúde de S. Santidade começou a reagir: Pio XII voltou a alimentar-se; e quis mesmo — sendo disso dissuadido pelos médicos — reiniciar as audiências interrompidas em Castel Gandolfo.

Mas o fato é que o estado de Pio XII, quer pelo debilitamento sofrido na última crise, quer, principalmente, por motivo de sua idade avançada (77 anos, completados no dia 2 de março último), inspirará daqui por diante sérios cuidados. E por ser assim é que, igualmente, já se começa a falar sôbre qual será o seu substituto.

O sucessor de Eugenio Pacelli, no trono de Pedro, será escolhido entre os 70 cardeais (um dêles encarcerado na Hungria: o cardeal Josef Midszenty, acusado e condenado pelos comunistas de Budapest; e um outro, o cardeal Aloysius Stepinac, segregado por Tito, que o acusou de traidor da Pátria, na sua vila natal, na Bosnia), e não resta dúvida que o escolhido no Conclave terá que ser o melhor entre os melhores — aquêle que mais marcadamente mostrar as qualidades e as virtudes que fizeram de Eugênio Pacelli um dos mais corajosos e brilhantes Pontífices que já passaram pelo Vaticano.

FOI NÚNCIO EM BERLIM, JÁ ESTEVE NO BRASIL E FOI ELEITO PAPA POR UNANIMIDADE

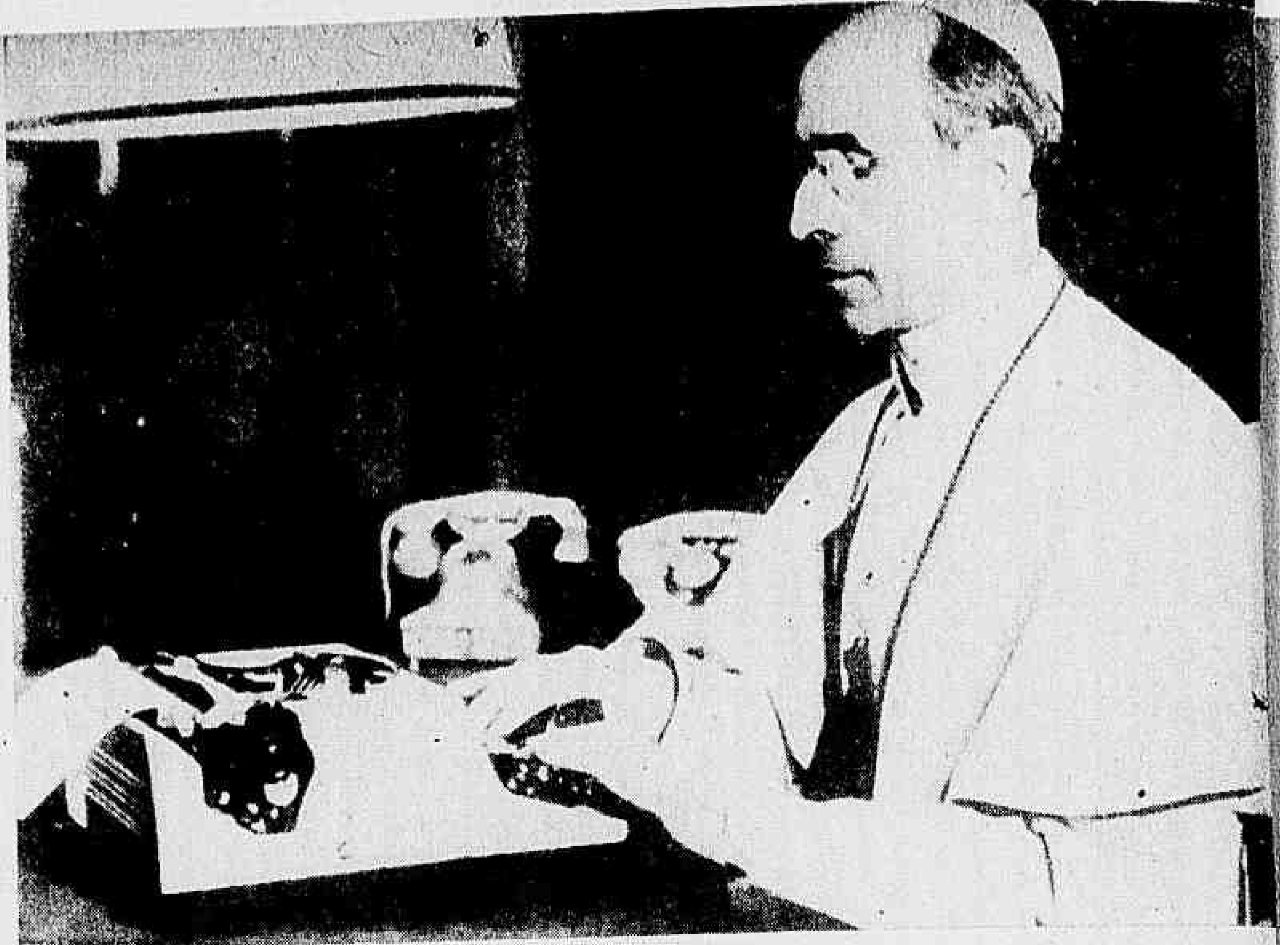
Eugenio Pacelli foi uma descoberta de Leão XIII. Com a idade de 17 anos, Pacelli decidiu ser padre, ingressando no Colégio de Alma Capranica. Aos 23 anos foi ordenado, após uma carreira escolástica tão brilhante que o Papa Leão XIII mandou chamá-lo para apresentar-lhe pessoalmente seus cumprimentos. Leão XIII não o esqueceu, e foi por sua intervenção que o jovem padre foi chamado para o Vaticano, em 1901, a fim de trabalhar na Congregação pura Assuntos Eclesiásticos Extraordinários, início de uma carreira cujo fim seria o trono papal.

Eugenio Pacelli foi o primeiro papa romano desde Benedita XIII (1724-1730). Seu avô, Marcantonio Pacelli, fundou o órgão semi-oficial do Vaticano, «L'Osservatore Romano», e foi também Ministro das Finanças do Vaticano sob o reinado do Papa Gregório XVI, e novamente sob Pio IX, em 1851 a 1870. O pai de Pio XII, Filippo Pacelli, era advogado eclesiástico, tendo sido Deão dos advogados consistoriais do Vaticano.



Um flagrante da última audiência que Pio XII concedeu em 1953. O Sumo Pontífice acaricia uma criança que ingênuamente segura sorridente a sua mão. — (Foto U.P.)





PIO XII, PAPA PROGRESSISTA, NÃO TEM MÊDO DA CIÊNCIA

● A história recordará Pio XII como um Papa progressista. Homem do seu tempo, escreve à máquina, fala pelo rádio e inaugurou nas reuniões menos formais do Vaticano o uso da estenografia mecanizada. No terreno religioso pròpriamente dito, Pio XII introduziu igualmente algumas reformas marcantes. Foi êle, assim, quem autorizou a introdução de modificações nos antigos hábitos usados pelas freiras, tornando-os mais adequados aos tempos modernos. Decretou também algumas medidas destinadas a simplificar o traje dos cardeais. E foi em seu pontificado que a disciplina do Jejum Eucarístico sofreu um pequeno relaxamento, permitindo-se aos católicos bebêr água antes de tomar a comunhão. Homem aparentemente frágil, de mãos delicadas e brancas, Pio XII usa os seguintes títulos: Sua Santidade, o Papa; Bispo de Roma; Vigário de Jesus Cristo; Sucessor de São Pedro; Sumo Pontífice da Lgreja Universal Católica; Patriarca do Ocidente; Arcebispo e Metropolita da Santa Província Romana e Soberano do Estado da Cidade do Vaticano.

Assim pode ser resumida a vida de Pio XII:

2 de março de 1876 — Nascia num apartamento de terceiro andar, numa rua nas proximidades do Vaticano; 2 de abril de 1899 — Ordena-se como padre, com a idade de 23 anos, possuindo já os títulos de Doutor em Teologia e Filosofia; 12 de março de 1904 — torna-se Monsenhor, com a idade de 28 anos; Junho de 1911 — vai à Grã-Bretanha assistir à coroação do Rei Jorge V, essa foi a sua primeira viagem ao estrangeiro a serviço do Vaticano; Agôsto de 1914 — é nomeado Sub-Secretário de Estado do Vaticano; 20 de abril de 1917 — é designado Núncio Papal na Bavária e, três dias depois, era nomeado Arcebispo Titular de Sardes, uma antiga cidade da Asia Menor. Foi consagrado Arcebispo em 13 de maio de 1917 pelo Papa Benedito XV. O futuro Papa Pio XII contava então 41 anos. Como Núncio na Bavária, trabalhou incansàvelmente em defesa do Plano de Paz do Papa. Depois da guerra, passou a ser Núncio Apostólico em Berlim; 16 de dezembro de 1929 — elevado a cardeal pelo Papa Pio XI, tendo deixado a Nunciatura de Berlim em 9 de dezembro do mesmo ano; 10 de fevereiro de 1930 — é nomeado secretário de Estado do Vaticano; outubro de 1936 — chega em visita aos Estados Unidos; ainda nesse ano. Pacelli faz uma visita às nações católicas da América Latina, inclusive o Brasil; 2 de março de 1939 — nesta data, em que comemorava o seu 63.º aniversário, foi eleito Papa no terceiro escrutínio do Conclave do Sagrado Colégio, recebendo 61 dos 62 votos (votos de todos os cardeais, menos o seu); 12 de março de 39 — é coroado como Papa Pio XII; 18 de fevereiro de 1946 — cria 32 novos cardeais de 19 países num Consistório secreto que acabou com a secular maioria italiana no Sagrado Colégio de Cardeais. Com esta medida, o papa revelou sua política de ampliar o caráter internacional do mais alto organismo da Igreja Católica; 24 de dezembro de 1948 — inaugura o 25º Ano Santo; 1.º de novembro de 1950 — proclama como um Dogma da Igreja Católica que a Virgem Maria ascendeu corporificada ao Céu, após sua morte na terra; 12 de janeiro de 1953 — cria 24 novos cardeais em um Consistório secreto que elevou o Sagrado Colégio a 70 cardeais — seu quadro completo — pela primeira vez em 250 anos; 8 de dezembro de 1953 — inaugura o primeiro Ano Mariano.

COMO VIVE PIO XII

Salvo algumas raríssimas exceções, o Papa pràticamente desligou-se de todos os parentes e não possui amigos íntimos. Aos parentes, só os recebe uma vez por ano, na tarde do dia de Natal. Sua irmã paralítica, que vive em Roma, nem todo o Natal pode ser transportada ao Vaticano, de forma que Pio XII passa às vêzes dois ou três anos sem vê-la.

Na Côrte do Vaticano, Pio XII vive como um asceta, superior e remoto, isolado em meio a um grupo de colaboradores alemães. Como se sabe, êle viveu muito tempo na Alemanha, primeiro na Bavária, depois como Núncio Apostólico em Berlim, e aprendeu assim a admirar as virtudes de obediência e de execução dos subordinados alemães. O seu secretário particular, o magro Padre Leiber, é um alemão; alemão também o é o jesuíta padre Endritch, que ajuda o Papa a preparar os seus discursos; e igualmente alemão é o seu confessor, o jesuíta padre Agostino Bea. Para não falar na camareira, a freira alemã Pasqualina Lehnert, de quem falamos mais detalhadamente noutra parte desta reportagem. Pio XII (quando o seu estado de saúde o permite) levanta-se cedo, às 5 da manhã, pratica ginástica, escreve êle mesmo à máquina suas minutas e fica no seu gabinete de trabalho até quase metade da noite. Vez por outra visitam-no os seus sobrinhos, os príncipes Carlo, Giulio e Marcantonio Pacelli, todos três donos de importantes indústrias na Itália.

LEÃO XIII DESCOBRIU NO JOVEM PACELLI O ESTÔFO DE UM ESTADISTA









As quatro fotos acima representam Eugenio Pacelli em quatro fases decisivas de sua vida. 1º) — Eugenio Pacelli, aos 23 anos, quando recebeu as ordens e celebrou sua primeira missa; 2º) — Em 1929, ao receber a púrpura cardinalícia; 3º) — aos 53 anos, em 1930, ao ser nomeado Secretário de Estado do Vaticano; e 4º) — em 1930, quando foi eleito Papa. Atualmente, com 76 anos, Pio XII enfrenta uma séria crise de saúde.

A FEIA

SÉRVULO DE MELLO

NÃO podia ser pior. Os ralos cabelos não tinham côr definida e cobriam o facies anguloso e magro em que sobressaltava o nariz, que não era pròpriamente aquilino e sim, quebrado ao centro, com a extremidade em forma de bico. Os olhos apagados, debaixo das sobrancelhas circunflexas, refletiam, contudo, uma eterna ansiedade. A bôca parecia um corte a faca e nos raros instantes de sorriso, mostrava os dentes amarelados e enormes como os de um cavalo velho. E o queixo quase não existia, pois entrava pelo pescoço a dentro, só se destacando, quando o rôsto se movimentava. Não era corcunda, pròpriamente. Mas a espinha tinha acentuada curvatura, formando um arco de flexa da base do crânio até o ponto central entre os alíacos. Camuflava-se raso, o busto, sob as saboneteiras dos ombros dos quais pendiam os braços magros e sardentos, em cujas extremidades se penduravam as mãos e nestas os dedos como patas de aranha.

Tôda essa infeliz composição anatômica se apoiava em pés cambotas de onde subiam as pernas, como duas paralelas, até as ancas retangulares. Não havia uma curva, um só detalhe para suavizar a imagem e o que estava oculto podia ser adivinhado pelo que estava à mostra, mais terrível ainda e mais cruel. Mulher era e se chamava Beatriz.

Beatriz andava às escondidas. Pisava a calçada rente às paredes e de rosto voltado para os interiores, ocultando-se sempre dos olhares. Julgava-se culpada de sua feialdade e penitenciava-se dela. Uma vez, deu um grito de horror, ao se ver refletida numa vitrina espelhada, ao lado de uma jovem que olhava jóias e adereços. E saiu correndo pela rua rumo ao escritório onde trabalhava.

Beatriz era esteno-dactilógrafa e eficientíssima. Nunca, um só dia, esqueceu o menor detalhe ou incorreu num só deslise. Mas nem o seu patrão gostava de contemplar-lhe o rosto. Envia-lhe ordens por papèisinhos e o «boy» que lhos entregava, afastava-se ràpidamente como se visse um fantasma a cada instante. Quando era obrigada a tomar ditados, fazia-o cabisbaixa para não agredir nem perturbar o chefe. Aproveitava-se sempre das suas ausências para deixar em sua mesa os trabalhos executados com excepcional capricho e correção.

Que homem tomaria Beatriz em seus braços e porque a batizaram com êsse nome carregado de miasmas elegíacos, de romances e de beleza?

★

Onde Beatriz morava não havia também o menor toque feminino. Um só quarto, extraordinàriamente limpo. A sua cama era quase um catre ao lado de um armário embutido e só havia um pequeno espelho colocado à altura de sua cabeça e, assim mesmo, na medida indispensável para que ela se penteasse ou colocasse certo o seu chapéu. De resto, havia os seus livros, a sua máquina de escrever e um jarro de cerâmica, onde a criada colocava uma flor, quase sempre um cravo ou papoulas amarelas.

Muitos amigos e parentes queriam bem a Beatriz e dela se apiedavam. Mas ter pena da feiúra é se supor belo, resulta em dádiva a nós mesmos e em ofensa para o feio. Justificar a feialdade com a beleza cordalma, é mortificar o feio e acender-lhe um desprêzo maior pelo seu corpo. De modo que tratar com Beatriz, para as pessoas delicadas, era tarefa dificílima. As pessoas grosseiras poderiam sorrir ou amedrontar-se ao contemplá-la. E tôda uma gama de criaturas, variando do casca grossa ao cafageste, usavam nomes que soavam como pedradas e o ser frágil de Beatriz tinha pavor a êles. E assim foi chegando ela às últimas conclusões. O convívio humano era impossível. A solidão dela se acercou e a envolveu em sua vida em anel fechado.

★

Há muita injustiça social pelo mundo, muita crueldade humana. Mas, ó moças de praia, poetas do Juca's e do Vilarino, nenhuma crueldade é maior, nenhuma injustiça é mais tremenda do que essa da natureza para com Beatriz.

Foi assim julgando que aquêle estudante, tido como louco, resolveu violentar a porta do apartamento de Beatriz e dar-lhe beijos, envolvê-la nos seus braços, acariciá-la e dominá-la como fêmea. Chamaram-no de tarado. Mas nada disso êle era. O seu gesto teve o mesmo sentido do de São Francisco de Assis, quando beijou o leproso.

E depois disso, Beatriz desapareceu. Não se sabe se morreu de morte natural ou se suicidou-se. Pode ser, também, que esteja escondida numa gruta, num tronco de árvores em qualquer selva, à espera de que a morte a venha buscar. Percebe-se que, nem depois de morta, Beatriz quer se deixar ver, pois se todo cadáver é feio, imagine-se o seu?

Contra ela se levanta êsse universal conceito de beleza que trazemos na inteligência e nos instintos. Mas estaremos certos nós? Que Deus te abençoe, Beatriz.



Ilustração de MARIA TERESA



PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG

Manoel Barcelos

UM HOMEM NA VIDA DE UM HOSPITAL

PERGUNTAS DISCRETAS E INDISCRETAS, SÃO RESPONDIDAS SEM O MENOR EMBARAÇO — A NÃO SER QUANDO SE TRATA DE POLÍTICA.

Texto de **LUIZ SODRÉ**

Fotos de **ALEXANDRE MIRANDA**

● Manoel Barcelos, 42 anos, gaúcho (Pelotas), Flamengo (de coração), bacharel em Economia e Finanças, casado há 3 anos, 2 filhos, Presidente da ABR e do Sindicato dos Radialistas, tem um «Cadillac» e um «Chevrolet» (da patroa), mas às vêzes anda a pé. Recebe milhares de cartas por mês, foi boêmio, não tem vícios, não perde um futebol (pelo rádio ou televisão), faz a barba todo dia, mora em Copacabana, adora praia, cinema e teatro (mas não freqüenta por falta de tempo). Itinerário: 16 horas de trabalho, 1 para refeições e o resto para dormir. Gosta de receber (gente e dinheiro), é menos rico que aparenta e mais do que muitos pensam. E' genioso (às vêzes) e humorado (quase sempre). E' compadre de muita gente, amigo no bom sentido e raramente se sente embaraçado. Vejamos:

P — Você se considera um homem importante?

R — Eu não, mas os meus amigos sim.

P — Pretende deixar de trabalhar algum dia?

R — Pretendo hoje, porque o amanhã é muito vago.

P — Pode-se fazer fortuna no Rádio?

R — Quem sabe disso é o Vitor Costa, o Ari Barroso e o Gagliano Neto.

P — E você fêz?

R — Ainda não.

P — Quais as mulheres famosas das quais você gostaria de receber um beijo?

R — Considero irreverente a pergunta; minha mulher é leitora da Revista.

P — Se você fôsse solteiro, com quem gostaria de casar se não conhecesse sua atual espôsa?

R — Desde que conheci minha espôsa esqueci o tempo de solteiro. O resto são cinzas....

P — Qual a bebida que v. mais aprecia?

R — Absinto.

P — Tomamos um trago?

R — Não bebo.

P — Cite três homens pelos quais tem admiração.

R — Churchill, Einstein e Fleming.

P — Tem mêdo de alguma coisa?

R — Tenho: mêdo de responder a esta pergunta.

P — Que é que você quer que eu pergunte a respeito do Hospital do Radialista?

R — Sendo uma realização muito séria gostaria apenas que você informasse que estou empenhando todos os meus esforços para que o Hospital seja inaugurado no Dia do Rádio dêste ano (21-9-54).

P — Quem v. mais admira no rádio brasileiro?

R — Todos aquêles que dignificam o rádio lutando pela sua emancipação.

P — Qual o maior empreendimento do rádio nos últimos 10 anos?

R — O Hospital do Radialista é um exemplo universal. Pela primeira vez no mundo homens de rádio constróem um hospital.

P — Acredita na crítica radiofônica?

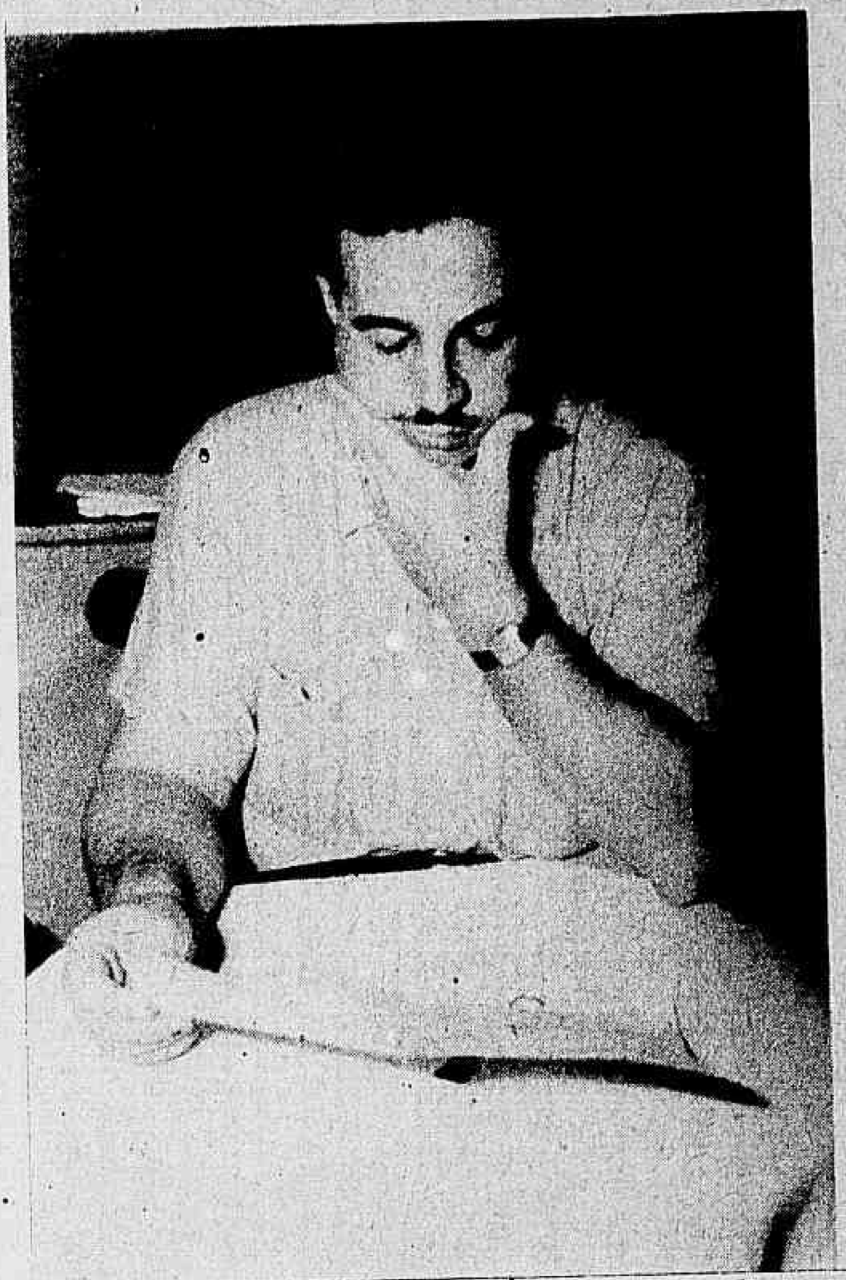
R — Tanto que a ABCR tem a sua sede na própria ABR.

P — Que é mais importante no rádio brasileiro?

R — Os dois são importantíssimos.



«Meu sobrenome é Pancinha»



«Acredito na crítica»

P — Tem aspirações políticas?

R — Tenho, fazer mais pela minha classe e pelo povo em geral.

P — Gostaria de ser Presidente da República?

R — Quem não gostaria? Pergunte ao dr. Ademar de Barros.

P — Qual o fato mais curioso de sua vida?

R — São tantos que seria até curioso que eu soubesse qual o mais curioso.

P — Você gosta de receber presentes?

R — Gosto.

P — E de dar?

R — Dou mais do que recebo.

P — Como recebeu a notícia de ser considerado pelo Clube da Chave como uma das cinco personalidades do ano?

R — Como uma injustiça feita a muita gente.

P — Qual a diferença entre uma cantora bonita e uma cantora feia?

R — Depende do registro vocal.

P — Você ouve rádio?

R — Ouço: em casa, no automóvel, no escritório e no vizinho. Muito mais no vizinho.

P — Se v. não se chamasse Manoel Barcelos que nome gostaria de ter?

R — Manoel Barcelos tá bom, não tá?

P — Tem apelido?

R — Não. Mas meu nome todo é Manoel Barcelos Pancinha.

P — Quantos filhos pretende ter?

R — Vou conversar com a patroa. Volte outro dia.

P — Como fazer amigos e influenciar pessoas?

R — Ainda não li o livro.

P — E tem dado certo?

R — Sem ter lido o livro tem.

P — Qual a data que v. considera mais importante?

R — 19 de novembro de 1941. Data em que os médicos me declararam fora de perigo, depois de 13 dias entre a vida e a morte, após um acidente de automóvel.

P — E a pior?

R — 13 dias antes.

P — Qual a chave do êxito?

R — Se eu soubesse seria o homem mais procurado do mundo.

P — E o êxito da chave?

R — E' quando funciona a lingueta da fechadura.

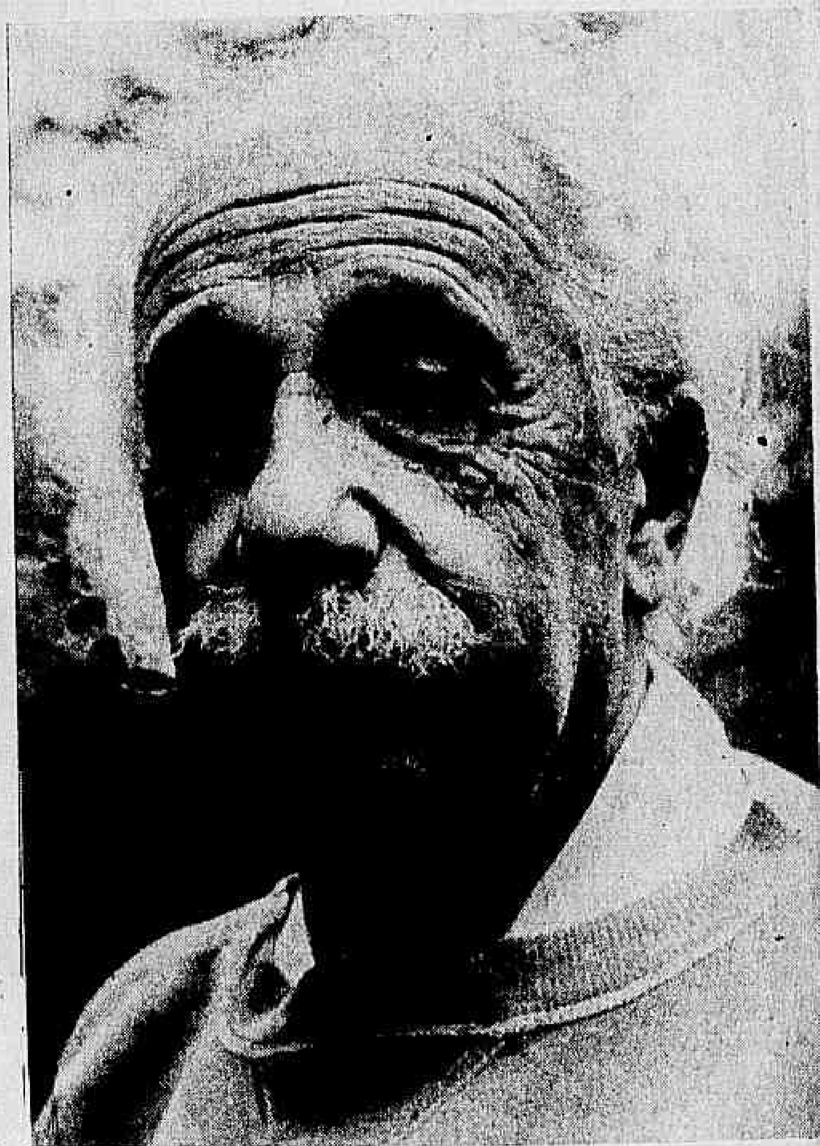


«Ainda não fiz fortuna»

Por êsse Mundo de Deus

PÊSO PLUMA

Chega a Londres, procedente de Nova Iorque, a «vênus de bronze» Rose Hardaway, para atuar no Stork Room. Sua embalagem é muito simples: meias transparentes e corpete transparente. Na Alfândega o desembaraço foi rápido: não foi preciso pagar excesso de pêso, pois a famosa dançarina trouxe todo o seu guarda-roupa na bôlsa a tiracolo.



EINSTEIN FAZ 75 ANOS E ATACA MAC-CARTHY

Êste é o Einstein-1954, no dia em que completou 75 anos de idade. Naquele dia, os jornalistas amanheceram em sua residência, um modesto apartamento nas proximidades da Universidade de Princenton, da qual é professor. Solicitado a fazer qualquer declaração, Einstein aproveitou a oportunidade para anatematizar, em palavras candentes, os «inquisitores modernos do pensamento e da liberdade». A carapuça caia direitinho na cabeça do furibundo senador Mac-Carthy, o Torquemada dos nossos dias. (Foto Keystone).

O MAIS MODERNO TRATAMENTO DA LEUCEMIA

Declarações do dr. ROBERT, de Baden-Baden

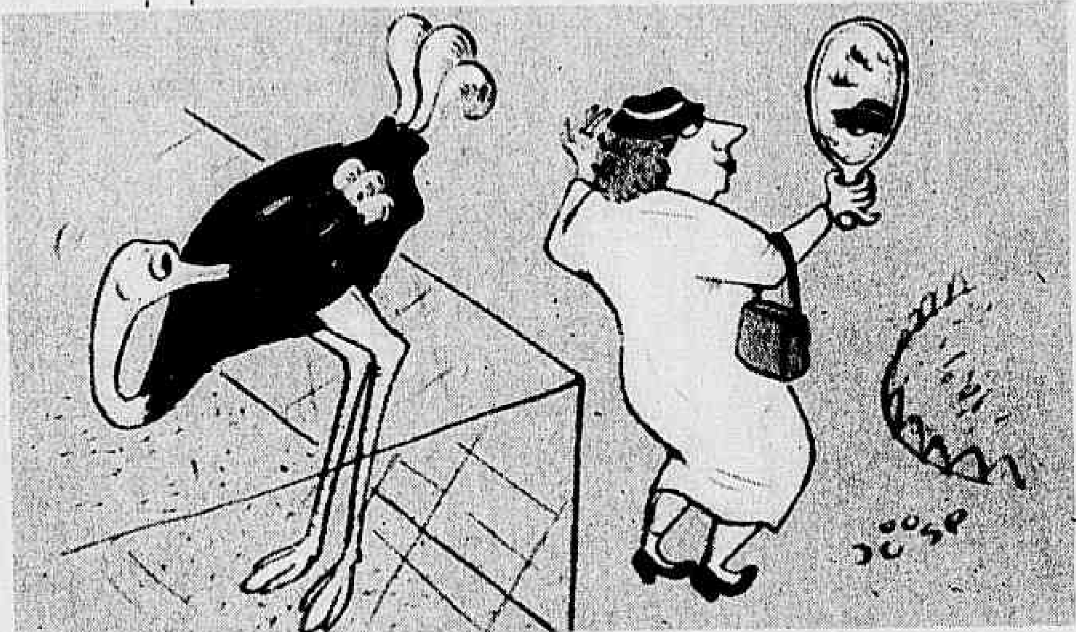
● Êsse que os jornais europeus chamam intimamente de apenas dr. Robert, nasceu em Baden-Baden, estudou na Universidade de Bonn e em Illinois e é a esperança dos infelizes atacados de leucemia ou de doença de Hodgkin. Na França, onde recentemente o famoso médico foi atender a várias crianças atacadas de leucemia, mostrou êle à imprensa, em vivo resumo, em que consistem os processos com que a medicina moderna procura debelar o terrível mal:

— Eu me ocupo particularmente dos casos de câncer mas não faço pesquisas médicas: limito-me a aplicar uma terapêutica cujo autor é um suíço, o professor Niehans. Não sou o único a aplicá-lo na Alemanha: o centro de pesquisas médicas da Universidade de Brauschweig por êle se interessa, e também numerosos médicos na Alemanha, em Viena, em Milão e mesmo em Nova Iorque.

De modo geral, o princípio terapêutico aplicado pelo dr. Robert é mais de ordem biológica do que química. Inspira-se, até certo ponto, em idéias de «O Homem, êsse desconhecido», de Alexis Carrel. Trata-se de introduzir na circulação sanguínea do doente células embrionárias frescas, retiradas pràviamente, dentro de certas condições, de um feto de cordeiro uma semana ou duas antes de seu nascimento. Pràticamente, o processo é o seguinte: quinze dias antes do parto, mata-se uma ovelha em perfeito estado de saúde na própria sala da operação. Em seguida, é ela aberta, como para uma operação cesareana, e o feto extraído nas melhores condições de assepsia. Extirpa-se a glândula suprarrenal (muito pequena no feto) e do próprio feto diversos tecidos em proporções que variem segundo a doença a ser tratada (Hodgkin ou diversas formas de leucemia). Separadamente, o médico tritura cada extrato de todos êsses tecidos, a fim de obter depois da trituração em sôro fisiológico um novo extrato, de células embrionárias frescas, vivas, em suspensão.

No estado atual dessa técnica, a dosagem do extrato se efetua em função da côr. Claro que essa dosagem é ainda aproximativa, mas o essencial é a frescura das células vivas obtidas. Na mesma sala em que se matou a ovelha, injeta-se no doente, por via intramuscular, o extrato assim obtido. O total pode atingir 80 cm3 para um adulto, em várias injeções, feitas umas ao lado das outras. Êsse choque biológico, embora pareça excessivo, tem-se revelado salutar. Quando se trata da doença de Hodgkin, aplica-se no dia seguinte uma primeira injeção endovenosa de actinomicina a título de adjutório. O importante em seguida, segundo o dr. Robert, consiste em um regime alimentar extremamente rigoroso, e cujos detalhes variam com o caso. Os primeiros sintomas de melhora nos dias subseqüentes são a diminuição da febre e o melhoramento da composição sanguínea.

A CARICATURA DA SEMANA





Michèle Morgan e seu marido Henri Vidal estão em Roma. Mais eloqüente, no entanto, falaria a legenda se dissesse com o poeta: «Teus olhos são tão profundos que nêles eu perco a memória»



MEAZZA



NASAZZI



HAPGOOD



ANDRADE



OCWIRK

A SELEÇÃO MUNDIAL DE FUTEBOL DE TODOS OS TEMPOS

A revista italiana «Tempo» organizou um «scratch» internacional de futebol, na base de uma enquête com revistas esportivas do mundo inteiro. O próprio repórter italiano afirma que o time indicado por êsse método apresenta muitos motivos de crítica, inclusive por não apresentar nenhum craque brasileiro, nenhum tcheco-eslovaco e nenhum francês.

As publicações especializadas que votaram são dos seguintes países: Austria, Bélgica, Brasil, Chile, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Inglaterra, Itália, Luxemburgo, Noruega, Holanda, Portugal, Suécia, Suíça e Turquia.

A «Gazeta Esportiva», de São Paulo, escolheu o seguinte selecionado: Zamora, Domingos, Nasazzi, Andrade, Monti, Samitier, Matthews, Meazza, Friedenreich, Leônidas, Orsi.

Países que não incluíram sequer um único jogador brasileiro: Austria, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, França, Itália, Luxemburgo, Noruega, Holanda, Suíça e Turquia.

O «Estádio», do Chile, incluiu três brasileiros: Newton Santos, Brandãozinho e Julinho.

O «Bild Zeitung», da Alemanha, apontou Ademir para a meia direita.

O «I Vradyni», da Grécia, não esqueceu Domingos da Guia.

O «World Sports», da Inglaterra, também indica Newton Santos.

«A Bola», de Portugal, escala Bauer para médio esquerdo.

O único jogador que teve unanimidade de escolha da crônica esportiva do mundo inteiro foi o famoso ponta-direita inglês Matthews.

ZAMORA (goleiro) — Nascido em Barcelona em 1900. Aos 13 anos já era reserva do Barcelona. Aos 17, defendeu pela primeira vez a seleção espanhola, o que se prolongou durante 15 anos.

NASAZZI (zagueiro-direito) — Uruguaio, conquistou em 1924 o título olímpico nos jogos de Paris. Forte nas rebatidas, ótimo na cabeça, foi sempre um dos pontos altos do futebol uruguaio de todos os tempos.

HAPGOOD (zagueiro-esquerdo) — Nascido na Inglaterra. Várias vêzes capitão do selecionado inglês, disputou uma de suas melhores partidas contra a Itália em 1939. Atlèticamente perfeito.

ANDRADE (médio-direito) — Uruguaio. Não confundir com o Andrade que veio aqui em 1950. Conquistou o campeonato olímpico de 1924 e 1928. «O melhor médio que vi», disse dêle o jornalista e ex-jogador de futebol italiano De Vecchi.

OCWIRK (centro-médio) — Nascido na Austria em 1926. Capitão do atual selecionado austríaco. Joga também de médio-esquerdo, é o maior jogador do time de sua terra.

CJAIKOWSKI (médio-esquerdo) — Nascido na Iugoslávia. Do selecionado de sua pátria. Dono de uma perfeita técnica, joga com muita habilidade tanto na defensiva como na ofensiva. Chuta com os dois pés.

MATTHEWS (ponta-direita) — Nascido na Inglaterra em 1915. Jogou 56 vêzes no selecionado inglês. Mestre dos «driblings», humilhou dezenas e dezenas de zagueiros com o seu jôgo fulminante. O maior jogador que a Inglaterra já teve.

MEAZZA (meia-direita) — Nasceu na Itália em 1910. Estreou em jogos internacionais aos 17 anos, marcando dois «goals». Campeão do mundo em 1934 e 1938. Marcou 355 «goals» em sua carreira.

DI STEFANO (centro-avante) — Nascido na Argentina. Joga atualmente no Real Madrid, da Espanha. Denominado «Flecha Loura», é o jogador de futebol mais caro do mundo. Jogava no River Plate.

PUSKAS (meia-esquerda) — Nascido na Hungria, em 1927, filho de um jogador bastante célebre. Jogou no selecionado húngaro 52 vêzes. Estreou no Kispest (hoje Honved) aos 18 anos.

ORSI (ponta-esquerda) — De origem italiana, nascido em Buenos Aires em 1903. Cognominado pelos críticos da olimpíada de 1928 como «a Estrêla de Amsterdam». Jogou 37 vêzes no selecionado argentino e 35 no selecionado italiano.



ZAMORA



CJAIKOWSKI



MATTHEWS



DI STEFANO



PUSKAS



ORSI

Semana Literária



sonêto lacustre

Mauro Mota, em "Elegias"

Debruça-se no lago e a tentadora
imagem desprendida se projeta
rápida e fina como se uma seta
do corpo em arco disparada fôra.

Vejo o salto da sombra na água quieta
caindo, na água quieta, enxuta e loura.
É o mergulho da imagem nadadora
da criatura efêmera liberta

para na eternidade refleti-la,
perpetuando de beleza o instante
na imagem viva, aquática, tranqüila,

branca, imóvel, calada, prisioneira,
submersa, ouvindo a música incessante
da eterna ronda da água carcereira.

★ OPA DA IGREJINHA

«Literatura Brasileira, para os nossos comentaristas e historiadores só existem quando os escritores e poetas aparecem nas vitrinas do Rio e de S. Paulo, com obras prestigiadas pelas mais conhecidas editôras do país. Ser editado no Amazonas, no Pará, no Maranhão, Ceará, etc., não é ser escritor. Não entrará jamais para a História da Literatura Brasileira. Para que um escritor chegue a ser citado como tal, é preciso conquistar êste binômio: a) ser editado no Rio, em S. Paulo ou Pôrto Alegre; b) morar aqui pelo sul e vestir a opa da igrejinha». — Renato de Alencar em «**Quer ser Escritor?**».

★ **QUESTÃO DE BOAS MANEIRAS**

«Bastante conhecida é a assertiva de que o estilo é o homem. E' um dêsses aforismos que dizem demais para que possam significar grande coisa. Pois escrever boa prosa é uma questão de boas maneiras. E', ao contrário do verso, uma arte civil. A forma para o poeta é o freio e as rédeas, sem as quais não poderá governar o seu cavalo, a menos que seja um acrobata. Mas, para o prosador, é o chassi sem o qual o carro não existe». — Somerset Maugham em «Confissões».

★ DISPARADA OU FLUÊNCIA?

Henrique Pongetti (só escreve a mão, e prefere o lápis à caneta) em recente crônica: — «Ainda não me refiz do trauma causado por um juízo de Thomas Mann sôbre a inferioridade dos escritores modernos em confronto com os antigos... De onde provém a inferioridade dos literatos atuais? Da máquina de escrever e da caneta-tinteiro? Sim: os antigos escreviam com a pena de pato, enxugavam suas laudas com um pó precursor do mataborrão, eram forçados a pausas, e nessas pausas coordenavam suas idéias e as aprofundavam. A mão era muito mais lenta do que o cérebro — e o chamado estilo tinha nessa lentidão uma forte ajuda... A industrialização da escrita e a autonomia da escritura — longas horas sem mudar a fita e sem carregar o tanque — prejudicaram a concentração, confundindo disparada com fluência, falta de freios com velocidade».

FICHÁRIO

«FALA TITO», de Vladimir Dedijer, narra a vida do Marechal Tito, um dos grandes líderes do comunismo internacional. Depois de contar a mocidade do revolucionário, quando o futuro chefe da Iugoslávia erguia entre os companheiros os alicerces da sua atual liderança política, o biógrafo detém-se nos anos heróicos da guerra contra os exércitos nazistas. Encerra a obra com o relato histórico da cisão entre Tito e Stalin. O livro está construído em boa parte com palavras do próprio biografado. Obra de interêsse e oportunidade. Edição José Olympio.

ENCONTRA-SE NO RIO o professor norte-americano Jack Tomlins que veio passar aqui um período de seis meses para estudar nossa literatura, especialmente a obra de Machado de Assis. E' autor de um ensaio sôbre «o movimento modernista na poesia brasileira». Há sete anos o prof. Tomlins vem estudando a língua portuguêsa na universidade de Novo México. No fim do corrente ano apresentará sua tese doutoral, cujo tema será Machado de Assis. «Li Dom Casmurro seis vêzes — declarou — e a cada vez o achei melhor. Pretendo fazer o mesmo com os demais livros de Machado».

A EDITÔRA GLOBO, de Pôrto Alegre, continua perdendo terreno no campo editorial brasileiro. Greves nas oficinas. Dificuldades de transporte. Prioridade aos trabalhos tipográficos locais que não pedem empate de capital e rendem mais. Cêrca de 80% das edições da casa aguardam reedição. Daí os lançamentos só de raro em raro.

INAUGURANDO A SUA Coleção Raul Pompéia, a Organização Simões promete para breve o já tantas vêzes prometido romance de Rosário Fusco: «Cartas à Noiva». O mesmo editor Simões dos Reis entregou recentemente a três tradutores «O Capital», de Karl Marx. O musicólogo Luís Cosme vai inaugurar a série musical da Coleção Rex com seu livro «A Música».

FILÓSOFO, MÚSICO, MÉDICO, missionário, Albert Schweitzer (79 anos, Prêmio Nobel da Paz 1953), está tendo suas obras traduzidas para o português. Depois de «Decadência e Regeneração da Cultura» e «Entre a Água e a Selva» as Edições Melhoramentos anunciam para breve «Histórias Africanas» e «Da minha Infância e Juventude». Enquanto isso, o Editor Santiago Rueda, de Buenos Aires, lança uma biografia de Schweitzer: «Un Mistico en Acción», de Mario Waissmann. Livro notável pela análise e penetração. Sugerimos à Melhoramentos a tradução imediata dessa biografia.

«PREPARA TEU FILHO PARA A VIDA — educação psicológica da criança — pelo dr. Odilon de Andrade Filho, agora em 2ª edição pela Civilização Brasileira (220 pgs.). Orienta os pais na solução dos pequenos problemas psicológicos (pequenos, mas de grande importância), e expõe os fundamentos da higiene mental e alimentar para tornar a criança apta a desenvolver uma mente sã. Linguagem clara e acessível. Recomendamos vivamente.

«QUER SER ESCRITOR?» é o título de um volume de 222 pgs. que o sr. Renato de Alencar entregou recentemente ao público através da Editorial Andes (Rua da Carioca, 11). Romancista, jornalista, polemista e crítico, o escritor Renato de Alencar manteve, durante três anos, vários cursos por correspondência: curso de literatura, de estilística e de português, e tal foi a aceitação em todo o país, que o autor resolveu publicar seus cursos em forma de volumes, para torná-los assim mais acessíveis ao grande número de interessados. O que acaba de ser lançado pela Editorial Andes é o primeiro e abrange o curso de literatura. Eis a estrutura da obra: Que é Literatura — Produção Literária — Elementos de História Literária — Alguns aspectos literários — Antologia dos Novos — O Nosso Curso — Obras que recomendamos... Em resumo, um livro de imediata utilidade e, por isso mesmo, de amplo interêsse para todo aquêle que aspira a tornar-se escritor.

O livro da semana

"O MAR QUE NOS CERCA"

DEPOIS da primeira guerra mundial, um químico alemão, de nome Fritz Haber, concebeu a idéia de extrair ouro das águas do mar — ouro suficiente para pagar tôdas as dívidas de guerra da Alemanha... Na realidade, dos inúmeros elementos presentes no mar, provàvelmente nenhum agitou tanto o sonho dos homens como o ouro. E êle ali está — em tôdas as águas que cobrem a maior parte da superfície da terra — em quantidade suficiente para transformar em milionária cada uma das criaturas humanas.

Mas, como fazer para que o mar o forneça?

Uma das tentativas mais decididas, no sentido de arrancar das águas oceânicas uma quantidade substancial de ouro, foi realizada pelo mencionado químico Fritz Haber ao organizar a expedição alemã ao sul do Atlântico, no barco «Meteor» que foi equipado com um laboratório e uma oficina de filtração. Entre os anos de 1924 e 1928, o barco atravessou diversas vêzes o Atlântico de um lado para outro, analisando a água. A quantidade de ouro encontrada, porém, foi menor do que se havia esperado, e o custo da expedição revelou-se muito maior do que o valor do ouro obtido.

Eis os dados econômicos práticos: numa milha cúbica de água do mar há cêrca de 93 milhões de dólares em ouro, e oito e meio milhões de dólares em prata. Mas, para se tratar, durante um ano, êsse volume de água, seria necessário encher e esvaziar, duas vêzes ao dia, 200 tanques de água, cada qual de 500 pés quadrados e 5 pés de profundidade. Isso, talvez, não seja relativamente um feito maior do que o realizado regularmente por esponjas, corais e ostras, mas, de acôrdo com os padrões humanos, não é emprêsa econômicamente factível.

E assim, até segunda ordem, enquanto não se inventarem processos mais compensadores de exploração, o imenso mar continuará de posse das suas imensas fortunas em ouro, êsse ouro tão cobiçado pelos homens...

«O MAR QUE NOS CERCA»

● A escritora norte-americana Rachel L. Carson, embora tivesse a seu favor um renome científico e literário que já ultrapassou as fronteiras do seu país, talvez não ousasse esperar o êxito editorial fora do comum que estaria reservado ao seu livro: «The Sea Around Us». Durante mais de um ano, a obra manteve-se na lista dos livros mais vendidos nos Estados Unidos. A seguir, apareceram as traduções para o francês, italiano, alemão e outros idiomas. E agora, temos o livro de Rachel L. Carson em português, pela Editôra Nacional: «O MAR QUE NOS CERCA» (238 páginas), em tradução de Breno Silveira. Não é obra científica, embora se mantenha dentro das normas da ciência. É livro de divulgação, e por isso mesmo acessível ao leigo. Acima de tudo, é uma obra fascinante. Narra a história do mar desde as suas remotas origens que recuam até mais de dois bilhões de anos. Tanto quanto a ciência nos pode dizer, essa é, aproximadamente, a idade da Terra, e o oceano deve ser quase tão velho quanto ela.

Graças a instrumentos modernos, pode-se hoje descobrir a idade das rochas que constituem a crosta da Terra, medindo-se a média de decadência das matérias rádio-ativas que contém. As mais antigas rochas já encontradas em qualquer parte da Terra — em Manitoba — possuem cêrca de 2,3 bilhões de anos.

QUANDO A LUA NASCEU...

● Existe até hoje uma grande cicatriz na superfície do globo, e essa cicatriz, ou depressão, contém o Oceano Pacífico. Foi dali que se desgarrou uma parte da crosta externa da Terra, formando a Lua. Nessa época, a Terra achava-se ainda em estado líquido, e sujeita a marés monstruosas produzidas pelo Sol. Calcularam os físicos que, após mais de 500 anos de sempre crescentes marés da substância líquida e ígnea da Terra, uma grande onda se desprendeu e foi lançada no espaço, formando um satélite sujeito a leis físicas que o fizeram girar numa órbita própria em tôrno da Terra. Era a Lua. Mas ficou a enorme cicatriz do desgarramento. Quando, mais tarde, as águas começaram a cair sôbre a Terra, formou-se ali o Oceano Pacífico.

AS MARÉS E A ROTAÇÃO

● Não há gôta alguma de água no oceano, nem mesmo nas partes mais profundas do abismo, que não conheça ou responda às fôrças misteriosas que criam a maré. Nenhuma outra fôrça que afeta o mar é mais forte. Comparadas à maré, as ondas produzidas pelo vento são movimentos de superfície sentidos, quando muito, apenas a cem braças abaixo do espelho das águas. A primeira vista é surpreendente que o Sol, com uma massa 27 milhões de vêzes maior do que a da Lua, deva ter menos influência sôbre as marés do que um pequeno satélite da Terra. Mas, na mecânica do universo, a proximidade conta mais do que as massas distantes. Assim, após fazer-se todos os cálculos matemáticos, chega-se ao resultado de que o poder da Lua sôbre as marés é mais do que o dôbro do Sol.

Na época em que a Terra era jovem, a aproximação da maré deve ter sido um acontecimento estupendo. Isso porque a Lua ficava então muito mais perto da Terra do que hoje, exercendo, pois, muito maior influência. A posição atual da Lua é uma conseqüência de ter sido ela, durante cêrca de 2 bilhões de anos, empurrada cada vez mais para longe. Quando se achava na metade da sua distância atual da Terra, seu poder sôbre as marés oceânicas era oito vêzes maior do que agora, sendo que a altura das marés pode ter atingido, em certos lugares, mais de 100 metros. Com o decorrer de milhões de anos, a Lua foi recuando, afastada pela fricção das marés que ela própria criava. O próprio movimento da água sôbre o leito do oceano, sôbre as margens rasas dos continentes e, ainda, sôbre os mares internos, carrega em si mesmo a fôrça que está lentamente destruindo as marés, pois a fricção causada por estas está gradualmente diminuindo a rotação da Terra.

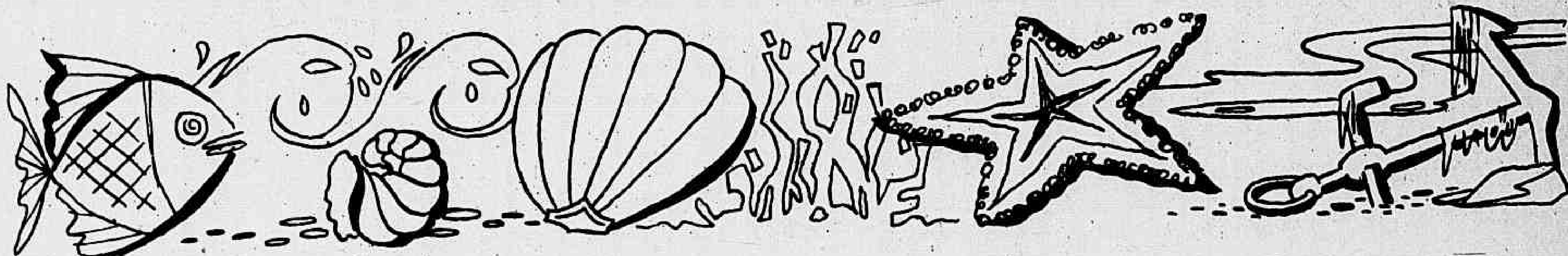
Nos dias primitivos de que falamos, a Terra levava muito menos tempo — talvez apenas cêrca de 4 horas — para realizar uma rotação completa em tôrno do seu eixo. Desde então, a rotação do globo diminuiu tanto que ela agora exige cêrca de 24 horas. Êsse retardamento continuará, segundo os matemáticos, até que o dia se torne 50 vêzes mais longo do que agora.

DUAS ESPÉCIES DE TEMPO

● Há ainda um segundo efeito produzido pela fricção das marés: é o de afastar cada vez mais a Lua, como já a afastou mais de 200.000 milhas. À medida que a Lua fôr recuando, terá naturalmente cada vez menos poder sôbre as marés — e estas se tornarão cada vez mais fracas. Demorará também mais tempo para que a Lua complete o seu giro em tôrno da Terra. Quando, finalmente, o comprimento do dia e do mês coincidirem, a Lua não mais girará em relação à Terra — e não mais haverá marés lunares. É provável que, a essa altura, a raça humana já tenha desaparecido da Terra. De qualquer maneira, podem-se verificar alguns dos efeitos de tais processos cósmicos. Acredita-se que o dia, hoje, seja alguns segundos mais longos do que no tempo dos babilônios. O Astrônomo Real Britânico chamou, recentemente, a atenção da Sociedade Filosófica Americana para o fato de que o mundo terá logo de escolher entre duas espécies de tempo. O encompridamento do dia, causado pela maré, já complicou os problemas dos sistemas humanos de medição do tempo. Os relógios convencionais, que funcionam de acôrdo com a rotação da Terra, não mostram o efeito dos dias mais longos. Entretanto, os novos relógios atômicos, que estão sendo agora construídos, mostrarão o tempo verdadeiro — e serão diferentes dos outros relógios.

RIQUEZA DOS MARES

● Voltemos ao comêço, quando falamos do ouro contido no mar. O capítulo sôbre as riquezas dos oceanos é um dos mais curiosos do livro de Rachel L. Carson. Quase nada significam o ouro e a prata em comparação com outros tesouros, quantitativamente mais valiosos, e mais acessíveis, contidos nos oceanos do mundo, como por exemplo o iôdo que é talvez a mais misteriosa de tôdas as substâncias do mar, e o magnésio, e já sem falar do petróleo. Sim, de todos os legados dos antigos mares, o petróleo é certamente o mais precioso. — **O. S.**



DESLUMBRAMENTOS E DESORDENS

ANTONIO MARIA

PENSÁVAMOS que as ruas do Recife noturno fôssem nossas. Vínhamos da campina dos engenhos, com a impressão de que éramos donos das coisas e das pessoas. E saíamos, de noite, para reinar. O «cabaret» foi o primeiro grande deslumbramento, com os seus cartazes inesquecíveis: «10 bailarinas de salão, importadas diretamente de B. Aires e Montevidéu». Eram 10 mulheres decotadas, com as sobrancelhas em arco, mais bonitas que as locais, fumando em longas piteiras, cheirando a «Giacinto Innamorato» (que eu me lembre, era assim que se escrevia), encantando-nos. Logo no segundo dia, já estávamos em grandes amizades, comendo peixes cozidos nos restaurantes da praia, providenciando passeios de barcaça e contando histórias que, quando não sabíamos, inventávamos. Não tínhamos dinheiro, mas, tínhamos alegria. E a mulher de «cabaret» (só muito depois, viemos saber disso) adora alegria. As coisas tôdas do seu trabalho: a proposta galante, a comissão no corpo de bebida, o próprio tango argentino — tudo é tristeza. Alegria é sair de tarde ou, se chover, ficar jogando paciência, inventando mágicas de baralho, imitar o andar e a fala dos outros. Para nós, o «show» sempre foi uma função de muito respeito e Lupita Carballo era sensacional. Tinha a cintura muito fina, os quadris grandes e redondos. Fazia um número de bailado espanhol, complicadíssimo e só no fim da temporada fomos saber o que significava. Era a história de uma camponesa que se apaixonara por um moço rico. Lutava, sofria, mortificava-se — tudo em vão. Um dia, cansada de viver e de esperar, cravava um punhal no peito, bem em frente à janela do nobre. E Lupita ficava morta no chão, com a mão fechada em cima do seio, enquanto durassem os aplausos. Apagavam-se as luzes e a dançarina saía de cena, correndo por entre as mesas. Nunca houve um dia — contou-nos — que, ao fugir de cena, não fôsse apalpada, nas coxas, pelos fregueses mais categorizados da casa. Lupita nunca foi muito do grupo, porque mentia um pouco: dava a entender que era prima de Dolores Del Rio.

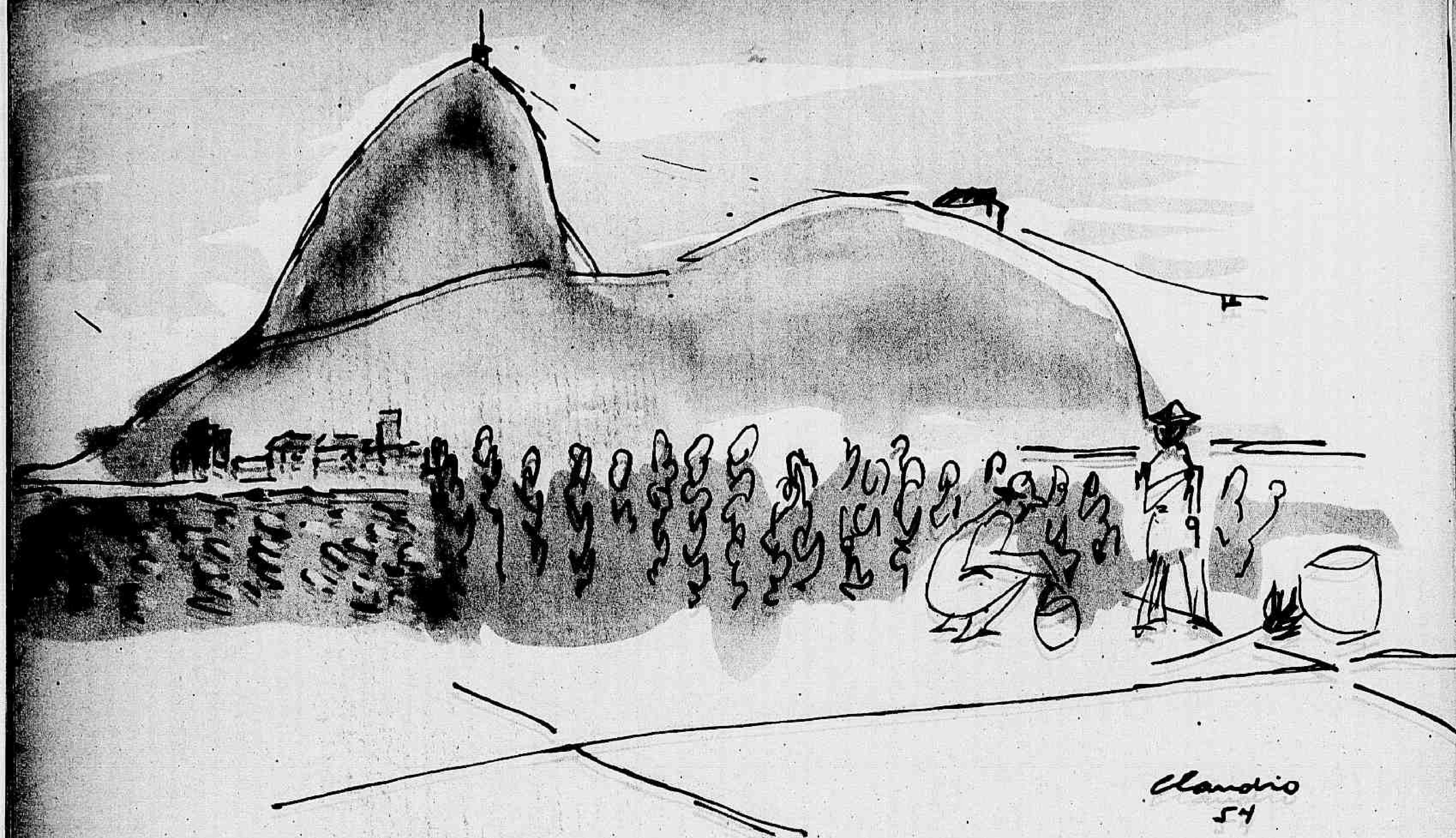
Muitas dessas moças foram nossas amigas, durante vários anos e aconteceu que nos encontramos inúmeras vêzes, sempre com imensa ternura, na Bahia, em Maceió, S. Paulo... por onde passávamos, elas estavam. Queixavam-se de tédio, não iam trabalhar enquanto nosso navio parasse no pôrto e bebiam, falando em velhice. Gostaria de escrever os nomes dessas moças argentinas e uruguaias, mas não sei se deva, não sei se possa.

● Fora do «cabaret», bebíamos nos botequins onde houvesse aguardente, caju ou sarapatel. Andávamos em grupo, éramos grandes de corpo e muito valente nos olhava no canto do ôlho, com vontade de tirar a diferença. A polícia foi, aos poucos, criando raiva dos nossos abusos. Não fazíamos nada, mas falávamos alto, rindo muito. Então, uma meia dúzia de investigadores resolveu seguir-nos e, depois, provocar-nos. A princípio, evitávamos. Saíamos de onde êles estavam. Mas, com o tempo, a provocação foi tanta, que cansou. Fomos levados a sérios conflitos contra investigadores e guarda-civis. Acabamos sempre na cadeia. Chegamos a ser barrados no «cabaret», para onde os delegados Fábio Correia, José Francisco e João Roma mandavam os policiais de sua maior confiança (fortíssimos e carniceiros), com ordem de matar-nos, se fôsse preciso. Uma noite, fomos jogar no Cassino do Grande Hotel. Tínhamos bebido e estávamos alegríssimos. Na porta, havia um «tira» muito nosso conhecido, que andava jurando, em tudo o que era roda de café, um dia nos pegar. Estava na porta, com as mãos nos quadris (o paletó aberto) para mostrar o revólver que tinha. Quando um de nós foi entrando, o polícia grunhiu: «nem pense nisso». Quisemos saber por quê. Respondeu: «porque eu não quero»... E ia acrescentando um discurso de moral, mas, no primeiro maltrato que disse, levou um tapa de mão aberta em cima da orelha e, quando caiu sentado, já estava sem a arma. Fêz uma cara de mêdo, um olhar de quem vai morrer afogado. Pediu para não apanhar, alegando ser casado e ter filhos. Mas, não foi possível atendê-lo. Completamente imobilizado, levou algumas palmadas no local apropriado, enquanto era intimado a nos chamar de «papai». Se não chamasse, não o largaríamos tão cedo. Com um ar nojentíssimo de covardia, hesitando, abriu a bôca e disse baixinho: — Papai...

Claro, que meia-hora depois estávamos no xadrez. Dois de nós ficaram dois dias presos e, ao sair, receberam ordem para deixar a cidade em 72 horas.

Desenho de DAREL





RIO
capital (mundial) do contraste



NUM dia de calor sufocante, céu esbranquiado como o do deserto e ar imóvel, preguiçosamente, o Rio de Janeiro aniversariou pela 387ª vez. E' uma cidade que tem sua história enfeitada por algumas invasões e resistências heróicas. Desde seus primórdios, segundo constatamos pelos quadros e gravuras da época, reina por cá um certo tonzinho grotesco. Rapazotes imperiais, encimados por chapéus de copa alta, cruzam com indiferença pelos aguadeiros semi-nus. A cidade, então pequena, não busca sòmente a facilidade da planície, mas, já inquieta, se encarapita também pelos morros. Os grandes amôres preocupam e divertem os habitantes, que ganham na figura de D. Pedro I o mais cristalino exemplo de «Kerniano». Muito ideal político se refugia, medrosamente, no coração de homens que mantêm atitudes exatamente opostas a êles, por uma questão complicadà de concepções do cumprimento do dever. A natureza, sempre próspera em beleza para os olhos, cuida bem do aspecto da mulher carioca, a mais irrequieta de tôdas suas criações.

Mas o tempo vai passando, a população engrossando, os maiôs diminuindo e as tendências se acentuando. Agora, neste dia de calor sufocante, tanto quanto devem ter sido os demais de 386, o que constatamos é que o Rio de Janeiro é a capital mundial do contraste. Entre êles, está o da conservação, embora sem veleidades a tradicional, de algumas de suas características iniciais. Os aguadeiros ainda andam semi-nus pelas ruas, transportando, em carrinho de mão, latas d'água para vender nas casas de torneira sêca. Mas não cruzam com rapazotes de chapéu alto, cruzam com rapazotes de calças curtas e revestidos por «Cadillacs».

★ CRESCE A CIDADE

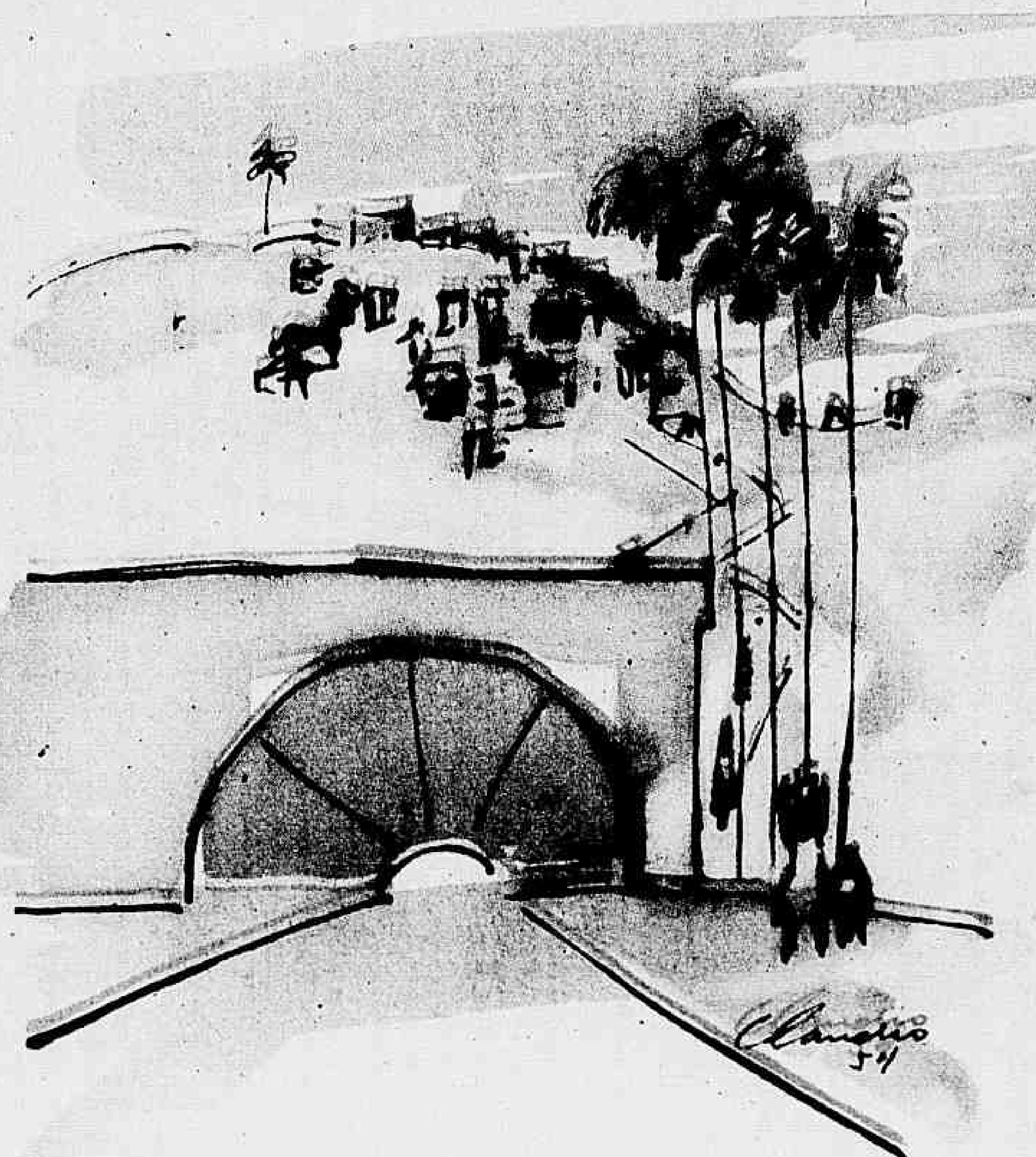
A cidade foi crescendo, ràpidamente, atabalhoadamente, sem esperar coisa alguma, sem ganhar um aparelho ortopédico, sem dar tempo aos homens que deviam arrumá-la melhor, de fazer um estudo cuidadoso e determinar seu desenvolvimento. Subiu mais os morros, depois desceu, coalhou a planície, e terminou subindo por cima de si mesma, assumindo ares de grande metrópole, com altos edifícios

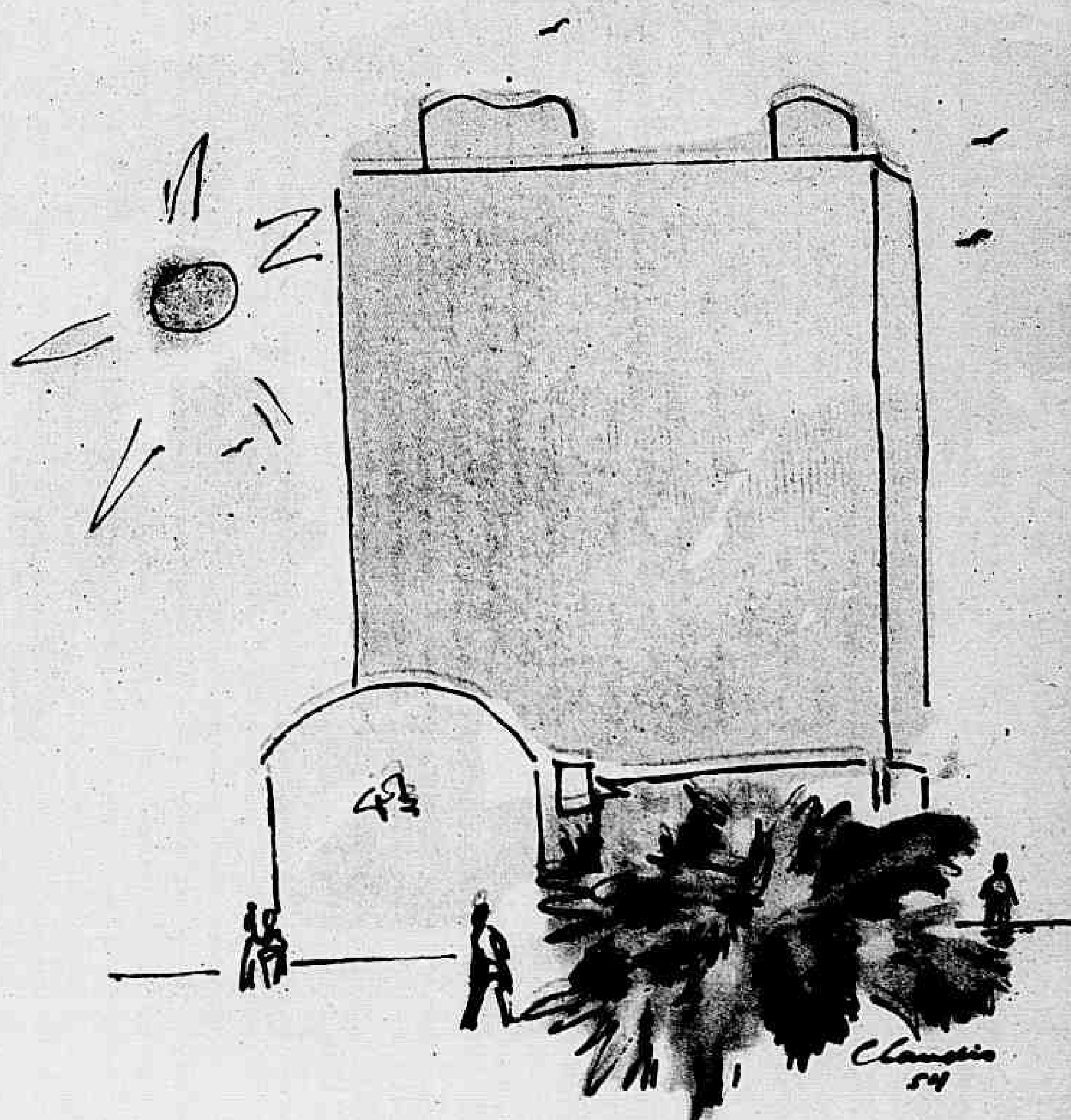
(Cont. na pág. 40)



As agruras são muitas, mas a alegria é maior. O oceano é sempre uma provocação

Reportagem de MARITA LIMA ★ **Desenhos de CARLOS CORRÊA E CASTRO**







A SELEÇÃO NACIONAL TEM UMA



MA DEFESA DE FERRO

Ao alto, da esquerda para a direita: BRANDÃOZINHO, GERSON, DJALMA SANTOS, NEWTON SANTOS, VELUDO, BAUER; agachados: o massagista MARIO AMERICO, JULINHO, DIDI, BALTAZAR, HUMBERTO e RODRIGUES.

"PRIMAVERA em

NOVA YORK — Abril — (por Gay Lombard — correspondente exclusiva

SENTE-SE a Primavera — na maior cidade do mundo — de uma forma encantadora: nas árvores que se cobrem de côres variegadas, nas mulheres que se vestem mais vistosamente, e aos poucos vão pondo de lado os pesados agasalhos de inverno; e no olhar exultante dos homens e das crianças (homens e crianças têm reações muito semelhantes diante dos fenômenos da natureza). Já muito antes, porém, que a nova estação se manifestasse cuidavam os costureiros, chapeleiros, perfumistas e os outros criadores dos infinitos artifícios femininos, em preparar condignamente a sua chegada. No Wardorf Astória — o mais famoso hotel de Nova York — os desfiles se sucederam êste ano como nunca se viu igual; não houve noite de folga para a cronista mundana ou de modas. Modelos elegantes apresentaram vestidos nova yorquinos ou franceses



ROXANNE — Vestido de meia gola, em tafetá azul claro e renda negra, de Chantilly. Apresentado no desfile do N. Y. Dress Institute



SOPHIE — Fêz desfilar uma bela coleção de vestidos de renda, como êste modêlo em renda bege de Alençon, com faixa e flores rosa

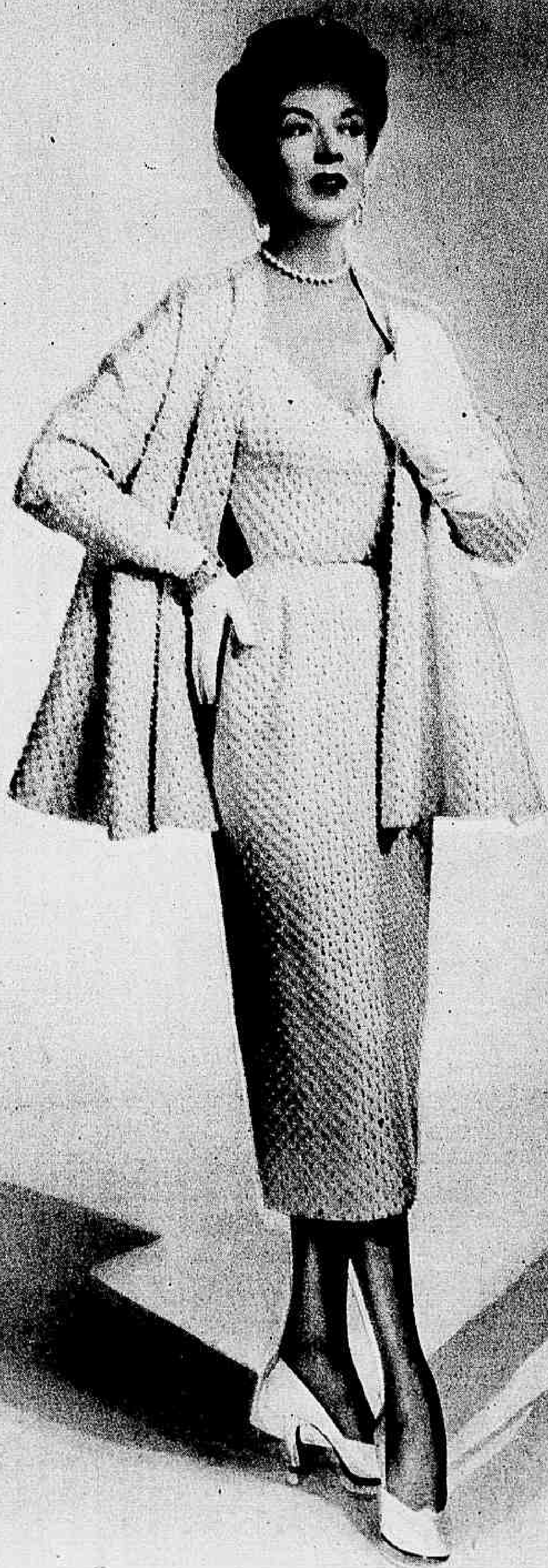
N

da "P

"NOVA-YORK"

da "Revista da Semana" nos Estados Unidos).

(houve também um desfile dos costureiros italianos de Milão, Veneza e Florença); pernas bem torneadas mostraram a nova linha das meias (inclusive a novidade da estação: costuras na frente); colos alvos realçados por vestidos simples de veludo negro passaram com as criações mais ricas de joalheiros internacionalmente famosos... Cada desfile, por outro lado, contava entre a assistência com as figuras mais em evidência no mundo da grãfinagem internacional, e do constelado céu cinematográfico. Um dos desfiles mais interessantes, e já tradicional, foi o do New York Dress Instituto (uma espécie de sindicato dos costureiros norte-americanos, que equivale nos Estados Unidos ao Sindicato da Alta Costura na França). As fotografias que escolhemos, para mostrar às leitoras da «Revista da Semana» a moda de Primavera em Nova York, foram selecionadas dentre as mais interessantes do desfile, e que melhor se adaptam ao atual clima do outono brasileiro.





MAURICE RENTNER — Apresentou muitos modêlos de linha suavemente drapeada, como êste, em sêda vermelha, com "pois" branco

'AURICE RENTNER — Conjunto para a noite, totalmente oraado de pérolas e pedras brilhantes. Muito elegante e original





"CERVEJA" — UM BOM TEMPERO

Use-a para preparar um bom prato de carne ou de peixe.
TIA DULCE

COMO os franceses — grandes apreciadores do vinho — tiveram a idéia de empregá-lo na preparação de determinados pratos, também os alemães e os húngaros, que são os maiores bebedores de cerveja do mundo, inventaram alguns truques muito simples para se cozinhar com cerveja. Se você nunca experimentou, pode ter a certeza de que perdeu muito tempo. Siga uma das receitas que dou aqui e verá que existem muito mais coisas para se fazer com uma garrafa de cerveja do que simplesmente bebê-la. Os húngaros, por exemplo, que são amigos dos pratos suculentos, acrescentaram cerveja a uma de suas iguarias favoritas: a carne de vitela. Se você quer uma prova muito simples, mas muito gostosa, disso, faça seu açougueiro cortar um pedaço de peito de vitela, tirando o mais possível a pele e os ossos. Em seguida, enrole-a, amarrando bem apertado com um pedaço de barbante. Toste de todos os lados, numa frigideira, com duas colheres das de sopa de manteiga, e depois ponha numa panela. Pique, então, uma cebola, e frite na gordura. Quando estiver bem tostadinha junte três colheres das de sopa de farinha de trigo, e misture. Em seguida, derrame também junto uma garrafa de cerveja e tempere com dois cravos, uma meia dúzia de pimentas em grão, e uma fôlha de louro. Mexa o tempo todo enquanto estiver no fogo. Derrame o môlho sôbre a carne de vitela e leve ao fôrno moderado, durante umas duas horas, virando de vez em quando. Se o môlho ficar muito grosso, junte mais um pouco de cerveja. Depois de pronto você compreenderá o que quero dizer!



● SE O SIMPLES PENSAMENTO de **peixo com cerveja a horroriza**, experimente, assim mesmo, seguir esta velha receita alemã. Você ficará surpreendida e, ao mesmo tempo, deliciada. Compre cêrca de dois e meio a três quilos de peixe e corte em pedaços de sete a oito centímetros. Toste duas cebolas picadas em duas colheres das de sopa de manteiga e junte, em seguida, duas colheres das de sopa de farinha de trigo. Deixe cozinhar durante alguns minutos, mexendo sem parar, e acrescente duas colheres das de sopa de açúcar prêto, uma colher das de chá de sal, seis grãos de pimenta, dois cravos, uma boa pitada de môlho inglês e duas xícaras de cerveja. Continue a cozinhar o môlho, até que êste fique com a consistência de um creme bem leve. Coloque dentro do môlho os pedaços de peixe, e cozinhe em fogo brando, até que estejam macios. Logo antes de servir, ponha uma colher das de sopa de vinagre, e cozinhe durante mais um minuto ou dois. Tire os pedaços de peixe, arrume num prato, e regue com o môlho.



● SE EXISTISSE UMA galeria de pratos famosos, é indiscutível que o **«sauerbraten»** teria ali um lugar permanente. Tem sido apreciado há muito tempo e continuará a sê-lo enquanto houver gente de paladar fino. Os velhos apreciadores continuarão a insistir que o verdadeiro «sauerbraten» deve ser preparado com vinagre de cerveja, feito com cerveja azêda. Derrama-se a cerveja dentro de um pote de barro, toca-se ligeiramente com vinagre e deixa-se azedar, antes de usá-la no môlho em que se deverá mergulhar a carne. Se você não está disposta a fazer o vinagre de cerveja, damos aqui uma excelente receita, em que o vinagre comum é usado. Separe um pêso de dois quilos de carne, com bastante gordura, tempere com sal e pimenta e ponha dentro de uma vasilha bem grande, com duas xícaras dágua, duas xícaras de vinagre, duas cebolas picadas, três fôlhas de louro, seis talos de aipo, uma dúzia de grãos de pimenta, uma cebola, das grandes, picadas, um quarto de colher das de chá de tomilho e quatro cravos. Cubra tudo com um pano de prato dobrado, e deixe a carne de môlho durante uns três ou quatro dias, virando umas duas vêzes por dia. Quando estiver pronta para assar, unte-a de todos os lados com um pouco de gordura e coloque numa panela com algumas verduras e o líquido em que estêve de môlho. Tampe a panela e deixe cozinhar em fogo brando, durante umas três horas; junte mais água se fôr preciso. Depois que a carne estiver pronta, derreta três colheres das de sopa de açúcar numa frigideira pesada e, aos poucos, adicione o líquido em que foi cozida a carne, mexendo sem parar. Acrescente, também, um têrço de xícara de passas sem caroço, depois de passá-las ligeiramente em água fervendo, e quatro ou cinco biscoitos de gengibre moídos. Cozinhe tudo durante quatro ou cinco minutos, até começar a engrossar. Ponha mais tempêro se fôr preciso, e, por fim, misture uma xícara de creme azêdo. Derrame parte dêsse môlho sôbre a carne já picada, e sirva o resto numa molheira à parte. Depois disso, você terá aproveitado um pouco a vida!



● NENHUM GLUTÃO QUE se preze sentará à mesa diante de um prato de «sauerbraten», sem algumas **panquecas de batata** para acompanhá-lo; damos, portanto, aqui, a receita: Amasse duas xícaras de batatas e junte duas colheres das de sopa de farinha de trigo; uma colher das de chá de fermento em pó, um ôvo; uma colher das de chá de sal e uma pitada de pimenta. Ponha um pouquinho de gordura na frigideira, e derrame aí a massa de batatas, fritando como para panquecas. A massa deve ficar bem fina e as panquecas também. Deixe escorrer a gordura e sirva quente.



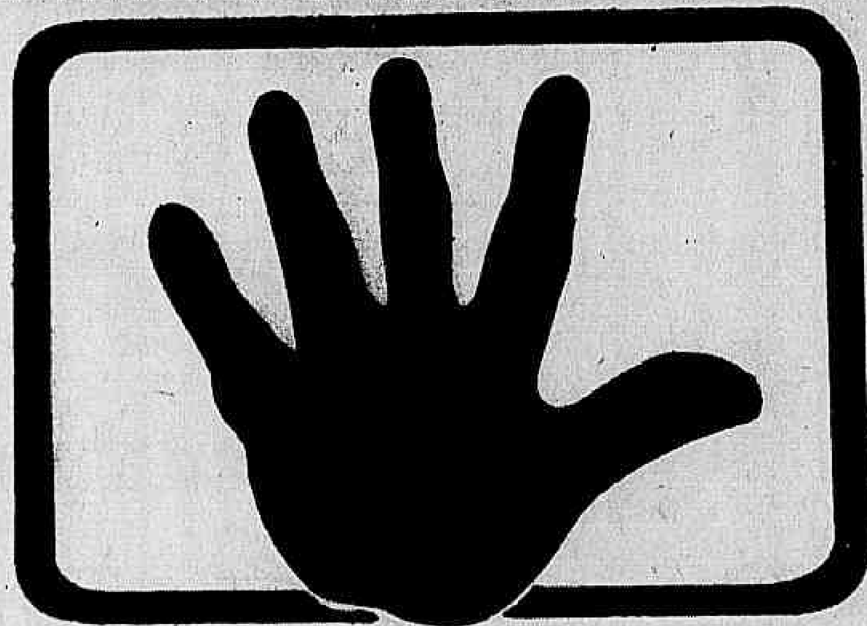
● CERVEJA COM CAMARÕES — é uma combinação de sabores raramente ultrapassada; isso quando o camarão é comido e a cerveja bebida. O que não diremos, então, de um prato em que entrem os dois, como o que apresentamos aqui adiante? Lave cêrca de meio-quilo de camarões, bonitos e grandes, em água fria, e ponha dentro de uma panela, cobrindo inteiramente com cerveja. Adicione um dente de alho, uma cebola picada, alguns grãos de pimenta e uma colher das de sopa de sal. Amarre alguns raminhos de tomilho e de salsa juntos e ponha também aí dentro. Deixe levantar fervura e diminua bem o fogo, deixando cozinhar em fogo brando durante uns 25 minutos. Quando os camarões estiverem bem rosados, tire do fogo, e deixe dentro da própria cerveja. Descasque e limpe-os e coloque-os em outra panela, com um têrço de xícara de manteiga, temperada com uma pasta bem fina de anchova. Toste-os ligeiramente e acrescente uma xícara de creme de leite aquecido, mexendo bem, deixando os camarões cozinharem durante mais algum tempo. Sirva-os em cima de fatias de pão torrado com um pedacinho de bacon ou presunto!

MARIA

★ Brevemente iniciaremos a publicação do belíssimo e emocionante romance **MARIA**, obra-prima de Jorge Isaacs. Trata-se de uma história banhada de delicioso lirismo, contendo episódios de amor entre dois jovens que se amavam desde a infância, sem que de nada suspeitassem. Jorge Isaacs, uma das glórias da literatura sul-americana, nasceu na Colômbia e soube dar ao seu romance todo o vigor de sua alma de poeta.

MARIA

É UMA HISTÓRIA DE AMOR, CHEIA DE EMOÇÃO E POESIA



PARE!

À QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

Conversa de MULHER

★ A MARINHEIRA



A alfândega de Montreal desconfiou que havia alguma coisa errada com aquêle marinheiro que vinha de Ostende. O seu passaporte não estava cem por cento, e aquêle jeito de falar... Mandou que êle se despisse. No que não foi atendido. O «marinheiro» preferiu confessar que seu nome era Liliana Soudemont, era pois mulher, e viajava com o passaporte do pai como tripulante do navio. Não, ninguém, nem mesmo o comandante, havia desconfiado de seu disfarce. Durante tôda a viagem procedera exatamente como os outros marujos. Nenhum trabalho, por mais pesado estivera acima de suas fôrças. E terminou declarando que gostava da vida no mar, e achava que não se conformaria mais em viver em terra...

Assim acabou a aventura da jovem marinheira que quis provar que os trabalhos de um navio podem perfeitamente ser executados por mulheres.

★ MULHERES «GANGSTERS»?

No início do corrente ano foram prêsas em Paris duas jovens — ambas muito conhecidas nas rodas existencialistas da capital francesa. Eram elas Ginette Guilloiseau e Liliane Fiant, acusadas de terem atacado uma senhora idosa, na época das festas de fim de ano, e roubado da loja da mesma um porção de vestidos, bijouteria e roupa de baixo finíssima. Para executar o plano tiveram que atirar na velha, com o revólver, ferindo-a nos ombros. Disseram na polícia que não constituíam uma quadrilha organizada, nem haviam roubado por ambição ou necessidade. Queriam apenas provar aos namorados que «também» eram capazes de executar um assalto com inteiro sangue frio.

★ 14 NORTE-AMERICANAS FORAM CAÇAR...

Tôda a população de Nairobi se movimentou curiosa para ver aquêle grupo incomum de caçadores que partiam para a «jungle». Era constituído por 14 mulheres norte-americanas, que organizaram, assim, uma caçada invulgar, constituída apenas pelo sexo feminino. Iam em busca de matéria prima para seus casacos de peles e penas para seus chapéus. A expedição, que custou a cada uma das participantes cêrca de 300 contos, desenvolveu-se normalmente, e não registraram incidentes desagradáveis, apesar do perigo por que passaram (elas e as feras).

★ FOGÃO A... SOL

O govêrno da Índia está patrocinando uma fábrica de fogões, que cozinham com o calor do sol. A iniciativa é interessantíssima e viria solucionar um grande problema econômico das donas de casa, sempre às voltas com as contas de gás, carvão, ou outro combustível, que sirva para preparar a comida de todos os dias. A única dificuldade com êsses fogões é que nos dias enublados e chuvosos não se poderia cozinhar. No mais, são uma verdadeira maravilha! Cozinham com rapidez, não precisam de combustível e não sujam as panelas, já que o calor se obtém pela irradiação direta dos raios solares. Isso para as donas de casa, porque para o govêrno da Índia resolve outra questão: a economia de combustível (carvão e madeira) que permitiria, assim, poupar as florestas indianas que estavam sendo devastadas.

★ O MAIS BEM VESTIDO

Foram recentemente entrevistadas 8 mulheres italianas, célebres no mundo social (condêssa Crespi), cinematográfico (Lucia Bosé), literário, teatral, etc., a fim de escolherem o homem mais bem vestido da atualidade. O vencedor foi Douglas Fairbanks Jr., com uma maioria absoluta. Depois, foram citados também: Anthony Eden, Gary Cooper e Beverly Nichols (que escreve uma crônica de modas numa revista inglêsa).



As italianas consideram elegante o uso do terno cinza ou marinho, gravata azul, camisa branca. Acham vulgar e deselegante: meias berrantes, assim como ternos e camisas de côres «não masculinas», e sapatos de camurça, principalmente os castanhos. **Lígia Junqueira.**

★★★★★★★★★★★★★ Sugestão para o lar ★★★★★★★★★★★★★



● Não existe nada mais antipático, no sistema moderno de construção de apartamentos, que as incômodas e pouco estéticas «kitchenettes» — onde o espaço mal dá para se virar, quanto menos para se preparar um prato de comida, por mais simples que seja. Por isso mesmo, chamou-nos a atenção a fotografia ao lado, que vem solucionar a questão de se ter duas bôcas de fogo para se cozinhar, numa habitação de quarto e sala. O fogão (de duas bôcas e com forno em baixo) foi hàbilmente colocado numa abertura feita na parede, pintada de branco e vermelho tijolo. Essa abertura, em ângulo, apoia-se no canto em uma coluna lisa, branca. Na parte de trás do fogão existe um armário amplo, para os mantimentos, pratos, copos, toalhas de mesa, etc.

● Não pára aí, porém, o espírito inventivo do arquiteto. A cômoda, que estão vendo no ângulo à esquerda, é nada menos que uma pia disfarçada, à qual se tem acesso levantando-se o tampo envernizado. Assim, tem-se num mesmo aposento uma sala de jantar e uma cozinha, onde a dona de casa não sofrerá de sufocação. A decoração é completada com linoleum imitando madeira, mesa e cadeiras em pau marfim. Estamos certos que a sugestão de hoje será bem recebida pelos casais que estão construindo o seu apartamento com orçamento reduzido, e pelos solteiros, a quem um quarto e sala constituem o suficiente para seu confôrto. (NIKE).

Um pouco de beleza



A NOVA MAQUI·LAGEM

● *Junto com os desfiles de moda para a Primavera lançaram os institutos de beleza também os seus ditames para 1954, em matéria de maquilagem. A característica principal da nova maquilagem está no fato de ser apoiada em linhas "triangulares", e dar ao rosto uma forma angulosa — ao contrário de 1953, em que predominavam as formas arredondadas. As sobrancelhas terão uma linha mais quebrada, os olhos serão ligeiramente "felinos", a bôca pintada de vermelho forte, e o rouge passado bem mais para cima, quase junto ao canto externo dos olhos... — JULIA DE MILO*

Exercício para as mãos

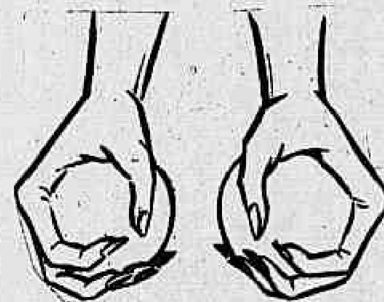
● *Um dos melhores exercícios para a beleza e descanso das mãos é mantê-las para cima o maior tempo possível, especialmente quando estão avermelhadas ou apresentam veias saltadas.*

De um modo geral, os exercícios para as mãos só lhes são benéficos, porque melhoram a circulação do sangue nas mesmas, e previnem a formação de rugas. Eis alguns exercícios que você poderá praticar duas a três vêzes por dia:

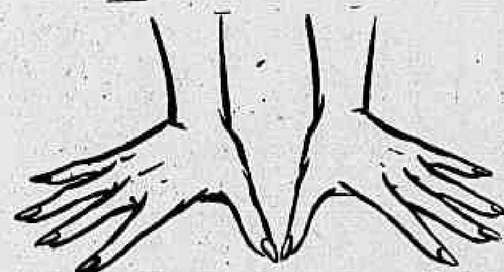
1 *— Levante as mãos até acima da cabeça e sacuda-as vigorosamente. Ótimo para estimular a circulação.*



2 *— Amasse fortemente com as mãos uma bola de papel ou de borracha. Fortalecerá, assim, os músculos dos dedos.*



3 *— Abra as mãos sôbre uma superfície lisa e estique os dedos o mais possível. Éste exercício é ótimo, também, para as mãos endurecidas pelo artritismo.*



PARA REALÇAR OS OLHOS

Se você tem olhos bonitos e quer que êles sobressaiam, arranque sòmente os pêlos inferiores das sobrancelhas. Se esta fôr curva demais, tire um pouco, também, nas extremidades, para que fiquem menores e mais bonitos.

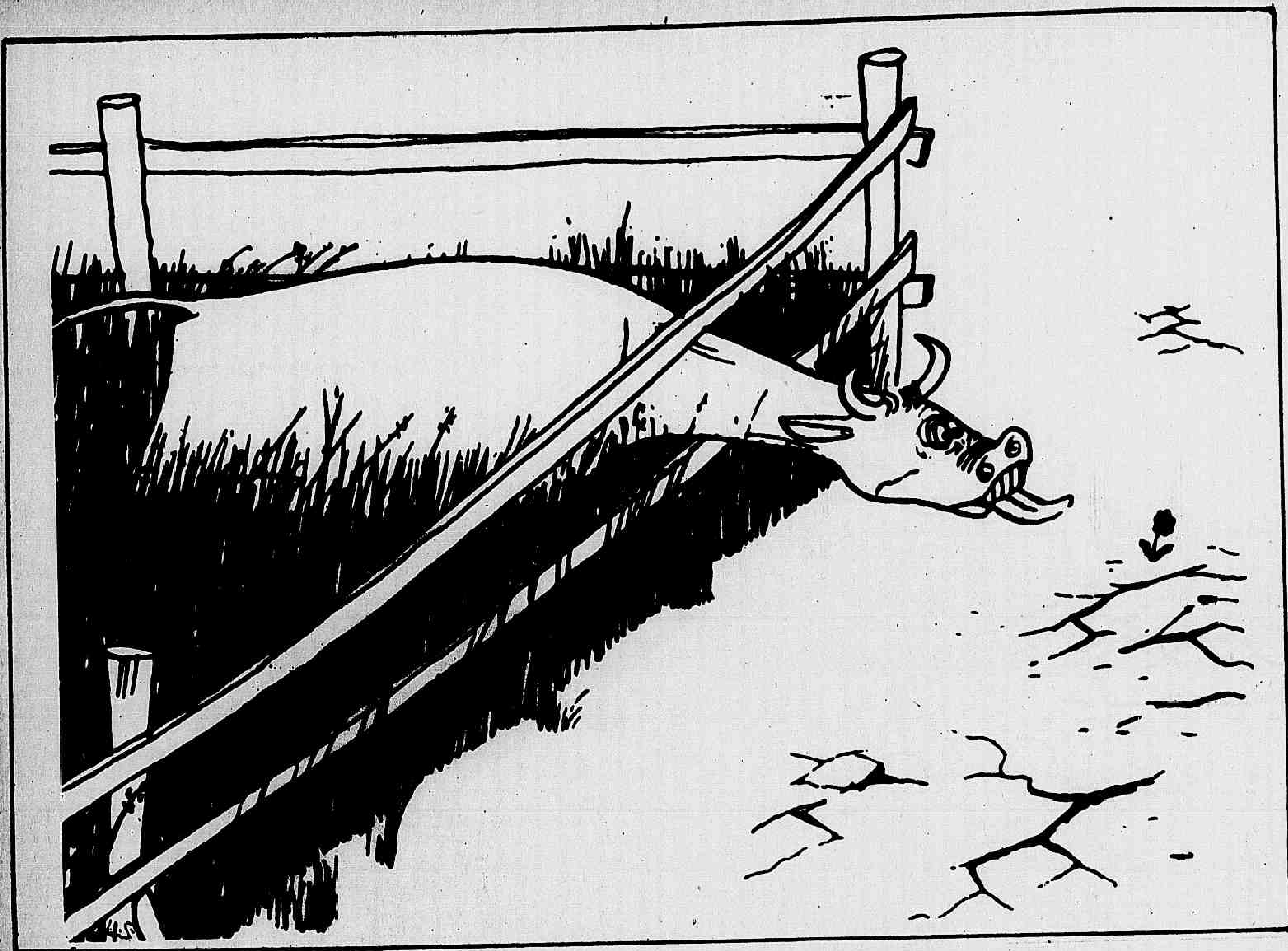
ESCOVE BEM OS CABELOS

Para distribuir por igual o óleo natural de seus cabelos, escove-os sempre com uma escôva medianamente dura. Deve passar a escôva em sentido contrário àquele em que costuma pentear os cabelos, para que saia tôda caspa e poeira que porventura tenham-se fixado no couro cabeludo.

PESTANAS ENROLADAS

Os cílios recurvados dão à fisionomia um ar mais vivo e esperto. Tôdas as noites, passe nas mesmas um pouco de vaselina e depois enrole-as com o aparêlho apropriado para isso, mantendo-as apertadas por 10 ou 12 segundos.



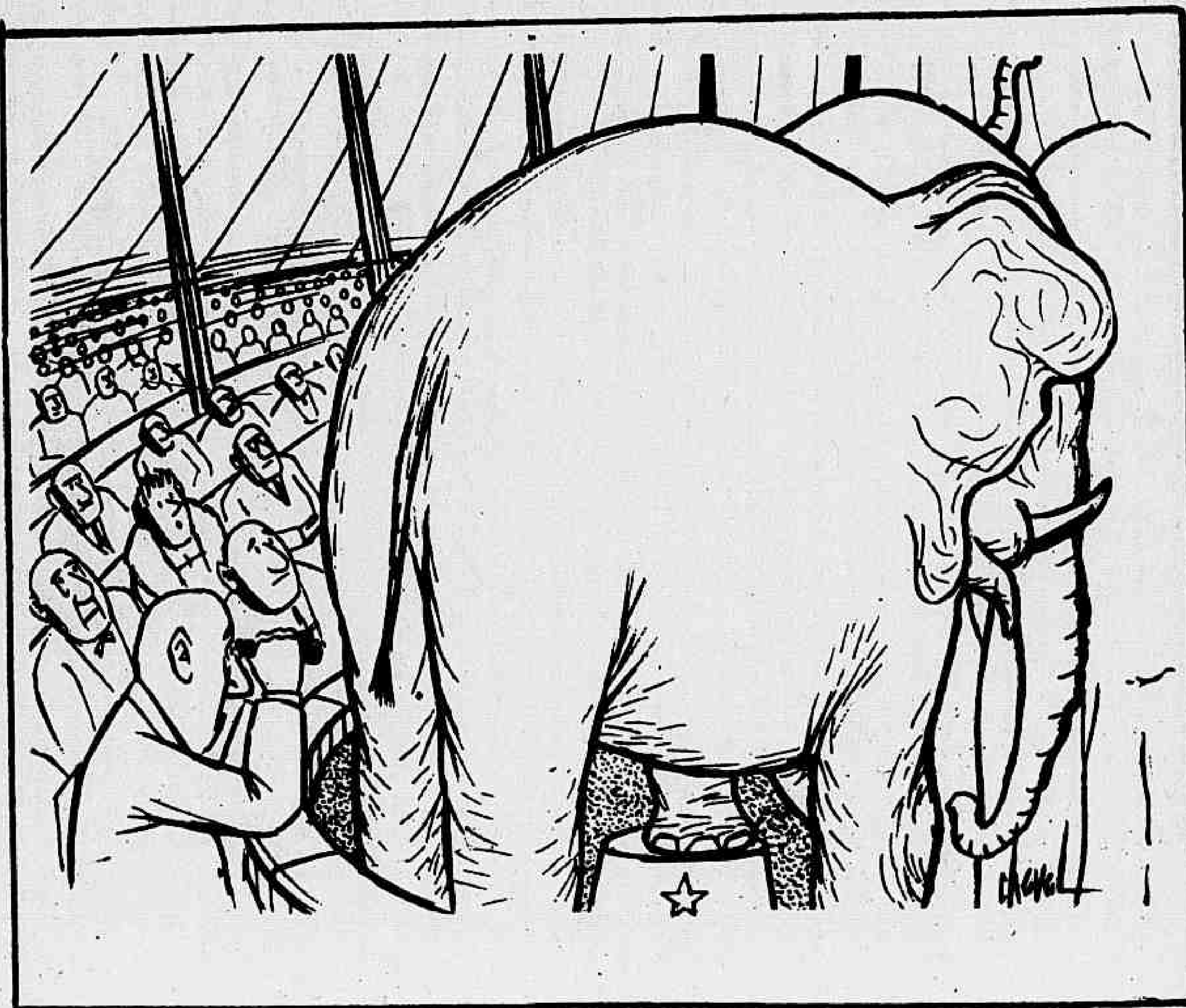


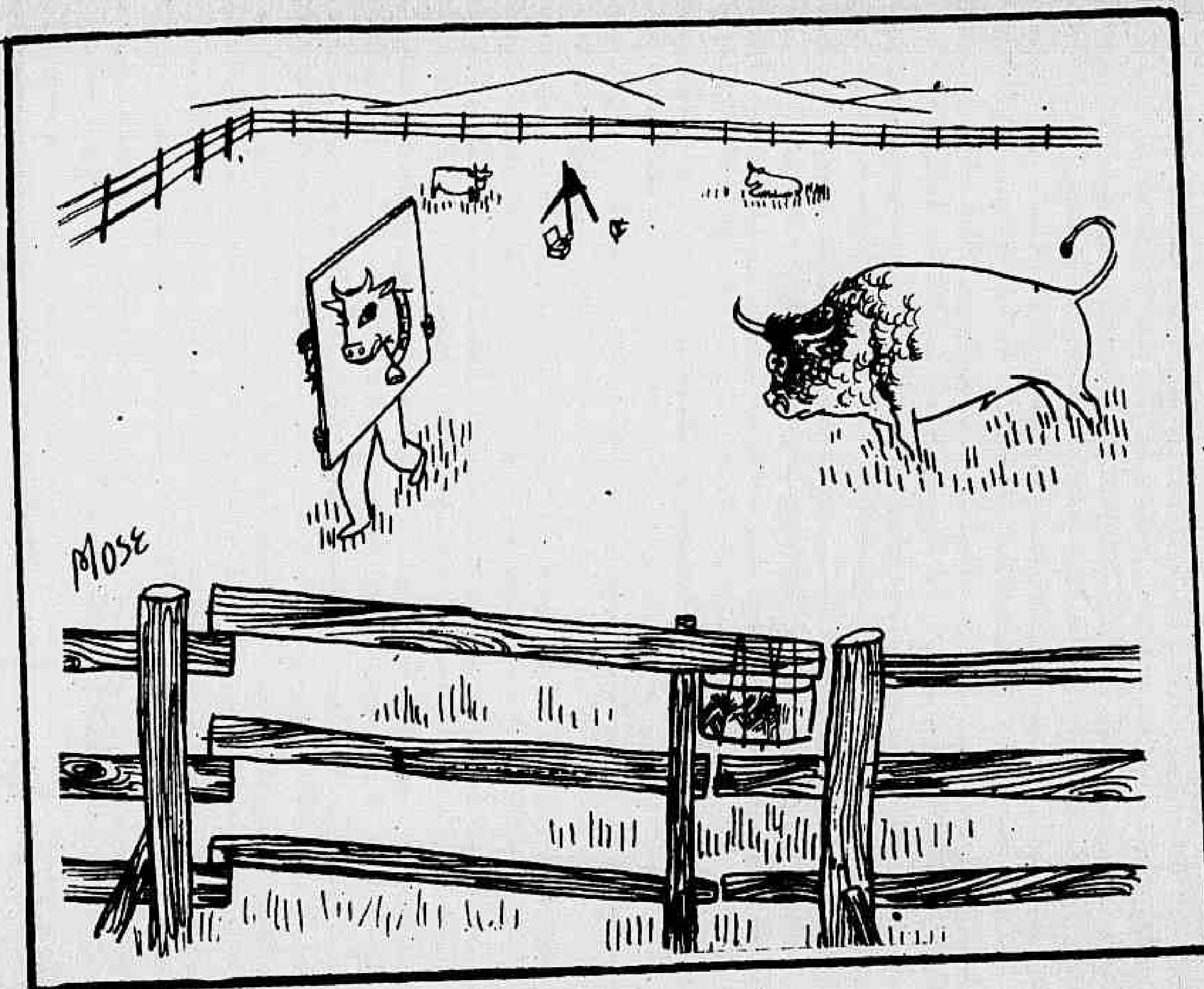


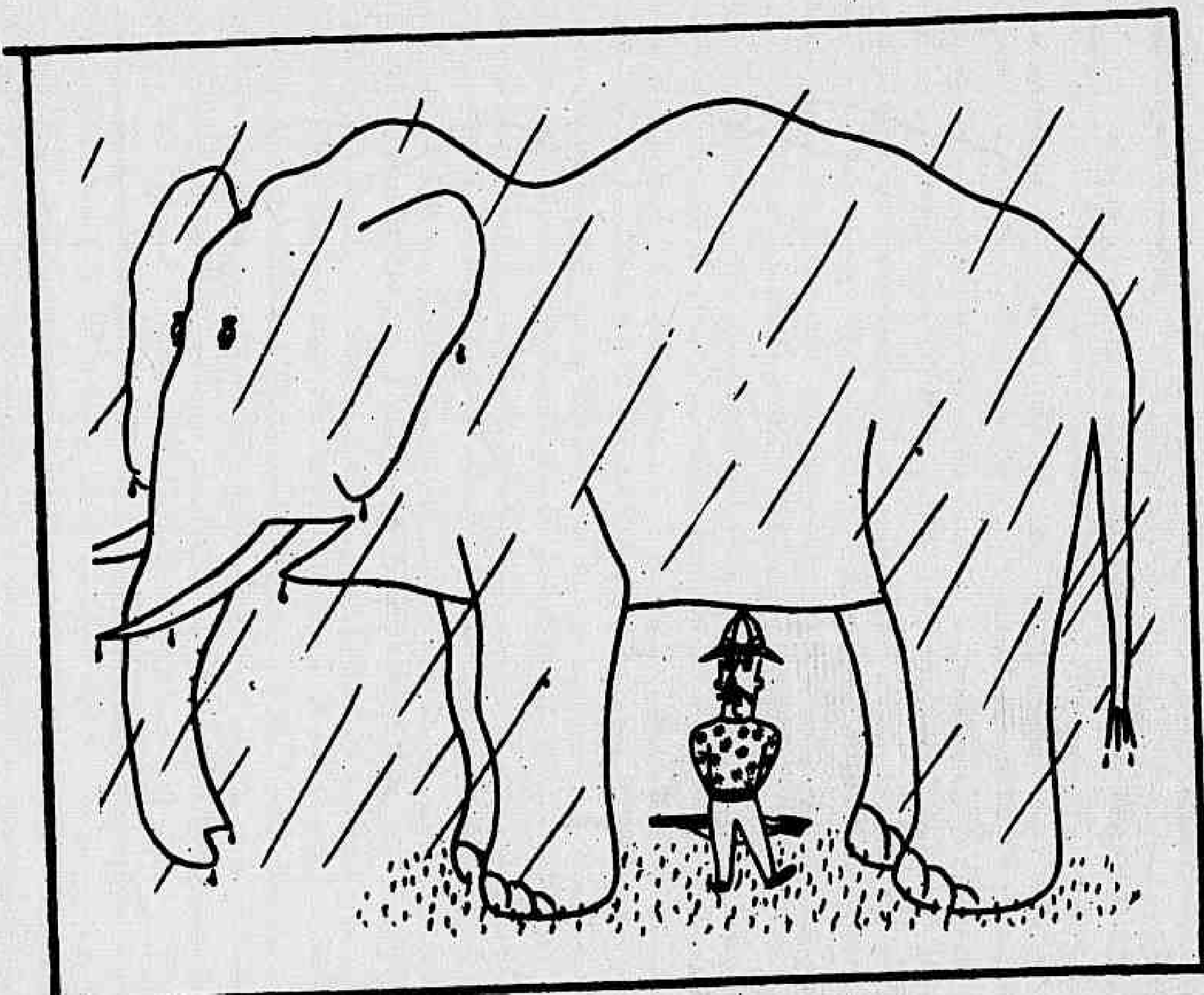
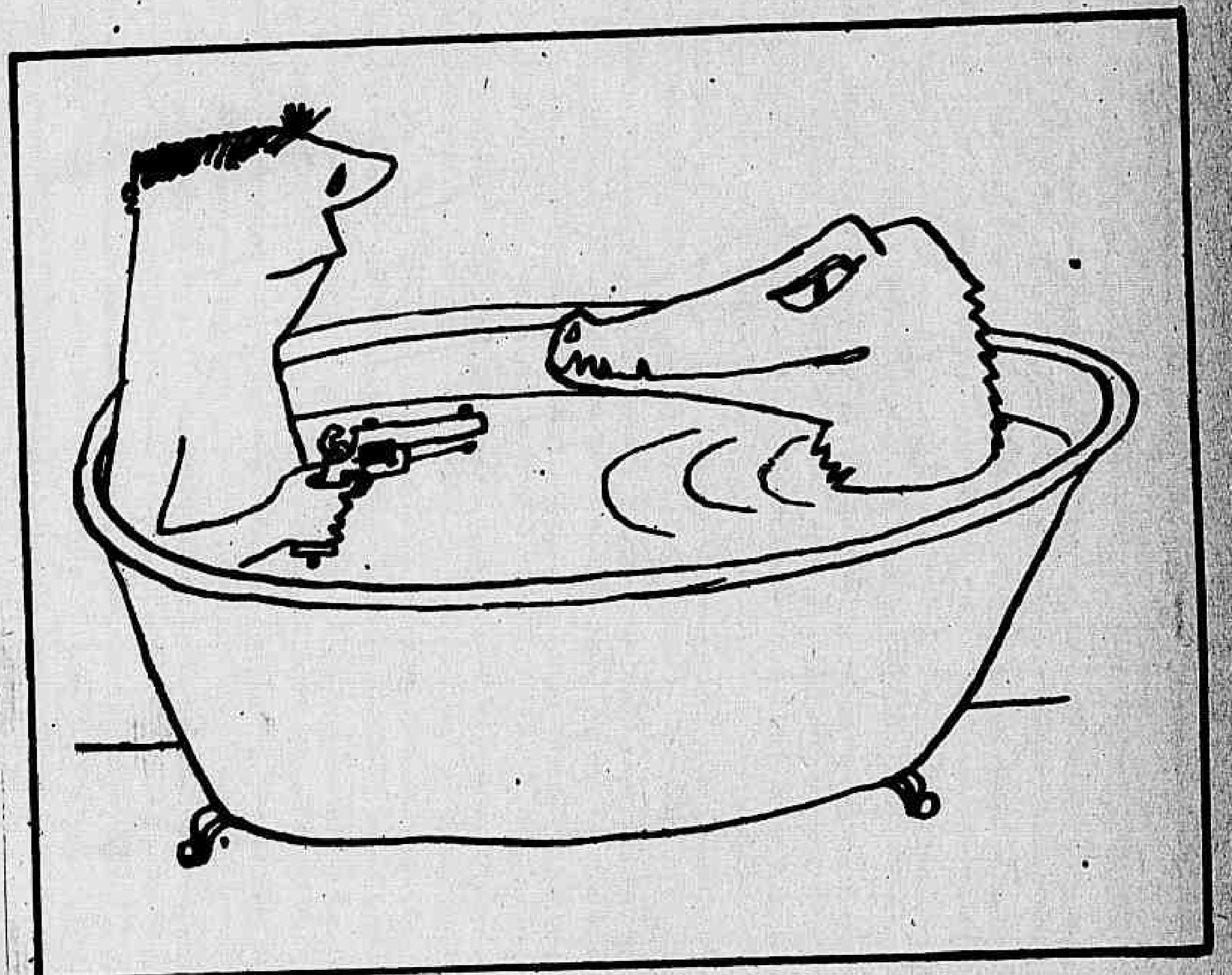
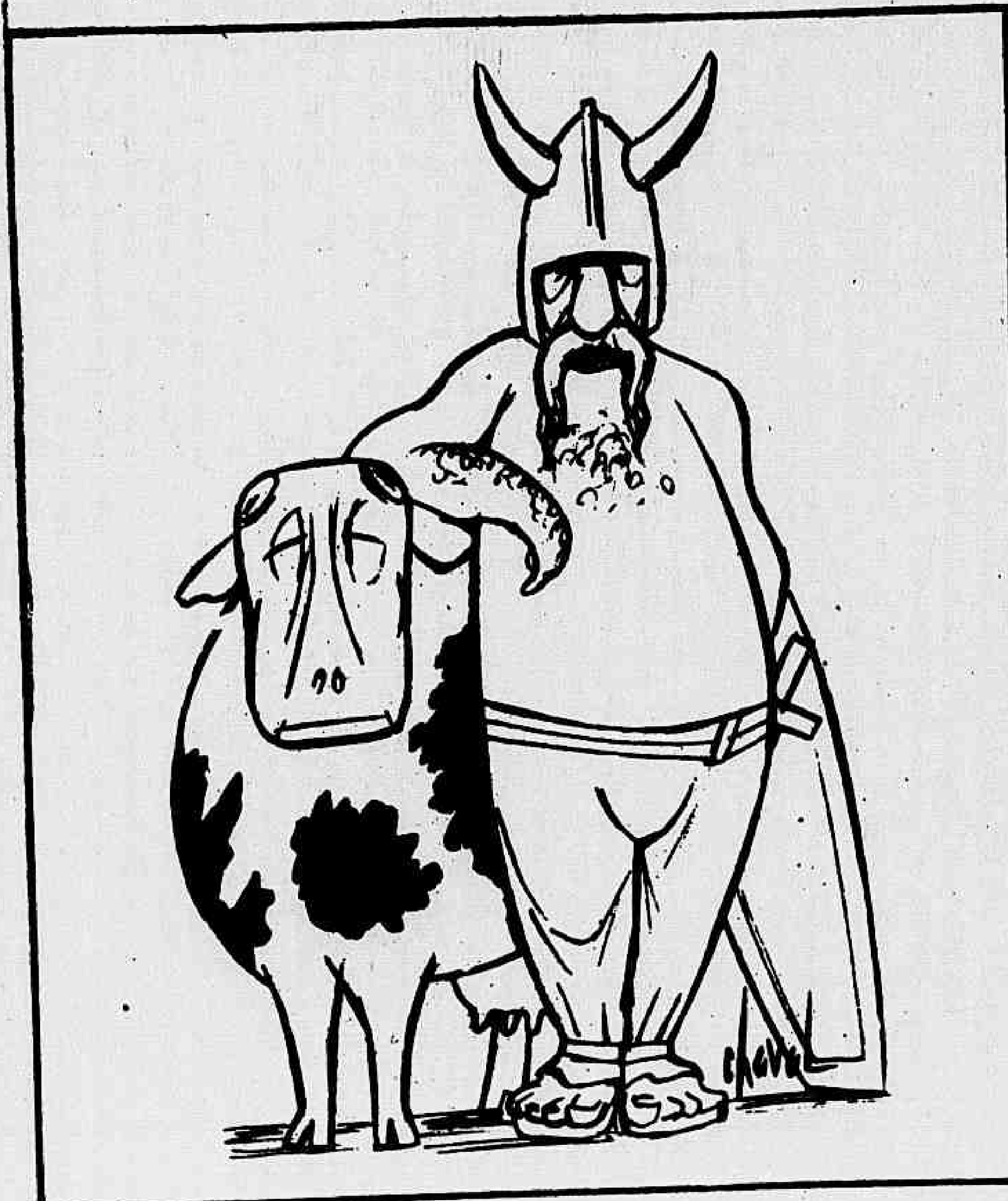
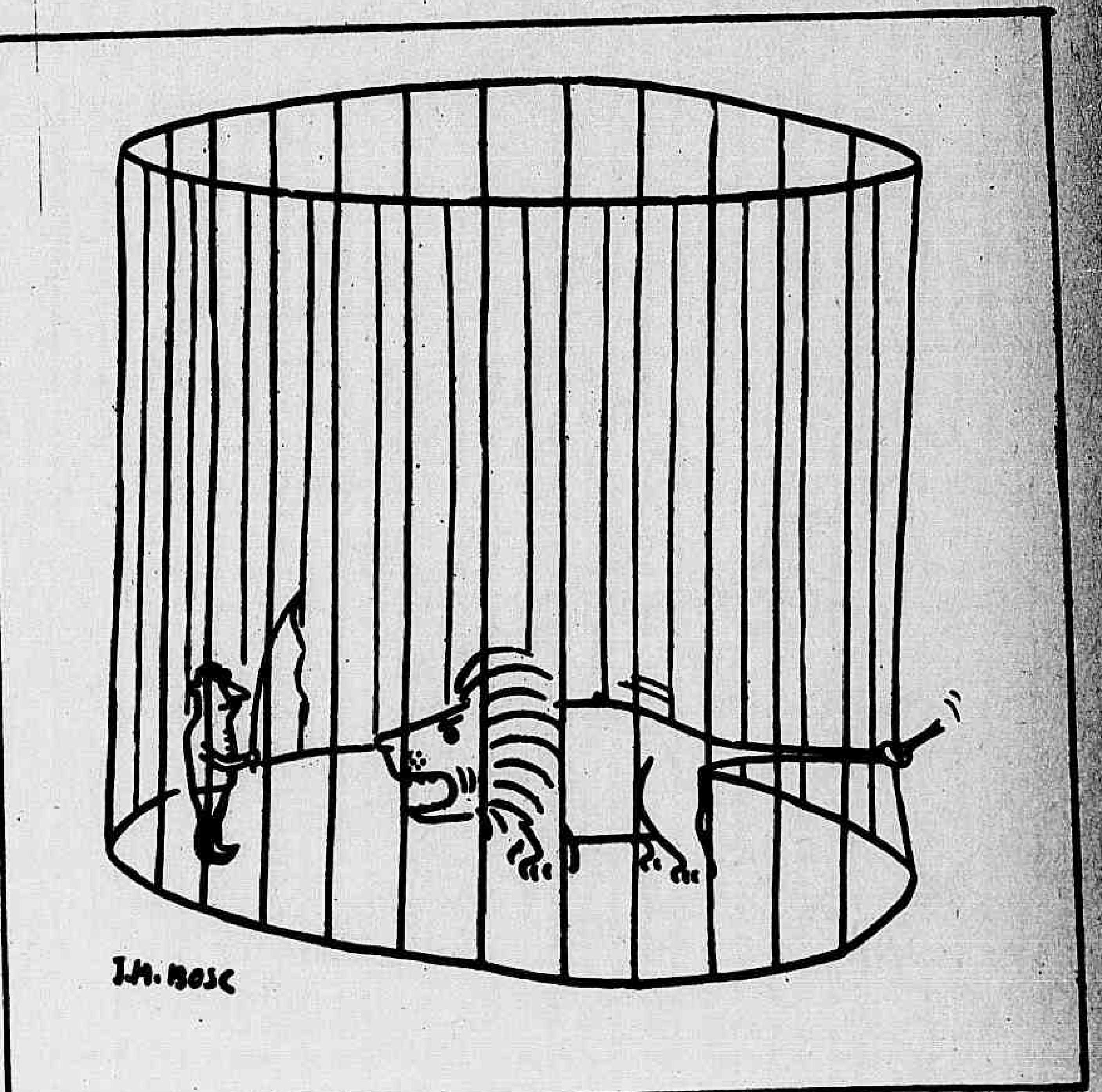
— Não se assuste, querida. Êles são muito gentis.

OS ANIMAIS NO RISO DOS OUTROS






MOSE

GAD




J.M. BOSC

diária nunca esquecida a sua HIGIENE ÍNTIMA

Metrolina

ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME........................

RUA.................. Nº.....

CIDADE......................

ESTADO......................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Endereço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILISTICA e PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. de Maranguape, 15 - Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

CALVÍCIE PRECOCE
Como evitá-la!
JUVENTUDE ALEXANDRE
Super eficaz contra QUÉDA DOS CABELOS

CUCO

Ainda esta semana, a página humorística de Leon Eliachar não será publicada. Mas já no próximo (15) será reiniciada a sua publicação como habitualmente.

RIO, CAPITAL MUNDIAL DO CONTRASTE

(Cont. da pág. 29)

que se interpõem entre os nossos olhos e a paisagem, já escondida, deixando para trás sòmente a saudade de um nome que hoje designa apenas um bairro elegante.

Aqui e ali surgem algumas casas e prédios que se contam entre as mais belas flores da arquitetura mundial. O Ministério da Educação se levanta simples e majestoso. E o nome de seus idealizadores também cresce, emigra, ressoa pelo mundo curioso e surprêso dêstes filhos tão nobres, nascidos de berço tão pobre. Mas a cidade não é uma senhora de temperamento tranqüilo, e não se satisfaz com um ou outro filho bem comportado. E' ferida pelos outros, que a marcam nas carnes como em sinal de vingança contra o descaso de que foram vítimas. O estigma se alastra por todos os bairros e se sobressai, de preferência, nos mais aprazíveis recantos. Acomodadas no dorso das montanhas sinuosas que se intercalam com o azul do céu, as favelas mancham as paisagens. E vêm-se derramando lá de cima, até o meio das casas ricas, que se desassossegam com esta proximidade. A miséria escorre pelos morros e se mistura com a riqueza, afetando-a, como muitas vêzes o faz a febre tifóide. E também as gentes de lá descem o morro, para apanhar água, para trabalhar e sobem novamente para morar. São corpos escuros, com tôda a elegância de uma raça pura, ou quase isto, que se locomovem, preguiçosos e cadenciados. São risos claros e selvagens que mostram o branco dos dentes e sacodem os peitos, muitas vêzes minados. São palavras obcenas que cruzam os ares, como única manifestação possível de revolta contra tanta miséria, tanta dificuldade, tanta carência e tão pouca esperança.

★ MORRO ABAIXO, MORRO ACIMA

Mas, imperdoável, surge o contraste e põe nesta mesma gente e neste mesmo lugar uma alegria especial, que só transparece pela batucada, pelas noites inteiramente passadas com o samba e a cachaça, pelo sentimento das pastorinhas que sabem cantar porque nasceram assim, pelo riso de um criolo que canta alegremente uma música muito triste e daqui a pouco vai coriscar no ar o aço de sua navalha que logo se apaga, afundado na escuridão de algum rosto ou garganta daquelas.

Cá em baixo, mais pelas margens da praia, a outra mocidade, abastada e «gaté», rola dia e noite sôbre rodas movidas a petróleo estrangeiro, repetindo os brados musicais das favelas, imitando, numa cadência pior, aquela mesma batucada, se disputando êste e aquêle decote, pagando uísque a qualquer preço e se esbordoando, quando não encontra mais o que fazer, coisa completamente inútil numa cidade que cultiva uma certa frota de camionetas verdes atulhadas de esbordoadores profissionais.

As praias imensas se estiram pela orla urbana, num afrontoso convite ao calor. O oceano é uma provocação glauca e espumante. No entanto, é de surpreender o fato de algumas pessoas se encorajarem ao desfrute dêste prazer quando, logo a seguir, as espera os desprazer da falta de água em casa, para um banho doce. E só vamos compreender o ato heróico dos que afrontam esta dificuldade para ir ao banho de mar, nas caladas da noite, quando sorrateiramente os caminhões bojudos, roncando seus motores, ligam as mangueiras a uma ou outra caixa d'água mais previlegiada.

A cidade é bela e preciso é vê-la. A condução é difícil, convém evitá-la. Por isto, todos que podem e para variar, os que não podem também, compram automóveis. Mas parece o caso do jacaré que comprou cadeira e não tem jeito para sentar. Os carros não cabem mais na cidade. E' de ver a hora do «rush», com os asfaltos cobertos pelo metal dos carros, num congestionamento completo, todos se atropelando, businando, se amassando, matando gente, reclamando, e não tendo mais o que lhes ajude do que uma quantidade incrível de setas e placas, avisos, rodelas vermelhas, amarelas, números, tudo pregado pelos postes, como na tentativa de fazer uma floresta artificial, do gênero da arte abstrata. Mas não resulta, pois falha aos dois intentos. Não é nem eficiente, nem artístico. Talvez não seja delicado dizer que é mesmo.

★ O CARIOCA

E' alegre e improvisador. Basta um grande anúncio luminoso numa obra da beira da praia, para que logo se organize um futebol amador ali perto, com jogos noturnos que atraem a atenção de dezenas de espectadores. Todos estão esquecidos que aquela luz roubada está fazendo propaganda de uma futura moradia do Rio de Janeiro, o que equivale a dizer: da moradia mais cara do mundo, provando assim que há roubos mais sérios do que o da luz.

Ainda muito depois do resultado do campeonato de futebol, grita-se pelas ruas: «Flamengo!» Os blocos já surgem aqui e ali. Muito carro passa pelas ruas, cheio de gente, de bombo, de tamborim e de carnaval. E' a grande festa que se anuncia. As escolas de samba ensaiam passos novos para sua apresentação.

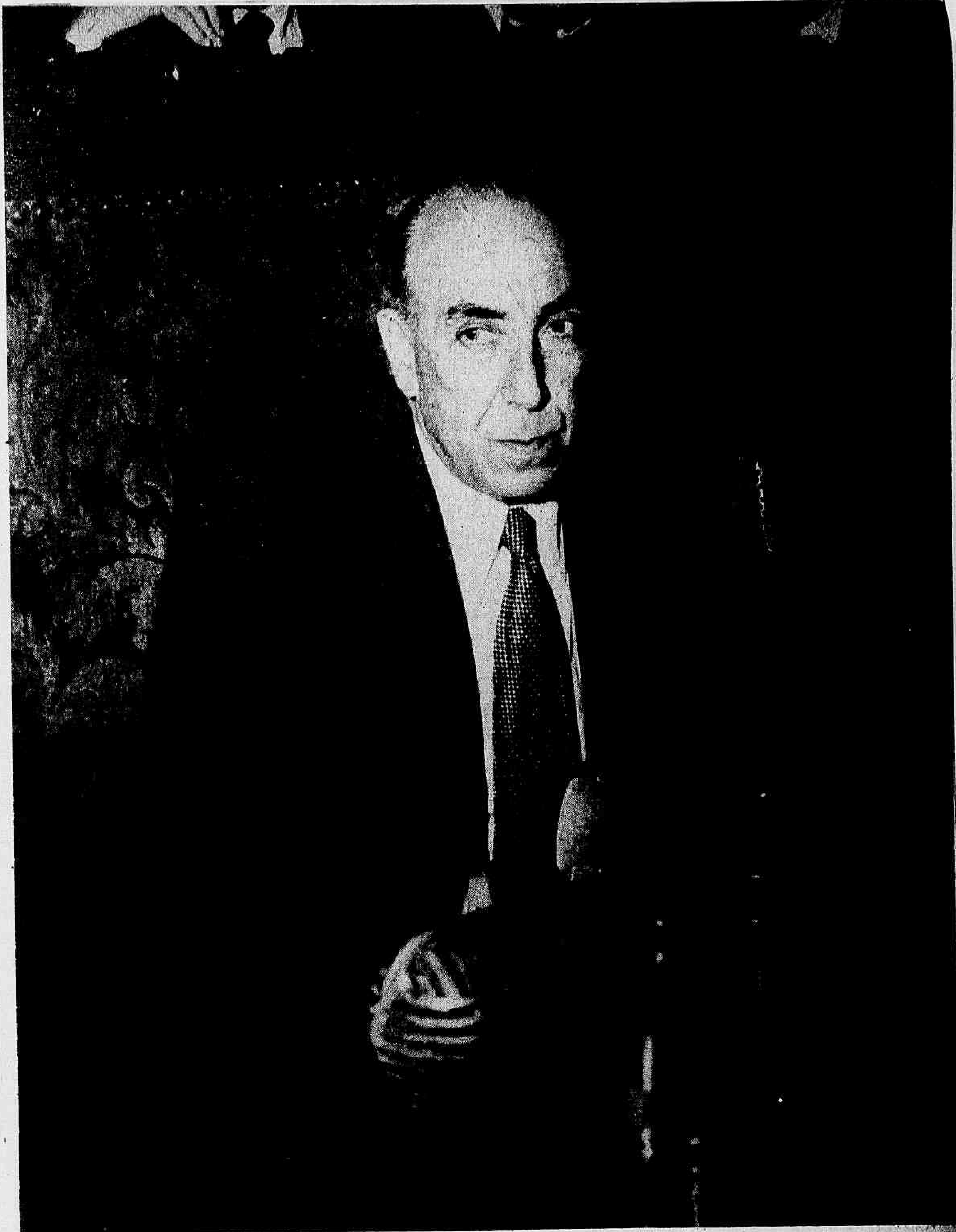
Mas a grande glória carioca é o chiste. Num aproveitamento imediato de tudo o que se faz ou acontece, seja bom ou ruim, uma vitória ou um crime, logo surge a piada que passa de bôca em bôca, vira gíria, vai para o rádio e se espalha pelo país inteiro.

Os homens são morenos, quase sempre magros, e na maioria com bigodinho. As mulheres são queimadas de sol, decotadas e alegres. Todos altamente dotados de uma invencível indolência. Nem mesmo o aniversário da cidade os abala. Continuam a vidinha de sempre, num passo mole, numa voz arrastada e cantante, e no culto da mais forte de tôdas as suas crendices, que diz para não fazer hoje o que pode deixar para amanhã...

Cada carioca se orgulha da própria fantasia e todos se orgulham do carnaval carioca, cuja fama já passou fronteiras.

JOÃO ALBERTO

● Autêntico saco de pancadas, João Alberto durante o Estado Novo foi o mais cômodo alvo para todos aquêles que quiseram (e não puderam) atacar o Ditador. O velho revolucionário agüentou tudo firme e não berrou nunca. Passada a grande noite, as coisas foram sendo colocadas nos seus lugares e então se viu que João Alberto não era nada daquilo de que se dizia. Não é um polemista e prefere confiar no tempo do que enfrentar o presente. Tem sido um homem frustado, mas até certo ponto honesto consigo mesmo. Amigo dos amigos, é sóbrio de comportamento e corajoso de atitudes. Formado pela Escola de Realengo (em 1917), com as divisas de tenente participou do primeiro 5 de julho. Perdoado, voltou a participar do segundo e terminou com a Coluna Prestes ao lado de Siqueira Campos. Refugiou-se na Bolívia e na Argentina, depois voltou ao Brasil com nome trocado. Formou uma companhia de aviação que não deu certo, formou uma rêde de açougues que também faliu. Nunca foi rico, e dizem que hoje está mais pobre. Mas vive bem, é ministro do Itamarati e agora mesmo regressou de uma viagem à «Cortina de Ferro», de onde voltou pregando, espetacularmente, o reatamento das relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética. Antes já andara às voltas com o Brasil Central e por último descobriu que se deve recuperar a Ilha de Trindade......



MESMO NA EMERGÊNCIA MAIS SÉRIA, NUNCA PERDEM O SOTAQUE

Os Pernambucanos Federais

A terra do frevo e da garapa mantém na Côrte um «scratch» de primeira ordem. Vejam.

Reportagem de EVANDRO MENDONÇA

PERNAMBUCO não esporta para o resto do país apenas o frevo, o açúcar e a peixeira. E' verdade que frevo é uma espécie de hino local, motivo de orgulho dos pernambucanos que são os únicos camaradas no mundo capazes de pular mais de um minuto ao ritmo da música alucinante. O açúcar formou a aristocracia mais importante de um passado não muito remoto, com suas sinhazinhas, seus barões e seus latifúndios e hoje ainda continua ser o sustentáculo econômico do Estado. A peixeira, hoje arma nacional, é criação pernambucana e foram os pernambucanos — que sabem usá-la tão bem — que divulgaram seu manêjo para o resto do país. Mas com o frevo, o açúcar e a peixeira, também os homens. Aos milhares. Alguns se perderam e se misturaram anônimamente no plano federal. Outros porém se tornaram famosos conhecidos em todo o país. Em todos os setores. Há no futebol o Ademir, como há o Manoel Bandeira na poesia ou o Luís Gonzaga na sanfona. Gilberto Freyre faz sociologia nacional, Augusto Rodrigues que tem seus bonecos comentados na imprensa de todo o país e Rafael Correia de Oliveira é jornalista federal. Josué de Castro é internacional e João Alberto foi revolucionário no norte, no sul e no centro. O ministro Cleofas resistiu a uma queda de ministério e o país inteiro canta o «Ninguém me Ama» do cronista Antônio Maria.

Êles são, de fato, os mais federais dos pernambucanos.

MANUEL BANDEIRA



O POETA BANDEIRA conseguiu ser considerado o melhor poeta nacional por tôdas as correntes, grupos, panelinhas e igrejinhas literárias. Ninguém discorda da decisão porque o poeta está acima do bem e do mal. Solteirão, mora num apartamento da Esplanada, na beira da baía e êle mesmo faz seu café e seu doce de leite. Também arranja tempo para tocar ao violão umas toadas caboclas ou umas modinhas que êle mesmo compõe. É catedrático de literatura hispano-americana na Faculdade de Filosofia, lê e escreve bastante e adora falar ao telefone, seja com os amigos, com os chatos ou simplesmente com um cidadão que discou errado. Vive cercado de livros, de discos, de quadros e de amigos fiéis e diários. Foi tuberculoso, conseguiu inverter a história de que poeta morre tísico se curou em viagens pela Suíça. Conseguiram metê-lo na Academia Brasileira de Letras e agora constantemente é metido em comissões julgadoras de tudo: do concurso de pernas ao de modinhas joaninas. O poeta aceita tudo porque é de boa paz. Politicamente é socialista moderadíssimo. Fêz versos para o Brigadeiro, formou contra Getúlio, fêz versos de protesto contra Franco e Salazar. Mas não participa. Além de doce de leite, gosta muito de dar entrevistas e de tirar fotografias.

AUGUSTO RODRIGUES



AUGUSTINHO pertence à enorme família dos Rodrigues que vai do Mário Filho ao Nelson (A Vida como ela é) Rodrigues. É do Recife e um dos maiores papos desta cidade. Boêmio dos melhores, não tem hora para dormir, nem para acordar. Só para trabalhar que são tôdas elas. Tem vinte anos de trabalho de imprensa, já correu jornais e revistas, do Rio e dos Estados. Passou Pelos Associados e agora é exclusivo da «Última Hora» onde faz uma charge quase diária. Alguns de seus bonecos são famosos e já lhe causaram boas brigas e ótimas amizades. É pintor várias vêzes laureado (ganhou agora o prêmio de viagem ao estrangeiro e em abril vai para Paris) e na última exposição vendeu todos os seus quadros (oitenta contos). Quando o estoque da exposição esgotou, Augusto foi correndo no apartamento, revirou os colchões, procurou atrás dos armários e ainda descobriu uns cinco desenhos esquecidos pelos cantos. Mesmo êsses foram comprados imediatamente. Sua grande obra é a Escolinha de Arte do Brasil, uma das coisas mais sérias que se conhece no Brasil. Ali meninos e meninas pintam e esculpem e aprendem a brincar de fazer arte. É incrivelmente relaxado com o vestuário, freqüenta as rodas mais elegantes do Rio e às vêzes anda com mulheres lindíssimas. Tem mania de ajudar os iniciantes e seus irmãos do Norte. Os pernambucanos boêmios, residentes no Rio, chamam-no de Guga.



ANTÔNIO MARIA

ANTÔNIO MARIA Araújo de Moraes, pesa mais de 100 quilos, troca a noite pelo dia, atende a dezenas de coisas em 24 horas e ainda arranja tempo de fazer samba. É a maior capacidade de trabalho conhecida em tôdas as latitudes, hemisférios, mundos. Faz rádio (três programas semanais no Rio, três em São Paulo), escreve uma crônica diária para o «Diário Carioca», uma aqui para a REVISTA DA SEMANA, fora as virações extras. Com tudo isso Antônio Maria ainda arranja tempo de encontrar os amigos de noite e ver o dia nascer, contando histórias. Como se não bastasse o rádio e o jornalismo, dirigiu por algum tempo uma buate carioca, escreveu um «show» para outra e não deixa ser esquecido seu «cartaz» de sambista lançando sempre um. Mas até agora seu grande sucesso continua sendo «Ninguém me ama». Foi menino criado no Recife, passou algumas dificuldades, andou pelo Rio, foi pro Ceará, fêz um estágio na Bahia onde quis se eleger vereador. Depois voltou ao Rio, pegou embocadura e agora não pára mais.

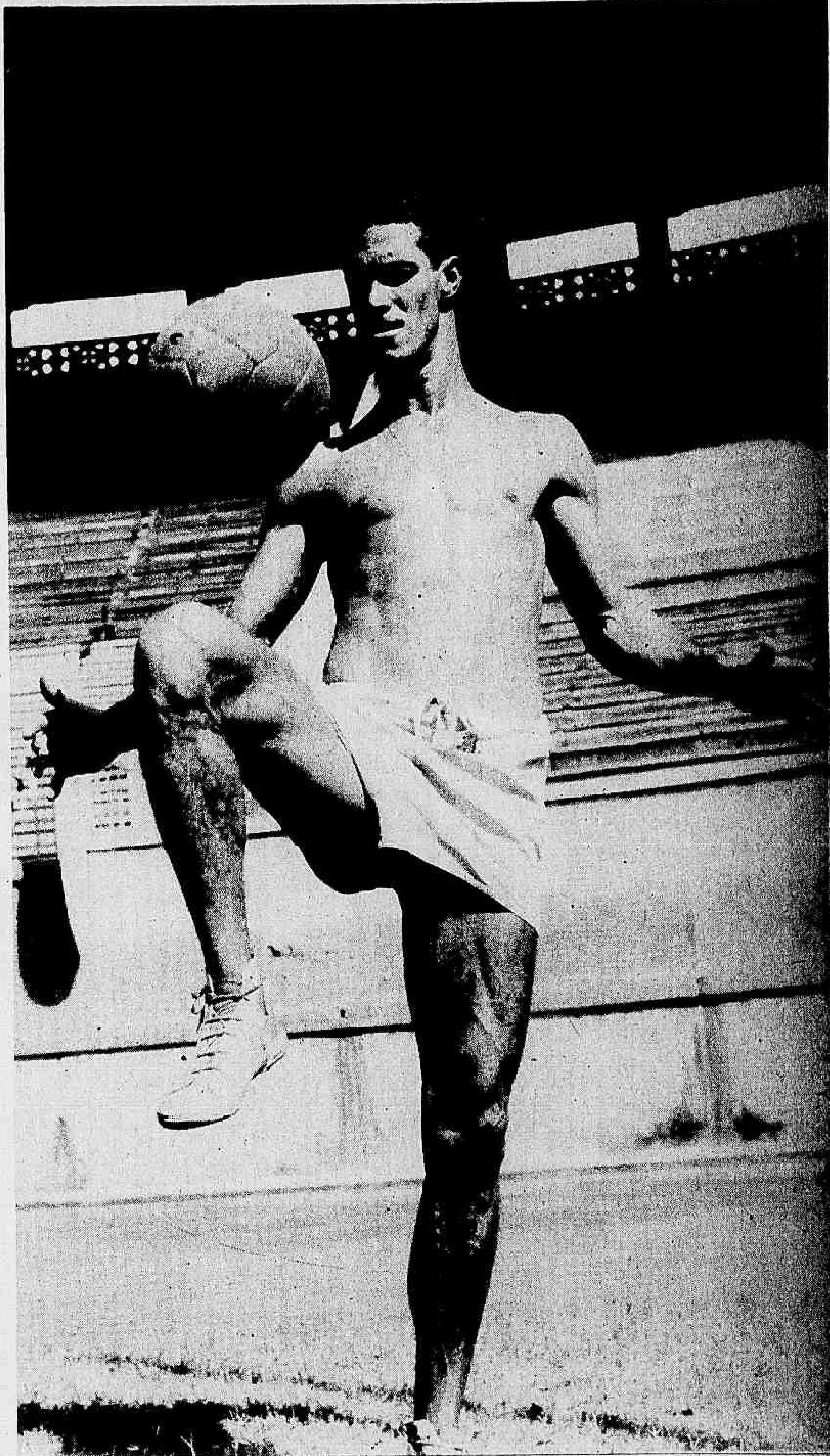


LUÍS GONZAGA

O SANFONEIRO Luís Gonzaga nasceu numa zona que foi por muito tempo arena das lutas do cangaço: Exu. Seu pai foi também sanfoneiro famoso, cantador do sertão que vadiava nas feiras e nas festas de santo padroeiro. Luís se zangou com o sertão, foi dar com os costados em Fortaleza, sentou praça e acabou em Juiz de Fora, Minas Gerais. Terminou como cabo corneteiro, seu último pôsto na carreira militar. Aí veio para o Rio com uma sanfona debaixo do braço. Passou necessidade, a comida e dormida eram problemas de soluções diárias. De pires na mão cantou na porta dos bares da zona da Central e passou a freqüentar as estações de rádio. Conseguiu contrato pequeno na Tamoio, três meses depois se passou para a Nacional e aí seu sucesso não parou mais. Foi com o lançamento do baião, contudo, que conquistou o prestígio nacional e passou a ganhar um dos maiores salários do país: 100 mil cruzeiros mensais. Hoje o pernambucano Luís Gonzaga está rico: tem uma casa no Méier e um sítio em Miguel Pereira, sem falar no dinheiro no banco, contado.

ADEMIR MENEZES

NENHUM PERNAMBUCANO tem maior «cartaz» nacional do que o atacante vascaíno Ademir Menezes. Pertenceu ao Esporte Clube Recife e veio com o clube pernambucano fazer uma excursão ao Sul. Chegando aqui abafou de tal forma que foi um corre-corre para contratá-lo. O Fluminense foi o primeiro a chegar. Tudo certo, mas na hora «H» o Vasco passou a frente do tricolor e conquistou o atacante pernambucano. No clube vascaíno Ademir teve consagração e em pouco tempo já se tornara um ídolo luso. Seus tentos se tornaram famosos e seu retrato passou a figurar, diàriamente, nas páginas esportivas dos jornais de todo o país. O Fluminense porém não desistira de contratá-lo e um dia Ademir arrumou a mala e passou a vestir a camisa do clube das Laranjeiras. Para voltar pouco tempo ao Vasco numa transação das mais ruidosas do futebol brasileiro. Os vascaínos para reconquistá-lo entraram de cumplicidade com o velho Menezes, pai do craque que passou assim para a história de nosso futebol. Hoje é bem empregado, emprêgo ganho na transação. Ademir Menezes é um quase milionário e o jogador que mais dinheiro ganhou no futebol. Pode parar a qualquer momento e terá uma velhice tranqüila. Além do dinheiro junto, tem várias atividades extra-esportivas. A principal delas — e a que mais dinheiro lhe dá — é a de corretor de imóveis. Seus bons fregueses, naturalmente, são os milhares de torcedores do Vasco. No mais, Ademir é um homem caseiro, bem casado, não faz boêmia e espera ainda jogar futebol por muitos anos.



JOSUÉ DE CASTRO

O DOUTOR JOSUÉ descobriu a fome no Brasil em 1932 e a partir daí começou a ficar famoso. E a escrever livros também. Hoje tem 11 obras publicadas no país e sete no estrangeiro. Seus dois grandes sucessos foram seus dois últimos livros: «Geografia da Fome» e «Geopolítica da Fome», ambos aplaudidos pela crítica de todo o mundo. O dr. Josué é um médico magro (bem alimentado), simpático, insinuante e vaidoso. É o representante latino-americano no Comitê Consultivo de Alimentação das Nações Unidas. Professor de Geografia Humana na Faculdade Nacional de Filosofia; diretor do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil; presidente da Comissão Nacional de Alimentação; vice-presidente da Comissão Nacional de Bem-Estar Social. Apesar de feio, dizem que tem um sucesso estrondoso com as mulheres. O certo também é que é um cidadão prestativo, médico (gratuito) de jornalistas e escritores. Pode ser encontrado quase diàriamente almoçando no restaurante da ABI.

GILBERTO FREIRE



PERNAMBUCO de quatrocentos anos, homem bem nascido e melhor criado, Gilberto foi, por uma época, a grande figura literária brasileira. Endeusado, aplaudido, venerado, fêz escola e discípulos. Êstes se espalham por todo o Brasil e no Rio passaram a fazer tôda a propaganda do mestre. Fizeram tanto que houve desconfiança. O sociólogo de Apipucos não resistiu à glorificação. Homem de muita vaidade e pouco fôlego, caiu numa decadência total e hoje é um cronista inédito e enjoado. Tôda sua sociologia ficou em Casa Grande & Senzala. Eleito deputado federal pelos estudantes pernambucanos — houve uma época em que êle foi o grande líder da mocidade de sua terra — foi um fracasso no Palácio Tiradentes. Vive bem no Recife, numa boa casa, recebendo os discípulos locais e os que fora da terra voltam lá às vêzes para beijar a mão do Mestre. Gosta de ser chamado assim e acha que todo mundo que faz sociologia e folclore, no Brasil, é seu discípulo.

JOÃO CLEOFAS



O DR. CLEOFAS pode morar em Paris vinte anos mas jamais perderá seu carregadíssimo sotaque de pernambucano. É um político nacional, típico: matreiro, cheio de truques, com bases eleitorais fincadas no interior, com delegados de polícia, inspetores de quarteirão, etc. Usineiro, em Pernambuco e no Estado do Rio, dono de boa fortuna, é da U.D.N. como poderia ser do P.S.D. ou mesmo do P.S.P. Sua política é pessoal e êsse negócio de linha nacional de atuação não é com êle. Vibrou quando seu partido se juntou com Dutra e na volta de Getúlio foi dos primeiros a aderir. O presidente lhe deu um Ministério e com isso conseguiu chamar a U.D.N. para a situação. Pertencente ao ex-Ministério de Experiência foi o único civil que resistiu à queda. Inimigo de Etelvino, contra o qual fêz campanha tremenda — com brigas, ameaças de morte conforme manda o figurino sertanejo — se juntou agora ao seu ex-adversário, visando a conquista do govêrno de Pernambuco.



Conde Francisco Matarazzo, cujo centenário de nascimento o país agora reverencia. Foi um paladino do progresso nacional

O BRASIL REVERENCIA
FRANCISCO MATARAZZO

UM EXEMPLO DE PERSEVERANÇA E TENACIDADE ★ DE CASTELLABATE A S. PAULO ★ COMO TRANSCORRERAM AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO GRANDE INDUSTRIAL.

Reportagem de HÉLIO ABREU  Fotos de NORBERTO ESTEVES

● Neste país não há quem não tenha ouvido falar no conde Francisco Matarazzo. A história de sua vida, repleta de lutas e sucessos, está ligada de maneira indelével a própria história da industrialização nacional. Agora, no centenário do nascimento do grande pioneiro, vem a nação de prestar significativas e oportunas homenagens a sua memória, viva ainda entre nós pela extensão de suas realizações.

AS solenidades tiveram início em São Paulo, no aprazível bairro do Morumbi, às 17 horas do dia 9 de março, data em que, há cem anos passados, nascia em Castellabate, pequena localidade italiana, aquêle que viria a ser o paladino da economia nacional. Morumbi é o local onde começa a ser erguido o monumental edifício da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, estabelecimento de ensino que fará parte da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e que denominar-se-á «Faculdade de Economia Conde Francisco Matarazzo». No vasto auditório em construção, da futura Faculdade de Economia, D. Carlos Carmelo Vasconcelos Mota, cardeal-arcebispo de S. Paulo oficiou solene missa de ação de graças em memória de Francisco Matarazzo. Compareceram a êste ato de fé cristã o Ministro da Educação, sr. Antônio Balbino, que representava o sr. Presidente da República, governador Lucas Nogueira Garcez, governador do Estado de São Paulo, sr. e sra. governador Ernâni do Amaral Peixoto, governador do Estado do Rio de Janeiro, sr. Juvêncio Soares da Silva, representando o governador do Paraná, sr. Bento Munhoz da Rocha, além de autoridades civis e militares, secretários de Estado e outras personalidades de destaque. Nesta ocasião discursaram, após o ofício religioso, D. Carmelo Mota, cardeal-arcebispo, que num ligeiro improvisò disse do significado e da satisfação que sentia em celebrar a santa missa. Aludiu, ainda, a obra de Francisco Matarazzo, um grande cidadão que, embora italiano de nascimento, era de coração, um grande brasileiro. Nesta oportunidade discusaram, também, os senhores Lucas Nogueira Garcez, governador do Estado, o Embaixador da Itália, sr. Giovani Fornari que, falando em sua língua materna, expressou de maneira brilhante e incisiva sôbre a personalidade e as realizações do conde Matarazzo. Aludiu, ainda, o representante da Itália, o belo espetáculo por êle presenciado há tempos, em Caxias do Sul, quando da inauguração do monumento ao imigrante italiano. Usaram da palavra, em seguida, o Ministro Antônio Balbino, representante do Presidente da República, o sr. Roberto Moreira, que discursou em nome de amigos e admiradores do Conde Francisco Matarazzo. Ao término do discurso do Embaixador italiano, fêz s. excia. uma comunicação aos presentes, dizendo que o govêrno da República Italiana havia resolvido condecorar o Conde Francisco Matarazzo Júnior com o «Grande Ufficialato dell'Ordine al Merito», cujas insígnias entregou ao continuador da obra do primeiro Conde Matarazzo.

AGRADECIMENTO

Em nome da família Matarazzo, discursou agradecendo o sr. Ermelino Matarazzo, pronunciando as seguintes palavras:

"A família a que pertenço não poderia permanecer indiferente e muda às manifestações, hoje tributadas, à memória do Conde Francisco Matarazzo.

Quiz, o meu pai, que eu significasse a todos aquêles que até aqui vieram, o quanto nos sensibiliza a solidariedade que trazem a êste nosso preito de saudade e de justiça. Nem êle, nem nós, jamais esqueceremos o que há de afetuoso e de expontâneo no aplauso dos que ratificam a homenagem prestada ao meu avô.

Deixou-nos êle, um avultado patrimônio material que consti-



Na fotografia vemos o futuro conde Matarazzo aos 16 anos de idade. Uma vida inteiramente dedicada a terra brasileira.



O solar de Castellabate, Itália, onde nasceu o conde Matarazzo. Também lá o centenário de seu nascimento foi comemorado.

O BRASIL REVERENCIA FRANCISCO MATARAZZO

Discurso do sr. Ermelino Matarazzo, agradecendo em nome de sua ilustre família as grandes e significativas homenagens recebidas.

tui mola de relêvo, no sistema econômico do país. O Conde Francisco Matarazzo não o acumulou, no entanto, para mero desfrute de sucessores ociosos. Grande trabalhador, trabalhador incansável, êle sempre entendeu que as suas emprêsas, fôssem quais fôssem, eram outros tantos instrumentos, necessários à criação de novas utilidades.

Foi um homem que acreditou na iniciativa privada. Foi um homem que acreditou firmemente, profundamente, no futuro de São Paulo e do Brasil. Deixou-nos, acima de tudo, mais do que tudo, o exemplo da sua vida admirável e útil.

O ato que meu pai hoje realiza, sob o vosso aplauso, corresponde ao desejo sincero de tôda a sua família. Assim, em nome dêle, em nome de todos nós, quero transmitir-vos duas palavras "A família Matarazzo vos fica muito obrigada"

DADOS SÔBRE A FACULDADE DE ECONOMIA CONDE FRANCISCO MATARAZZO

A iniciativa do conde Francisco Matarazzo Júnior faz surgir em S. Paulo um centro educacional, representando a primeira universidade comercial completa do Brasil e a mais moderna do seu gênero em todo o mundo.

A escola, que receberá a denominação de Instituto Conde Francisco Matarazzo, e será administrada como unidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, espera admitir seus primeiros alunos dentro de dois anos. A construção da escola foi iniciada há três meses num terreno de 60.000 m2. no Morumbi, no cimo de uma colina de onde se descortina um belo panorama da cidade.

O total da doação entre terreno, construção, mobiliário, biblioteca, etc. e as contribuições em dinheiro é estimado em cêrca de Cr$ ..... 250.000.000,00 correspondente ao câmbio oficial, a cêrca de 12.000.000 de dólares.

Além de um edifício da administração, auditório e duas alas laterais destinadas a salas de aula, haverá um parque panorâmico e jardins com fontes iluminadas, uma capela, piscina descoberta, quadras de tênis, restaurante, sala de estar para os estudantes e uma biblioteca com 50.000 volumes, que serão trazidos do depósito até a sala de leitura por meio de elevadores mecânicos especiais.

Acomodará o Instituto mil estudantes inclusive uma quota limitada de alunos estrangeiros e ministrará um curso de negócios em geral de quatro anos, ao qual corresponderá o título de doutor em Economia, mais dois anos de especialização num ramo correlato.

O corpo docente compreenderá 40 professôres escolhidos em todo o mundo para dar aos estudantes uma cultura panorâmica internacional.

Outra característica, além do ar condicionado, das paredes à prova de som, da luz indireta, das escadas rolantes, será a cabine dos tradutores no auditório, possibilitando os estudantes usarem fones para ouvir a tradução portuguêsa duma preleção que esteja sendo feita numa outra língua.

O Instituto será equipado com salas próprias de raios X, enfermaria e serviço médico completo, assim como possuirá uma instalação própria geradora de eletricidade. O auditório, construído para comportar 2.000 pessoas poderá ser ràpidamente adaptado para preleções, conferências, exibições, programas teatrais e cinematográficos e para uma ampla variedade de outras atividades. Uma estátua em bronze do Conde Francisco Matarazzo Senior, para a qual contribuíram 1.600 dos seus amigos e antigos empregados será colocada no parque da Escola. O mármore que decorará a entrada, o auditório e os salões foi trazido da Itália.



Na fotografia o sr. Conde Francisco Matarazzo Júnior e seus filhos, sr. Eduardo Matarazzo e senhora Matarazzo Lage.



O sr. Embaixador da Itália aparece em companhia do sr. Conde Fracisco Matarazzo Júnior e da sra. Mariangela Matarazzo.



Cinco mil pessoas foram convidadas a presenciar as cerimônias do dia 9 de março.

O sr. Lucas Nogueira Garcez, governador do Estado de São Paulo, cumprimenta o conde e a condêssa Matarazzo Júnior.

OS MATARAZZOS

Francisco Matarazzo nasceu na Itália, em Castellabate, na província de Salerno, a 9 de março de 1854, e faleceu no Brasil, em São Paulo, a 10 de fevereiro de 1937. Representa êle um raro e precioso elemento de ligação entre as antigas e nobres tradições italianas e os eventos originais e impetuosos que conduziram São Paulo e todo o Brasil à sua atual potência no campo do trabalho. Por isso, hoje, no primeiro centenário do Pioneiro, a sua alma vibra, nas alturas, pairando sôbre o Oceano Atlântico entre as duas pátrias: entre o golfo profundo e alegre de Salerno, a antiga casa de Castellabate onde nasceu, e a Praça do Patriarca, a histórica colina do Ipiranga, a bela mansão da Avenida Paulista onde morreu.

Francisco Matarazzo é o símbolo que enlaça dois povos e duas épocas; é uma figura que pertence a dois mundos: um, milenar, rico de história sapiente e o outro, muito jovem, projetado audazmente no futuro. Francisco Matarazzo pertence à história do Velho e do Novo Mundo.

AS ORIGENS NO VELHO MUNDO

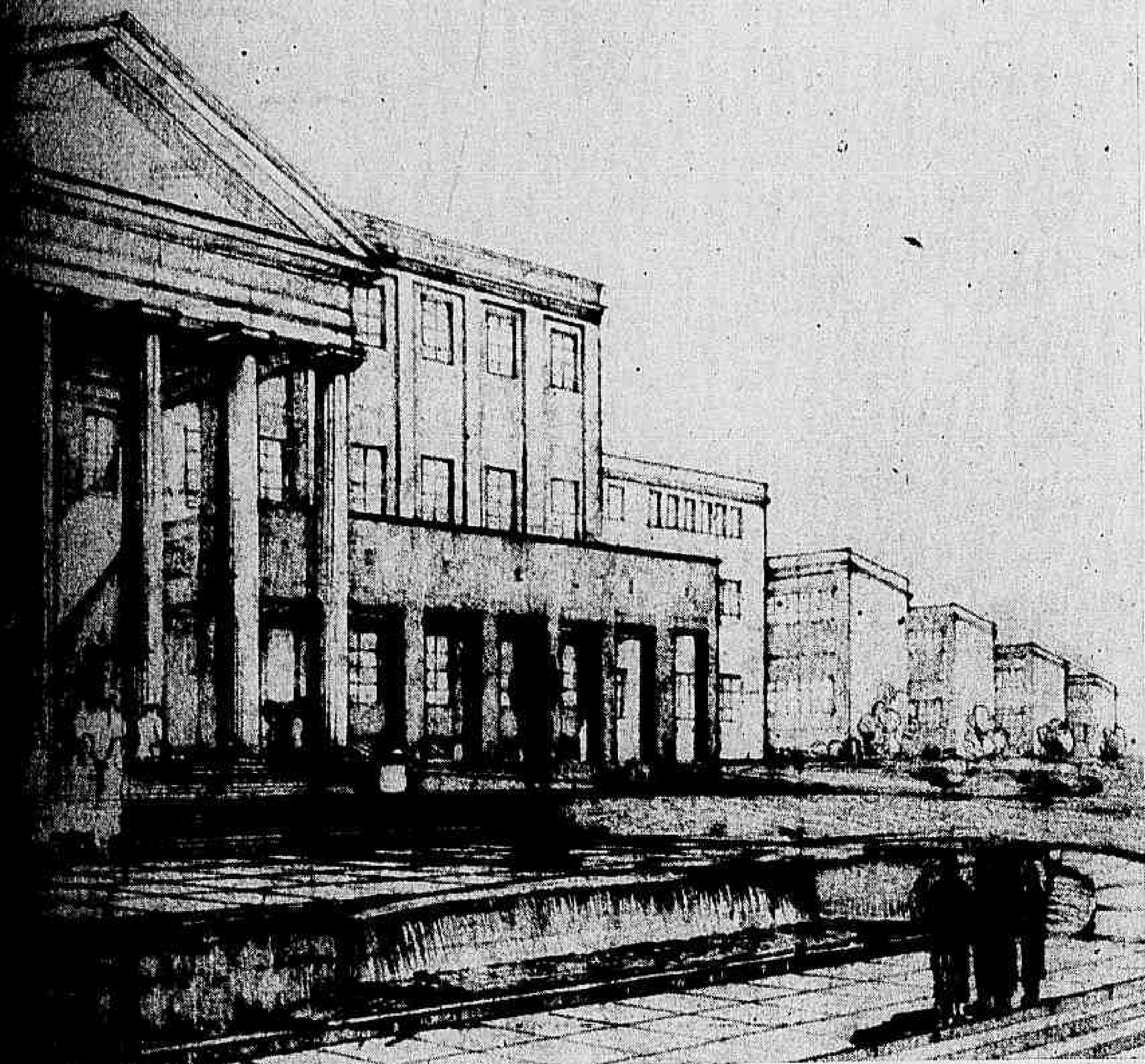
O nome dos Matarazzos, que a partir de 1881 terá também no Brasil uma incomparável ressonância, aliado ao progresso da S.A. I.R.F. Matarazzo, fundada naquele ano, já pertence, há séculos, à vetusta história da tradição nobre italiana. Já está perpetuado nos mármores antigos dos sepulcros mais venerados pelo povo de Castellabate. Numa dessas lápides ainda hoje pode-se ler: — «Monumento sepulcral eregido ao jovem patrício Francisco Antonio Matarazzo, Barão de S. Giovanni e de Guarazzano, adolescentes de raras virtudes, falecido aos 21 anos, pelos pais Lucio Matarazzo, Barão de Porcili e Baronesa Lucrecia Gualtieri, a 7 de janeiro de 1623». Lúcio era irmão de Gio Carlo Matarazzo, de quem descende em linha reta o Conde Francisco Matarazzo.

Numa outra tumba, tranqüila e florida, na Abadia da SS. Trinitá, em São Francisco de Cilento, lê-se ainda hoje uma inscrição que a indica como o sepulcro de Alessandro Matarazzo, Barão de Prignano, e de sua família, monumento erigido em 1606... Além disso, arquivos históricos, documentos notariais, discretos imperiais, crônicas, registros paroquiais, correspondências particulares, trazem constantemente o nome dos Matarazzos, notabilidades nobres, profissionais e militares, desde séculos até Francisco Matarazzo, o homem que soldará tôda esta cadeia de tradições de história da Itália antiguíssima aos eventos avassaladores e progressistas do Novo Mundo, do Brasil, sua segunda pátria.

Assim, os nomes dos baronatos de San Giovanni, Guarazzano, Prignano, Caprile, Serramezana, se entrelaçam hoje nas biografias do grande pioneiro com os de Sorocaba, onde permaneceu alguns anos depois da sua chegada ao Brasil, São Paulo, onde se firmou de 1881 em diante. Assim, vamos encontrar na história da família Matarazzo o decreto pelo qual o Imperador Carlos V, reconhecia, em Nápoles, aos 10 de fevereiro de 1536, a fidelidade do predecessor Tibério ao Sacro Império Romano e o consagrava «Cavaliere Aurato», junto com seus descendentes, concedendo-lhes os títulos e as insígnias da dignidade militar e nomeando-os «verdadeiros nobres como geradores e procriados de raça nobre a partir dos quatro avós paternos e maternos». À êste decreto une-se, em 1917, o de Sua Majestade, o Rei da Itália, Vittorio Emanuele III que acrescenta ao brasão baronial de Francisco Matarazzo a coroa de conde, em reconhecimento pelos serviços prestados ao país na paz e na guerra.

O antigo emblema de pedra que domina a casa patriarcal dos Ma-

O BRASIL REVERENCIA FRANCISCO MATARAZZO



Um detalhe da fachada da «Faculdade de Economia Conde Francisco Matarazzo. Magnífico edifício que honra São Paulo e o país.



Na foto o sr. conde Francisco Matarazzo Júnior. sr. Ermelino Matarazzo, senhora Matarazzo Lage e o sr. Oscar Pedroso Horta.

tarazzos de Castellabate atravessa o oceano e vem guarnecer a sua casa brasileira, símbolo de uma tradição que continua nos trópicos como em Perurgia e nas praias reluzentes do Golfo de Salerno. O nome dos Matarazzos repete-se através dos séculos místicos e violentos, turvos e cruentos, séculos dominados pelo ferro e pelo fogo, o 13º e 14º; repete-se através dos séculos da Renascença; no ano 1500 de Michelangelo, Cellini, de Leonardo, de Raffaello; repete-se no rol dos Barões. Meridionais, nas atas de compras de feudos florescentes, nos registros civis por ocasião das uniões matrimoniais com os Barões Fornelli, Baglivo, Galdi.

Durante a tempestade napoleônica, que assolou também as províncias ao sul de Nápoles, o emblema dos Matarazzos permanece firme sôbre a arquitetura da casa dos avoengos e os componentes da família, sólidos nas posições adquiridas no campo da medicina, do direito, das armas, da agricultura e das finanças.

A história se precipita. De Francisco Matarazzo, Secretário da República de Perugia, refinado admirador das cerâmicas de Derruta, ao dr. Costabile Matarazzo, médico e humanista da ainda célebre Escola Salernitana, passam quinhentos anos, durante os quais, fé, honra e trabalho distinguem várias gerações de Matarazzos, do norte ao sul da península italiana.

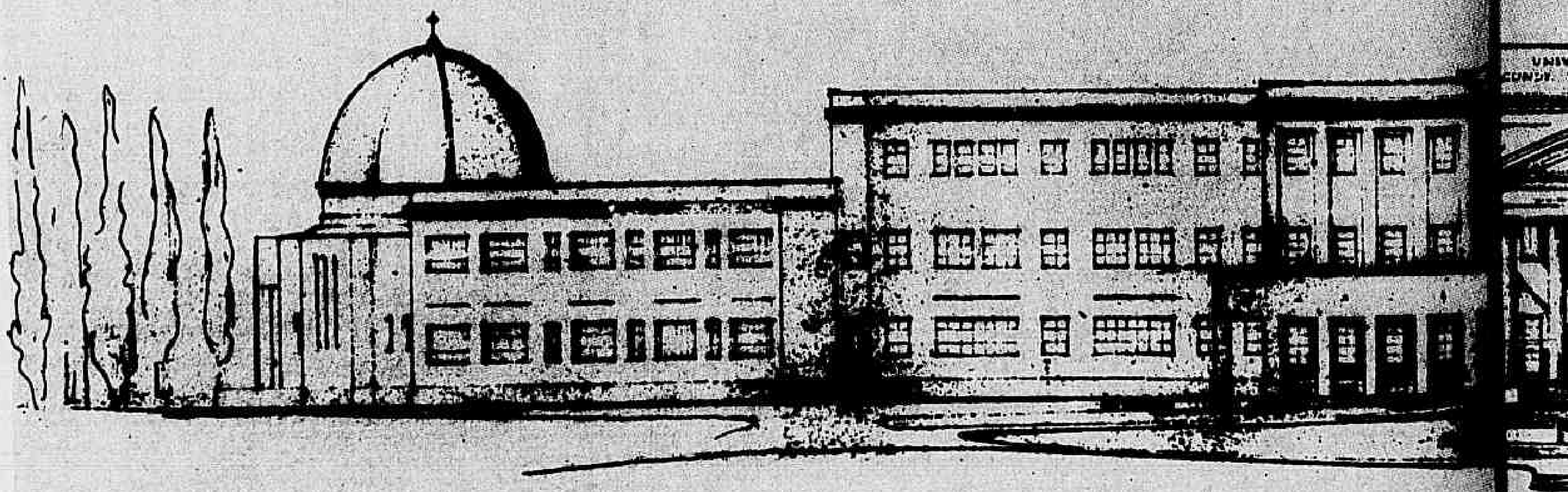
A LUTA E O EPÍLOGO NO NOVO MUNDO

Do dr. Costabile Matarazzo e da sua consorte Mariangela Jovane nasceram nove filhos e o primeiro foi Francisco Matarazzo que estava destinado, no Novo Mundo, a projetar no futuro o prestígio do nome, acrescentar novos títulos de nobreza aos dos predecessores, ligar o destino dos descendentes a um empreendimento industrial sem precedentes na história do trabalho humano.

Tendo assumido a chefia da família, com a morte do seu pai, aos 27 anos embarcou para o Brasil, seguindo uma corrente de imigração que deveria mais tarde representar um fenômeno social e econômico de primeira importância para esta terra ávida de mentes capazes e de braços ativos.

Na mala do imigrante, voluntàriamente modesta, de simples, mas duríssima fibra, na qual, todavia, não faltava o fraque, ficou oculto o brasão do antigo baronato. Francisco Matarazzo, capitão de homens simples, mas valorosíssimos, quis partir com êles; ficou por alguns anos no bivaque de Sorocaba, ganhou o título de pioneiro da indústria, sem se proteger atrás do escudo avoengo. Lutou anos a fio, conservando seu lugar de guia, de comandante, como os seus predecessores nos anos difíceis para a nobreza italiana.

Chefe de uma legião de emigrantes, não por supremacia econômica ou de sangue, mas porque rico de engenho e forte de uma tradição numa desmentida pelos Matarazzos, com seu ôlho infalível observou os negócios e, fugindo das audácias dos jogadores de azar, os enquadra e os resolve com método e sistema. Estende as suas relações, alarga o campo das suas atividades, introduz inovações práticas e convenientes. Finalmente, funda a S.A. I.R.F. Matarazzo e dela a maior organização indus-



VISTA GERAL DA FACHADA DA «FACULDADE CONDE FRANCISCO MATARAZZO».



O governador do Estado do Rio de Janeiro e sra. Ernâni do Amaral Peixoto e o sr. conde Francisco Matarazzo Júnior.



D. Carlos Carmelo Mota, cardeal-arcebispo de São Paulo recebe valiosa dádiva dos condes Matarazzo, que aparecem na foto.

trial e comercial da América Latina.

Dêste momento em diante, «o binômio Matarazzo» — São Paulo é invisível. O «Pioneiro da Indústria» como o denomina a avenida dedicada ao seu nome e na qual ergue-se uma das suas fábricas mais antigas e importantes, a Água Branca — forja o anel de aço que deverá soldar para sempre a história da nobreza do Velho Continente à da indústria do Novo Mundo. Ao lado da condecoração de «Cavaliere del Lavoro» e das outras numerosas altas condecorações de vários países, junta-se a de grande oficial da Ordem do Cruzeiro do Sul. As duas pátrias já se fundiram no coração de Francisco Matarazzo.

Êste genialíssimo imigrante, Barão e Conde, êste modesto e culto aristocrata popular, êste cavalheiro em macacão, cumpriu a sua missão com fé, honra e trabalho, trouxe tôda a sua enorme contribuição à ordem, ao progresso, à civilização.

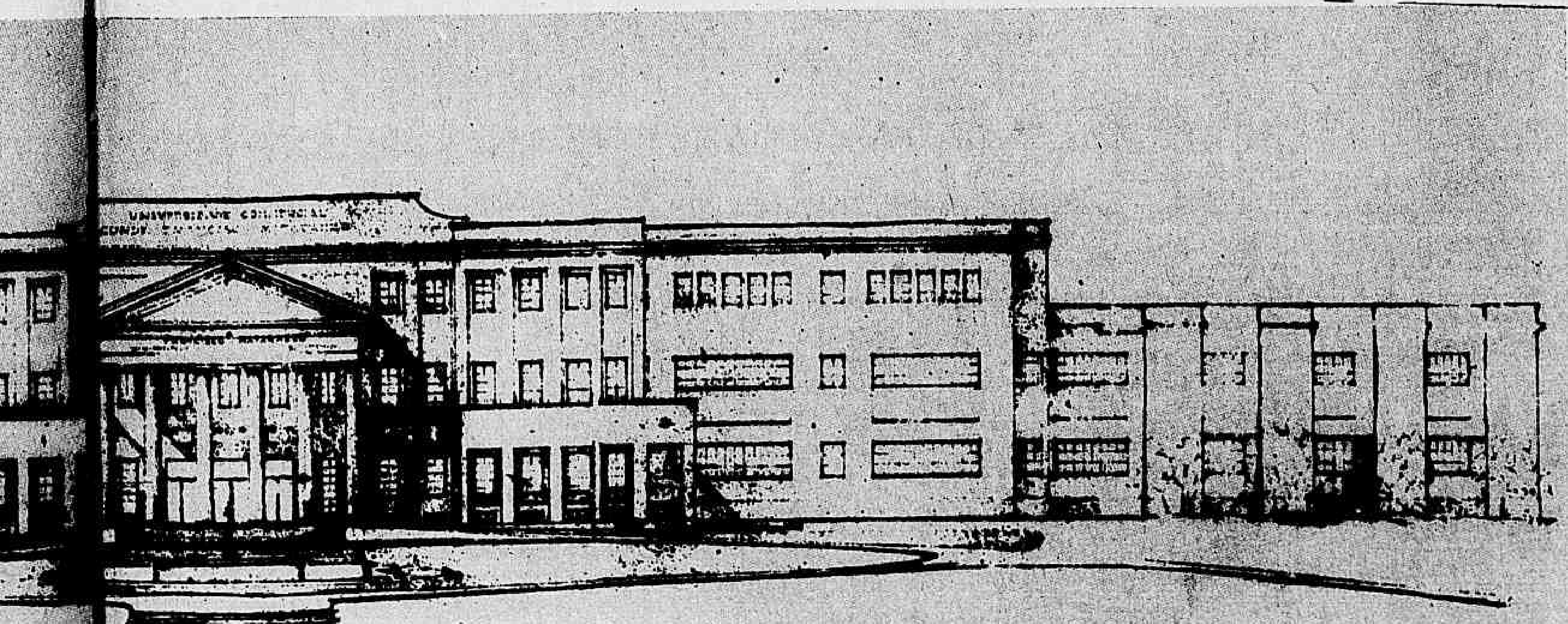
Em 10 de fevereiro de 1937, às quatro horas da tarde, em sua residência na Avenida Paulista, morre serenamente como viveu, pranteado por dois povos, dois países que êle honrou e pelos quais é ainda venerado.

AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DO GRANDE PIONEIRO

Cem anos são transcorridos desde o nascimento de Francisco Matarazzo; cem anos ricos de eventos, de vitórias e derrotas, que freqüentemente ergueram a humanidade até os cimos mais altos do progresso e a lançaram nos abismos profundos de várias guerras impiedosas e revoluções sangrentas; cem anos que pesam sôbre tudo e sôbre todos mais do que um milênio. Um século com êste, transcorrido de 1854 a 1954, é tal que pode destruir, também no Novo Mundo, a memória de qualquer ser humano, que não tenha tido, na sua rápida passagem terrena, a estatura de um gigante, e cujas obras não tenham sido de natureza a gravar profundamente o bronze duríssimo da história do trabalho humano. Francisco Matarazzo passou durante êste século e ainda hoje está vivo; a sua memória é ainda palpitante. A sua obra, iniciada do nada, está sendo ampliada, potenciada, desde 1937, pelo filho, Conde Francisco Matarazzo Júnior, seu sucessor na presidência da S.A. I.R.F. Matarazzo.

Francisco Matarazzo Júnior nasceu em 14 de agôsto de 1900, duodécimo filho, na Vila da Avenida Paulista, erigida pelo pai e que êle ampliou. Assumiu a responsabilidade da sucessão em 1920, quando, em janeiro daquele ano, em Turim, morreu, vítima de um acidente automobilístico, o irmão, Conde Ermelino, que dirigiu a S.A. I.R.F. Matarazzo durante a 1ª Guerra Mundial.

No transcurso do primeiro Centenário do nascimento do Conde Francisco Matarazzo, seu filho honra a sua memória, inspirando-se nas tradições humanistas que distinguiram os seus predecessores e com a munificiência de um patrício florentino do ano de 1500. Êle quer ligar o nome de seu pai a uma instituição cultural que possa dar ao Brasil intelectuais que saibam continuar a obra dos antigos, valorosos imigrantes e do seu indômito capitão: Francisco Matarazzo.



O CLICHÊ MOSTRA AS VASTAS DIMENSÕES DO MONUMENTAL EMPREENDIMENTO.



CENTO E OITENTA MIL PESSOAS TORCENDO FRENÈTICAMENTE D

CONQUISTADO A FERRO E FOGO (NO SEGUNDO TEMPO) O PASSAPORTE PARA A SUIÇA ★ NÃO HOUVE CAMISA ENXUTA, O SECRETÁRIO DA EMBAIXADA DO PARAGUAI ROEU AS UNHAS, DOZE MIL AUTOMÓVEIS VIERAM DE S. PAULO E 180 MIL PESSOAS, TORCENDO FURIOSAMENTE, FORAM COMO UM OUTRO TIME EM CAMPO.

MAIS que um jôgo, foi uma guerra. As hostilidades, que haviam terminado em 1868, reiniciaram-se, no domingo, dia 20, e alcançaram, no segundo tempo da peleja Brasil-Paraguai, a ferocidade de um combate renhido e duro. Ganhamos novamente a guerra contra os nossos vizinhos, e já estamos de passaporte no bôlso prontos para os entreveros próximos, na Suíça. Não passou o pior, mas passou o mais difícil: os percalços da primeira hora, as inibições e os temores iniciais.

UM VERDADEIRO CARNAVAL

Naquela tarde, que começou com sol absoluto e acabou num cinza morno e amigo, perto de 180 mil pessoas fremiram, cantaram, gritaram e, de um certo modo, foram como um outro timo brasileiro no Maracanã, ajudando com os seus aplausos e o seu calor a vitória que não seria fácil.

Uma renda enorme: 4.934.962,00 cruzeiros, mas não maior do que a arrecadada no encontro Brasil-Uruguai, aquêle que pôs um ponto final (triste e amargo ponto) no campeonato mundial de 1950. Explica-se a diferença: houve mais gente no Maracanã, no dia 20, mas a renda foi mais curta; isto porque, o preço das entradas, no Brasil-Uruguai de 1950, era mais caro.

VEIO GENTE DE TÔDA PARTE DO BRASIL

Veio também gente de quase todo canto do Brasil. Só de São Paulo, mais de 12 mil automó-



NTE DE TODO JEITO

outro
om os
e não

, mas
contro
o final
mun-
houve
a ren-
as en-
s caro.

ASIL

nto do
utomó-

veis passaram pela barreira. Na véspera do grande jôgo, gente que ficou sem hotel dormiu nos automóveis, alguns nas poltronas dos bares elegantes de Copacabana, houve mesmo quem tivesse passado a noite estirado na areia do pôsto 6, de Ipanema e do Leblon. Nos carros que, naquela tarde, estacionaram defronte ao campo, viam-se placas de lugares os mais longínquos: de Ourinhos, de Fortaleza, do Recife, de S. Salvador, de Goiânia e de Pôrto Alegre. E o primeiro torcedor chegou ao campo exatamente às onze da manhã; às 13 horas, as arquibancadas já estavam quase repletas; às 14,30, não entrava mais ninguém — e perto de 20 mil pessoas ficaram do lado de fora, disputando lugares que não haviam mais.

GANHAMOS NOVAMENTE A GUERRA COM O PARAGUAI





BRASIL 4 X 1

Reportagem de F. RIBEIRO

Fotos de A. FERREIRA, A. MIRANDA e A. VIEIRA





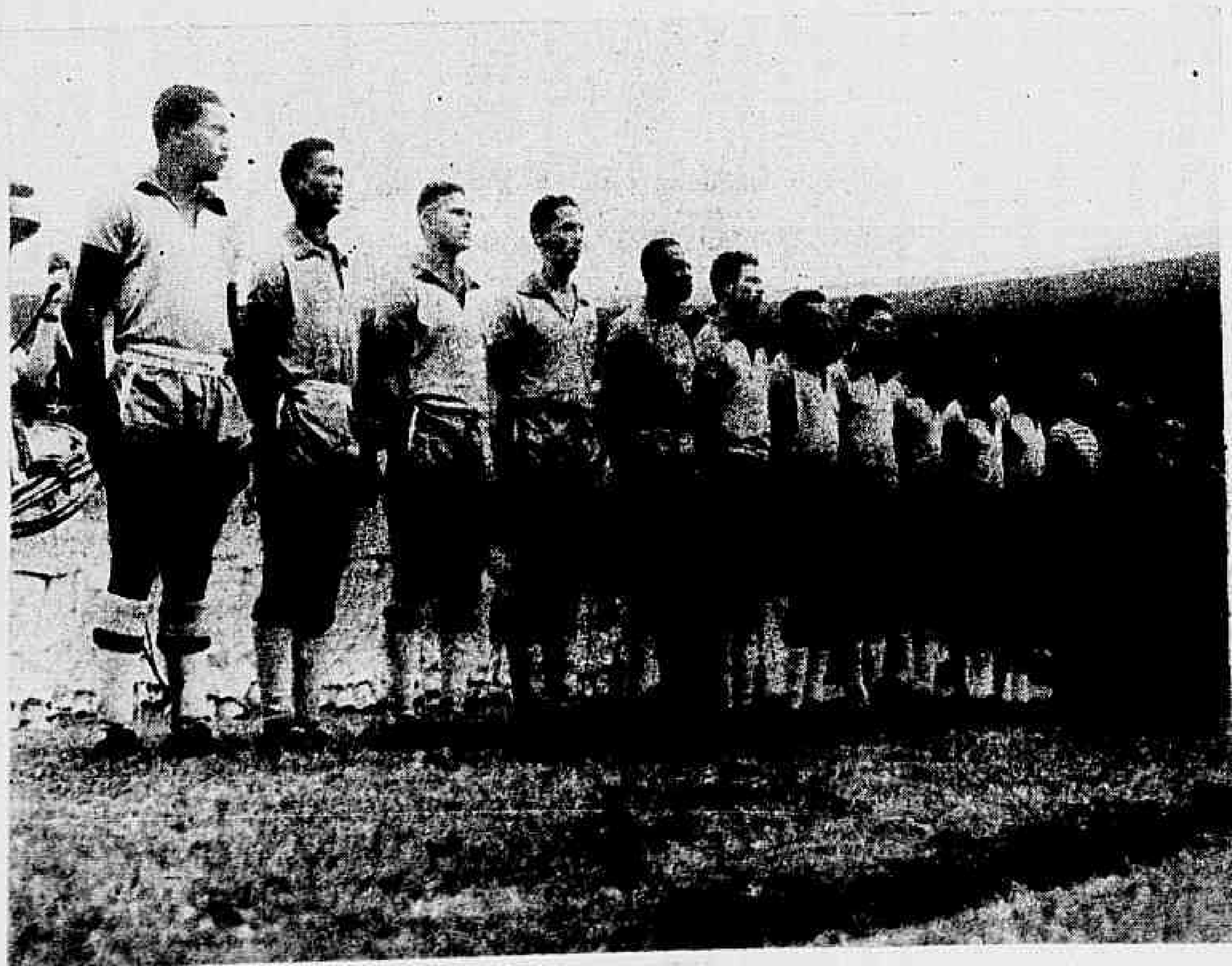
FOI UMA ENTRADA TRIUNFAL, A DOS DOIS TIMES M

BRASIL! BRASIL!

Às 15,50, quando o selecionado brasileiro entrou em campo, perto de 200 mil vozes estrugiram com a fôrça incontida de um entusiasmo só: «Brasil! Brasil!». Foguetes espoucaram, balões subiram ao ar, tochas improvisadas com jornais foram queimadas, serpentinas se desenrolaram sob o céu sereno e limpo. Um carnaval autêntico. E quando Julinho chutou pela primeira vez, o aplauso geral se fêz rouco e alucinado como o ronco de mil aviões: era uma consagração antecipada; mas era, principalmente, uma compensação pela estrondosa (e talvez injusta) vaia com que a «torcida» brindara os nossos «scratchmen» no final do pálido e tortuoso jôgo contra o Chile.

A GUERRA COMEÇOU NO SEGUNDO TEMPO

O primeiro tempo não foi grande coisa: parecia que os contendores, dos dois lados, se me-





Os dois «scratch» alinhados entoam os hinos nacionais do Brasil e do Paraguai. A torcida fêz côro com os jogadores brasileiros.



MES MINUTOS ANTES DO INÍCIO DA MEMORÁVEL PUGNA

diam e se vigiavam mùtuamente, como que a avaliar as próprias fôrças. A «torcida» brasileira vibrava numa emulação como nunca se viu; e, arrumada num canto do campo, o punhado de «torcedores» paraguaios, acenando bandeiras e gritando palavras ininteligíveis, espicaçavam também o jovem quadro guarani.

Mas o toque emocional e guerreiro não iria acontecer naquele primeiro tempo quase álgido, abúlico e frio.

No segundo tempo, no entanto, a guerra explodiu, violenta e decisiva. E aos 14 minutos, quando a partida atingia quase o seu «climax», Brandãozinho abre para Pinga, que, num passe infeliz, deixa para Cabrera. Cabrera, por seu lado, não controla a pelota, que acaba nos pés de Julinho. Êste avança, incontrolável, e deixa a bola no fundo das rêdes. Era o primeiro «goal» do Brasil — e o estádio inteiro, como um imenso motor roncando forte, como que vem abaixo.





A alegria de uns (brasileiros) era a tristeza de outros (paraguaios). A foto acima explica isso muito bem.

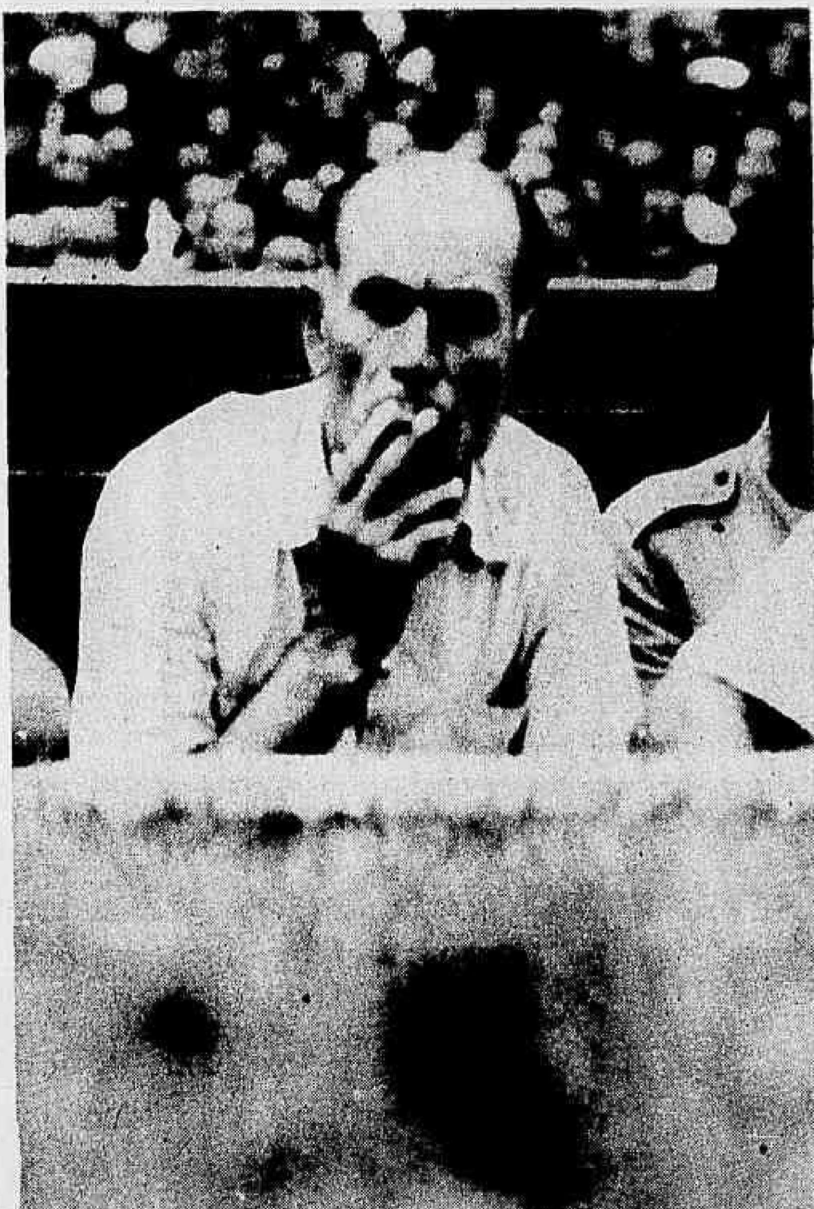


BALTAZAR (foto acima) ESTAVA COM O SANGUE QUENTE.





Nas fotos acima, os três primeiros «goals» do Brasil: o primeiro foi de Julinho, o segundo de Baltazar e o terceiro novamente de Julinho. E três



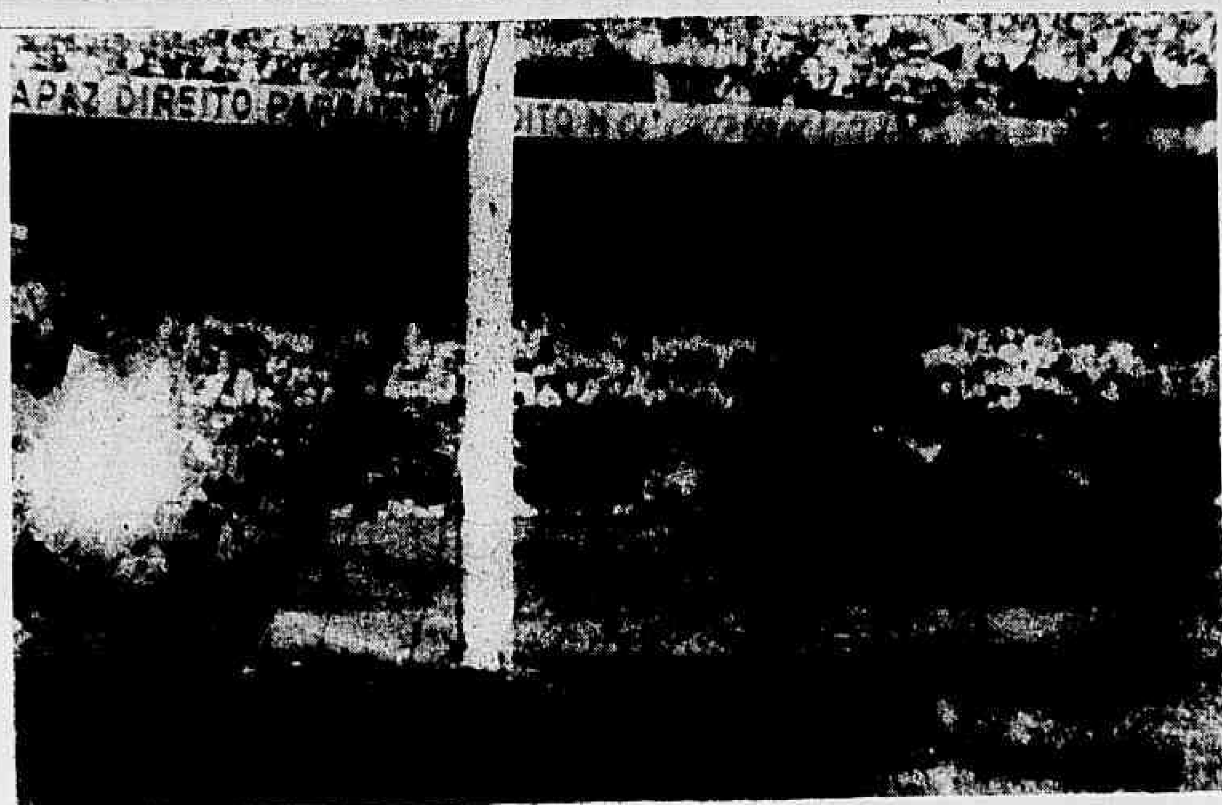
Bartoli, o técnico da equipe paraguaia, viveu duas horas de angústia e tormento.



A peleja continua, firme, com avanços e recuos, ataques e contra-ataques, como numa verdadeira batalha entre dois exércitos poderosos. Dois minutos após o sensacional «goal» de Julinho, chega a vez do infalível Baltazar. Recolhendo uma bola «centrada» por Maurinho, o fabuloso centro-avante assinala o segundo goal dos brasileiros. Mas 14 minutos após, numa forte reação, os paraguaios conquistam, por intermédio de Gonzalez e em meio a um silêncio glacial por parte da assistência, o seu primeiro e único «goal». Os brasileiros reagem, porém, e aos 40 minutos, Julinho, recebendo um espetacular passe de Pinga, assinala o terceiro «goal» dos brasileiros. E o quarto viria logo depois, assinalado por Maurinho quando a partida vivia os seus derradeiros instantes. Lá em cima, os ponteiros assinalavam a vitória irrecorrível: 4x1 a favor do Brasil. A equipe paraguaia, que parecera um pesadelo, fôra fragorosamente batida.

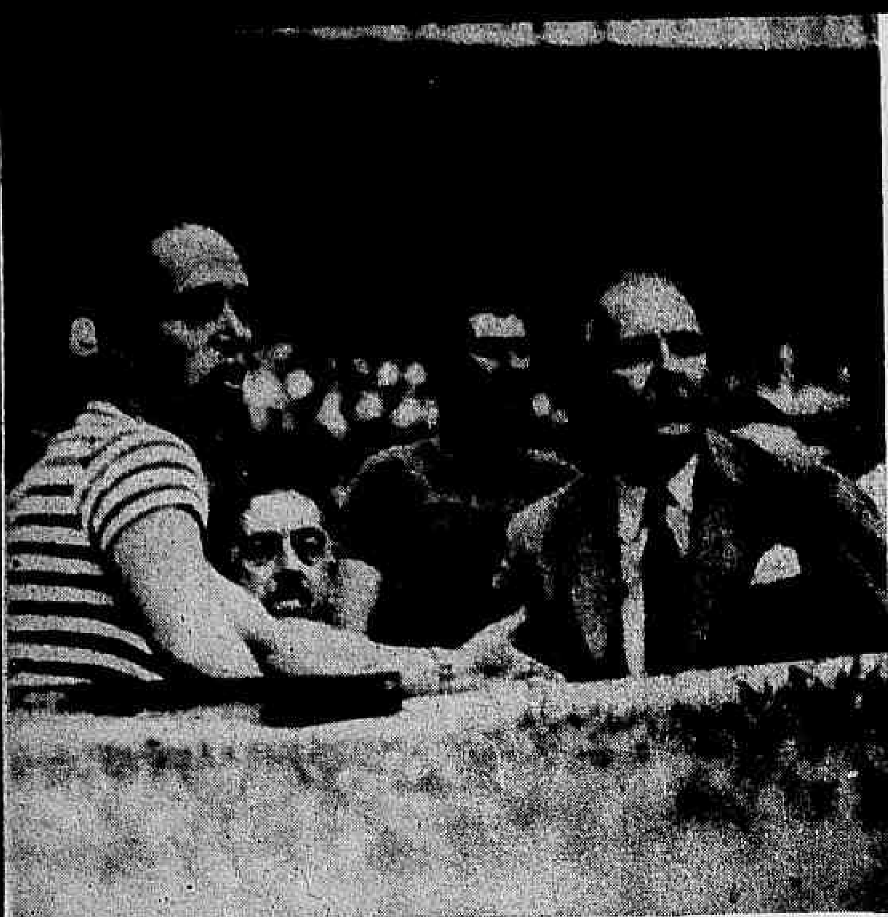
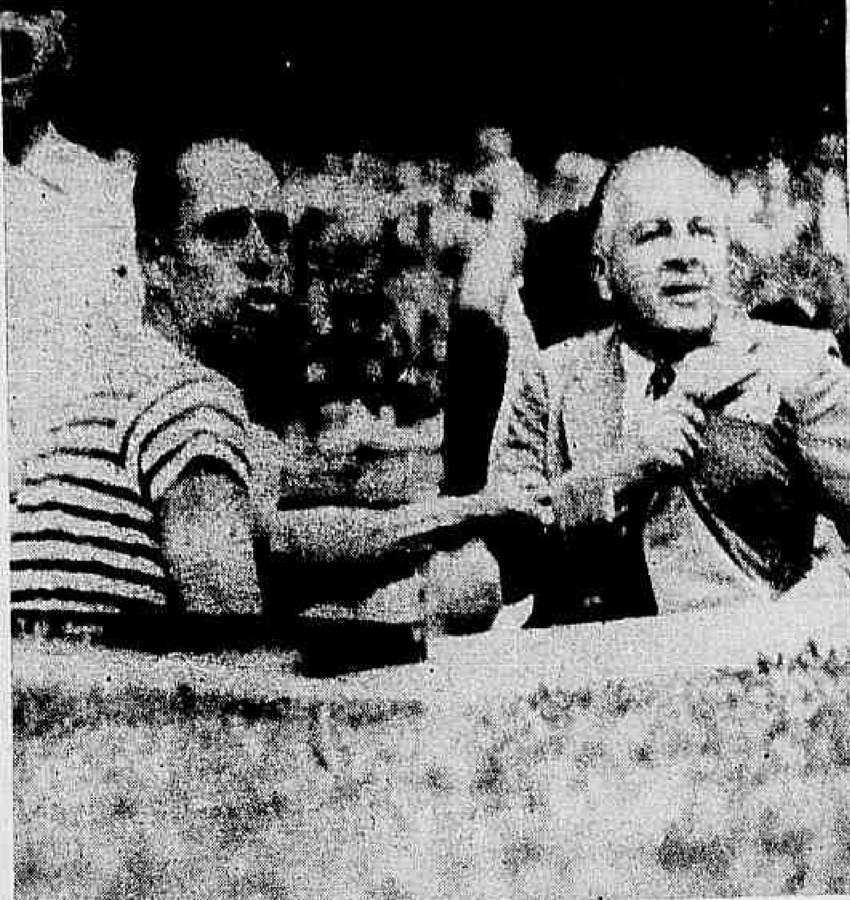
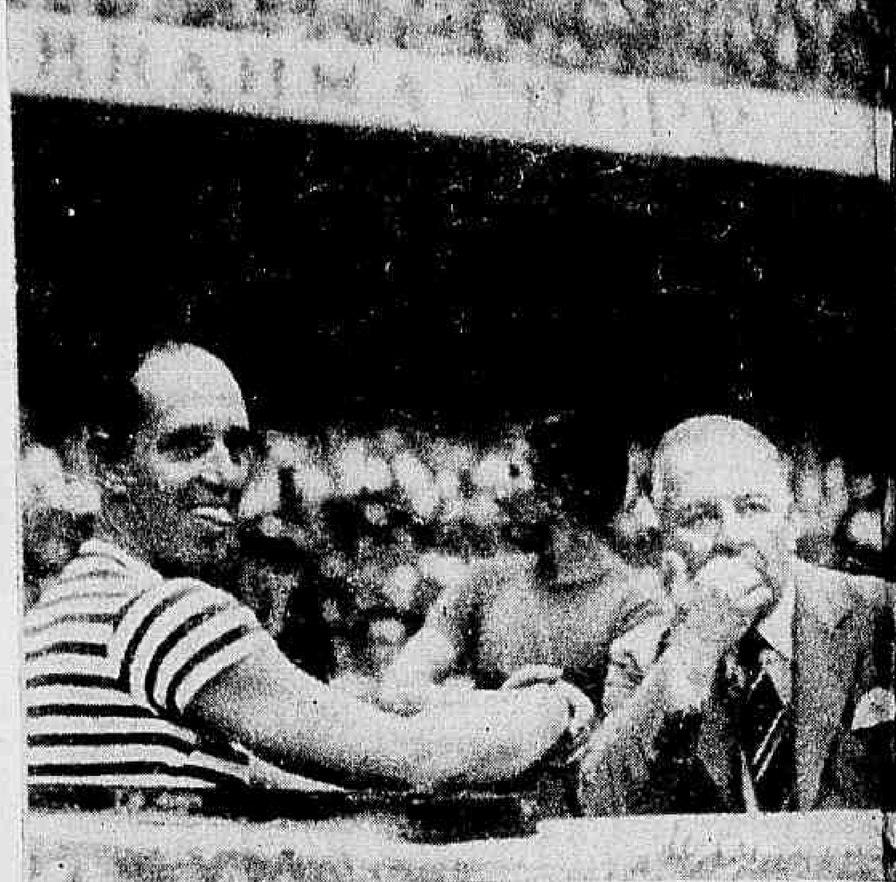
E minutos após o apito final do juiz, lá estava Zezé Moreira, carregado nos ombros dos seus pupilos pelo meio do campo, vivendo o seu grande momento de glória. Era como um rei — soberano absoluto da arena onde se decidira uma luta dramática e perigosa.

TE. E O SEGUNDO TEMPO FOI UMA GUERRA SEM ARMISTÍCIO





E três minutos antes do fim da peleja, surgiria o quarto, conquistado espetacularmente por Maurinho

ZEZÉ MOREIRA: QUARENTA MINUTOS ENTRE O MÊDO E A EUFORIA











A 20 MIL FICARAM DE FORA, OUTROS ENTRARAM DE QUALQUER MANEIRA





CHAMPANHOTA

PETER

● Continua a repercutir na sociedade o «cocktail» do aniversário da sra. Leda Galliez. A festa foi mais um testemunho de que «River-Side» continua na vanguarda do bem receber. Pode-se dizer que foi a última grande recepção dêste verão petropolitano.

FOI PRA CABEÇA

● Os srs. embaixador Décio Moura, Jorge Guinle, Osvaldo Penido, Oscar Onstein e cronistas especializados em sociedade, reuniram-se no Copacabana Palace para um almôço, durante o qual foram discutidos os reflexos publicitários do nosso I Festival Internacional de Cinema. Os senhores em questão concordaram que foi tudo um sucesso. Os americanos e o mundo já sabem que o Brasil não é a capital de Buenos Aires.

CANADA DE LUXO

● O Rio de Janeiro virou pâlco de desfiles. Americanos, francesas de alguns franceses assim, assim do Follies-Bergére e, agora, um desfile organizado pela Canadá de Luxo para a crônica especializada, ou melhor, para a imprensa de um modo geral. Esperam-se grandes novidades em modas, trazidas, recentemente, da Europa pelo super simpático e civilizado sr. Pellicks. Aguardemos.

CABO FRIO

● Com bons pneumáticos que resistam às pedras sôltas e cortantes, já se pode fazer Niterói-Cabo Frio em duas horas e quinze. Isso, evidentemente, com um bom automóvel por cima dêsses pneus. Assim, sai-se do clima ameno e oxigenado de Petrópolis para o ar salitrado, aspecto desértico, de uma beleza áspera. Com o asfaltamento do resto da estrada, Cabo Frio terá, sem dúvida, multiplicada por mil essa população que se desloca para as suas dunas, todos os fins de semana. Pena que o tempo fôsse pouco para abraçar os srs. Alberto Proença de Faria, Joaquim Guilherme da Silveira e Senhoras. Boas pessoas e bons pescadores.

NOIVADO

● O sr. Carlos Gustavo Nabuco anunciou sua intenção de ficar noivo da srta. Vicentina Noveli, num jantar que os pais da noiva (sr. e sra. Noveli Júnior) ofereceram na ocasião. Lado a lado, na mesa, o pai do noivo (sr. Luís Nabuco) e o avô da noiva (marechal Eurico Gaspar Dutra) comentaram comovidos, com algumas lágrimas de emoção o feliz acontecimento. O sr. Augusto Frederico Schmidt (que conseguiu o milagre de conciliar finanças e poesias) pròvàvelmente, sôbre o fato, comporá um verso branco. Completamente branco.

O FAMOSO PIJAMA LISTADO

● William Shakespeare Júnior (Wylli), filho canino do cronista Jacinto de Thormes, teve verdadeira consagração na festa muito bem organizada pelo jornalista José Amádio. Amádio bolou uma festa com certo senso jornalístico. Vocês verão. No Clube das Chaves.

A NOTA FALSA

● Quando da reabertura do Congresso Nacional, como acontece todos os anos, compareceram altas autoridades civis, militares, pessoas do mundo diplomático dos quatro cantos do globo. ~~Tudo correu perfei~~tamente; apenas uma nota distoante: o diretor geral da Secretaria da Câmara dos Deputados fêz funcionar seu famoso fígado. Foi pouco delicado como sempre. Todos os presentes notaram que êle entrava e saía do salão de recepção sem cumprimentar quem quer que fôsse. Ainda há à venda (sem querer fazer propaganda) muitos vidrinhos daquele pòzinho para quem não tem fígado bom. Aproveite.

UM BOM ESTRANGEIRO

● O sr. Maurício Marullo é um engenheiro italiano que vive viajando a serviço da fábrica para que trabalha. Agora, encontra-se no Egito, hospedado no famoso hotel «Semiramis» e tem jogado cartas, diàriamente, com o Aga Kan, a Begun e o filho mais moço. Êle manda dizer muitas coisas, inclusive, que tem muitas saudades do Brasil e que voltará a passeio.

RECEBERAM...

● A srta. Beatriz Galhembeque recebeu para um jantar íntimo. Depois, todos foram ver (pela décima vez) o «show» do «Casablanca».

● A srta. Bernadete Simões Soares ofereceu para seus amigos paulistas um jantar. Ainda bem de madrugada podiam ser vistos os convidados batendo papo junto à janela. Bernadete ficou bastante contente com o resultado.

ALENCASTRO DE VOLTA

● Chegou do exterior contando muitas coisas o sr. Alencastro Guimarães. Quase não circula, mas faz com satisfação o relato de tudo o que viu por êste mundo grande.



último flash

ROTEIRO (relâmpago) DA PRISÃO DE MARINA

● **Foi decretada a prisão de Marina de Andrade Costa, "pivot" do Crime do Socopã, por 15 dias, considerada pelo juiz Cláudio Cruz como testemunha faltosa. Marina sumiu. Mas foi logo encontrada em Niterói na madrugada de 22 de março. Conduzida por quatro investigadores, foi levada à Delegacia de Vigilância, seguiu para a Polícia Central (onde foi identificada), partiu para a Penitenciária Central (novamente identificada), e dali para a Penitenciária de Bangu, e novamente para a Penitenciária Central e dali para o Palácio de Justiça — onde foi posta em liberdade. Marina se negou terminantemente a fazer qualquer declaração à imprensa. Mas, nesta altura, muita coisa já está sendo esclarecida no Tribunal do Júri, com o sensacional julgamento do tenente Bandeira.** (Veja reportagem completa no próximo número).

★ MEDICINA ★ MECÂNICA ★ AVIAÇÃO ★ ARQUITETURA ★ TESTES ★

O MAIS COMPLETO E EXATO RETRATO do MUNDO



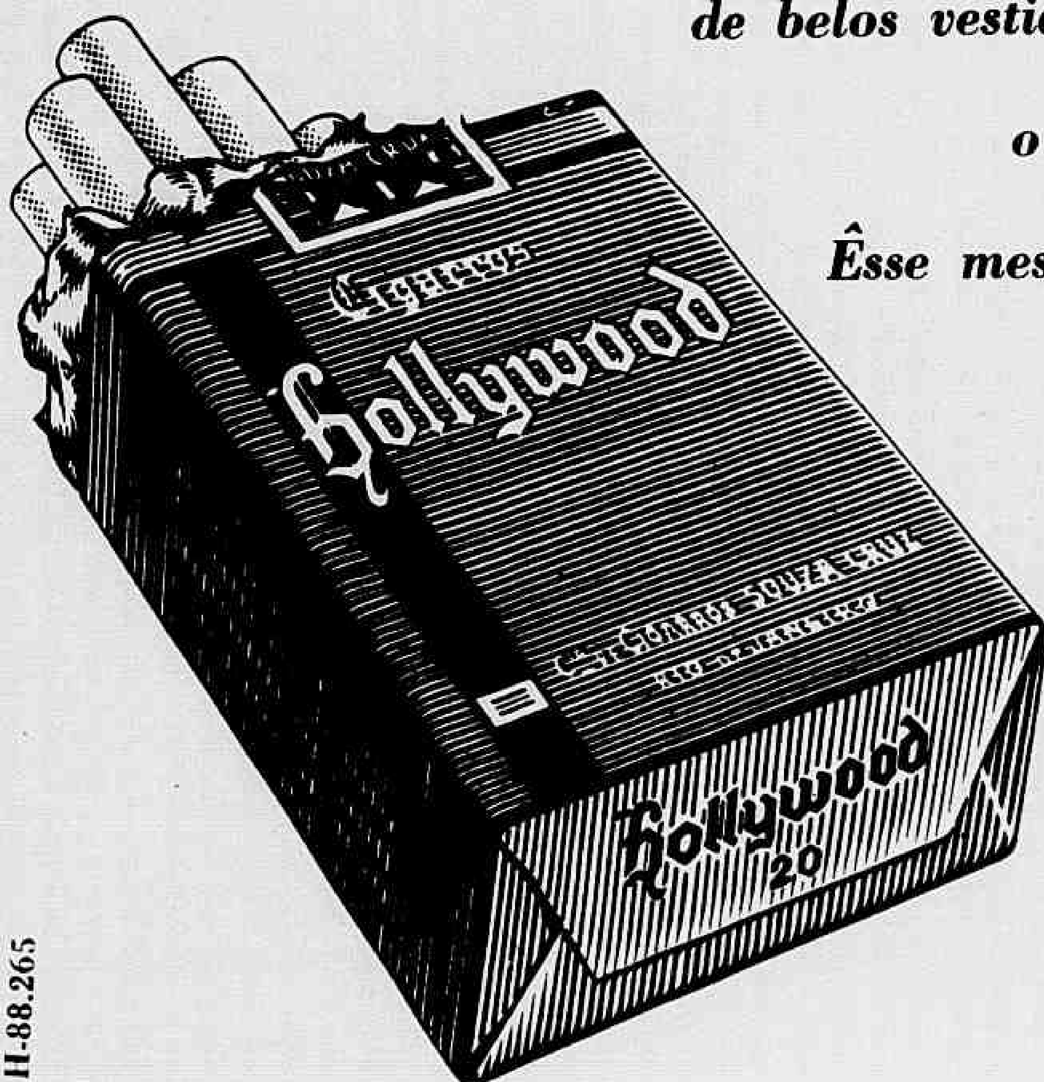
ROMANCES ★ TEATRO ★ CINEMA ★ CURIOSIDADES ★ CONTOS ★ NOVIDADES

★ AVENTURAS ★ EX-LIBRIS ★ QUEBRA-CABEÇAS ★ ESTATÍSTICAS ★

HISTÓRIA ★ LITERATURA ★ POLÍTICA ★ RELIGIÃO ★ CIÊNCIA ★ ASTROLOGIA

"modista"...

... é aquela que, na confecção
de belos vestidos, reune à sua arte
o mais apurado bom gôsto.
Êsse mesmo bom gôsto é
que leva os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

H-88.265

UM PRODUTO SOUZA CRUZ